

actas



Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa





Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa

Ed. Rodrigo de Balbín Behrmann



La colección DOCUMENTOS PAHIS está integrada por las publicaciones promovidas por la Dirección General de Patrimonio Cultural de la Consejería de Cultura y Turismo en las que se recopila las líneas estratégicas, los programas y acciones desarrollados sobre el patrimonio cultural de Castilla y León de acuerdo con las previsiones establecidas en el Plan PAHIS 2004-2012.

La información, criterios, opiniones y propuestas que recogen las publicaciones han surgido en trabajos y encargos gestionados y supervisados por diferentes servicios técnicos y programados en el seno de la Dirección General de Patrimonio Cultural, y pretenden servir de difusión y de reflexión de las intervenciones, de las metodologías empleadas y de las previsiones sobre los bienes culturales en sus diferentes aspectos y tipologías.

La redacción de los textos, las imágenes y documentación gráfica es responsabilidad de cada uno de los autores, a quienes corresponde su propiedad intelectual.

© 2008 de esta edición:
Junta de Castilla y León
Consejería de Cultura y Turismo

ISBN: 978-84-9718-592-9

Depósito Legal: S. 843-2009

Diseño y Arte final: dDC, Diseño y Comunicación

Imprime: Gráficas Varona, S.A.

Printed in Spain. Impreso en España

António Martinho Baptista
Andrés Tomás Santos
Dalila Correia

Entrada N-222, 5150 Vila Nova de Foz Côa. Portugal.
ambaptista@mail.telepac.pt
a.t.santos@sapo.pt
dalilacorreia@hotmail.com

O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do Bestiário Gravettense e/ou gravetto-solutrense

Resumo

No seguimento dos últimos trabalhos de campo (2005/2006) e consequentes reflexões em torno da fase antiga da Arte do Côa, é agora possível (re) pensar o santuário arcaico relativamente à hipotética associação de determinados temas gravados com pontos concretos da paisagem que vão marginando o curso do rio. Estes pontos concretos (ou *lugares*) terão funcionado como centros focais de significação interdependentes semanticamente entre si. O Baixo Côa

paleolítico será assim “interpretado” como uma ampla estrutura relacional fruto da expressão de uma leitura particular do *Mundo*. Consideramos que, para além de ser reflexo dessa leitura, o vale foi particularmente importante na imposição/manutenção da mesma. Isto é, mais de que uma mera representação daquilo que as comunidades coevas pensavam de si próprias e do que as rodeava, foi uma ferramenta crucial para impor esse mesmo pensamento.

Palavras chave

Vale do Côa, Arte Rupestre Paleolítica, Gravettense, Solutrense, Estrutura, Fenomenologia, Interpretação Simbólica.

Introdução

Neste trabalho pretende-se, como o título indica, apresentar uma proposta interpretativa relativa à distribuição do bestiário da fase mais arcaica da arte paleolítica regional pelos diversos pontos da paisagem que se desenvolve ao longo do Côa. Uma primeira abordagem específica referente à área da Penascosa/Quinta da Barca foi já apresentada (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006), encontrando-se uma outra em curso de publicação (A. M. BAPTISTA *et alii*, no prelo), centrada sobre os sítios em torno do monte do Fariseu.

Não nos alargaremos sobre os paradigmas teóricos que suportam o nosso trabalho, porquanto já se encontram discutidos numa dessas publicações (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006, 156-157). Muito resumidamente, assumimos a nossa dívida para com as propostas estruturalistas de autores anteriores (v. g. M. RAPHAEL, 1945, A. LAMING-EMPERAIRE,

1962, LEROI-GOURHAN, 1965 [reed. 1995], 1968, 1972, G. SAUVET *et alii*, 1977, G. SAUVET, S. SAUVET, 1979, G. SAUVET, 1988, G. SAUVET, A. WŁODARCZYK, 1995 ou D. VIALOU, 1986). Por outro lado, devemos também deixar claro que, como Vialou, admitimos uma diversidade semântica da arte paleolítica. Só aceitando tal diversidade se poderá explicar porque as análises ao nível de sítios específicos apontam para uma verdadeira estruturação dos mesmos ao mesmo tempo que as análises globalizantes apresentam assinaláveis incongruências. Por outro lado, este aspecto ilustra bem qual a grande limitação do estruturalismo, a saber –a sobrevalorização da semiótica em detrimento da semântica. Ou, por outras palavras, a compreensão em detrimento da explicação (P. RICOEUR, 2000, 94-95). Esta situação é particularmente bem ilustrada

pela pouca ênfase que Leroi-Gourhan, sendo o estruturalista que mesmo assim mais se atreve a explicar, põe neste ponto chegando a intitular a última parte de um dos seus textos como “Carência de uma explicação” (1984, 435). Ora, este é um ponto de suma pertinência uma vez que, tal como propõem os hermeneutas pós-estruturalistas, a relação entre significante e significado é relacional, ou se quisermos utilizar os conceitos de Saussure, não há *langue* sem *parole*. Ora, esta última é criadora/criada de/num *Mundo*, e “mediadora” entre este e o *Ser*, também ele integrado nesse *Mundo*, definindo-se este como a concretização da *Mundanidade*— um plexo de referências significativas, um sistema de relações (M. HEIDEGGER, 1998, 103). Esta *Mundanidade* corresponde a um dos elementos constitutivos do *Ser no Mundo* (M. HEIDEGGER, 1998, 77). O *Mundo* é consequentemente e em curtas palavras, a concretização da *Mundanidade*. Ou seja, enquanto esta corresponde a um conceito ontológico, aquele trata-se de um ontológico existencial (M. HEIDEGGER, 1998, 78).

Esta premissa implica que a compreensão de algo dentro de um *Mundo*, depende do nosso conhecimento de todo o plexo de referências com que esse algo se relaciona, ou seja, depende do nosso conhecimento desse *Mundo*. Na compreensão de um sítio de arte rupestre temos que forçosamente não só relacionar as figuras entre si e entre elas e o suporte, como também com todos os aspectos de um *Mundo* que julgemos pertinente, nomeadamente a paisagem ou o próprio corpo, ele próprio inserido nesse *Mundo*. É nesse sentido que a abordagem fenomenológica da arte rupestre ganha toda a pertinência (A. T. SANTOS, no prelo). O *point de vue phenomenologique* é um conceito já utilizado no estudo da arte paleolítica por D. Vialou (1986, 336) se bem que quanto a nós não levado até às últimas consequências. Na verdade, as abordagens fenomenológicas mais profundas às materialidades pretéritas vamos encontrá-las é entre os investigadores que se têm debruçado sobre os vestígios materiais datados da Pré-história Recente (v. g. C. TILLEY, 1994, 2004, J. THOMAS, 1996, A. T. SANTOS, 2003).

As metodologias estruturalistas continuam, no entanto, a ser imprescindíveis, na medida em que são a ferramenta necessária para a compreensão de um sítio a um primeiro nível. Neste texto procuraremos numa fase prévia compreender a organização estrutural subjacente à distribuição das rochas de cada uma das estações nas suas fases Gravettenses e/ou Gravetto-Solutrenses, que correspondem às fases mais antigas da Arte do Côa. Seguidamente procuraremos relacionar as estações entre si. Finalmente discutiremos a relevância dos resultados a que podemos chegar no contexto coevo. As estações sobre as quais nos debruçaremos são as seguintes: Penascosa,

Quinta da Barca, Ribeira de Piscos, Fariseu, Vale de Figueira, Vale de Videiro, Canada do Inferno e Rego da Vide. Deixaremos de fora o sítio da Faia, pois as suas características parecem poder levar-nos a interpretá-la mais como um marcador territorial do que como parte integrante do santuário propriamente dito (A. M. BAPTISTA, M. Garcia, 2002, 187). Procuremos agora sintetizar o que conhecemos já do *Mundo* do qual emergiram tais gravações, ou dito de outra maneira, qual o contexto arqueológico envolvente.

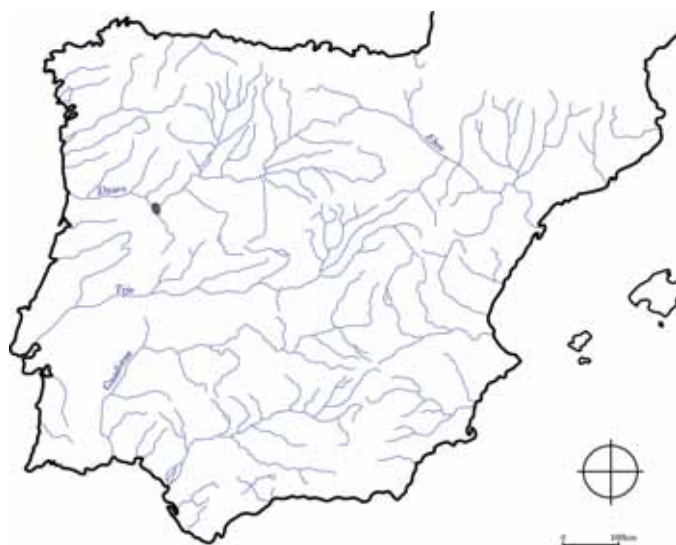
Contexto geo-arqueológico

Este ponto e o referente às estações de Penascosa e Quinta da Barca foram já objecto de análise noutro sítio (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006).

O Côa monumentalizado através da arte rupestre corre de sul para norte embutido na superfície fundamental da Meseta Ibérica (Fig. 1), um pouco para leste do degrau que, seguindo o rio do Vale da Vila e o *graben* da Longroiva, limita esta mais que ampla superfície de erosão (A. B. FERREIRA, 1978, 81). O seu curso na área que nos interessa apresenta-se no seu sector montante (onde se encontra a Faia) com um traçado rectilíneo, enquanto o jusante é mais meandrizado, o que se deve à conjugação da existência de diversos substratos rochosos e de fenómenos tectónicos vários (J. MEIRELES, 1997, 42). Assim, no primeiro sector referido o rio corre em vale profundamente encaixado e ladeado por fortes pendentes. Já para jusante, os vales são globalmente em V, fruto essencialmente da natureza xistosa do substrato. Algumas áreas do vale apresentam-se, no entanto, algo alargadas, sendo um dos casos mais expressivos precisamente o da praia da Penascosa. Isto deve-se à “acção combinada da tectónica e da acentuada erosão regressiva exercida sobre as formações metassedimentares do substrato” (J. MEIRELES, 1997, 43). Estes aspectos são assim responsáveis pela rede hidrográfica bastante cavada e pelos interflúvios de topos planos e ligeiramente arredondados que caracterizam a zona do vale, aparecendo-nos este com a expressiva ondulação que o caracteriza. Deve-se ainda referir pela sua identidade perceptual, o amplo terraço existente entre a Quinta da Barca e a Quinta da Ervamoira, originando-se ali, uma zona de “baixio” em relação aos relevos circundantes. Para leste do Côa destaca-se de sobremaneira na paisagem envolvente o *inselberg* de S. Gabriel. Trata-se de um relevo cujos quartzitos ordovícicos permitiram a resistência à erosão geral da superfície da Meseta (A. F. SILVA, M. L. RIBEIRO, 1991, 8).

De momento, não dispomos de dados paleoambientais ou paleoclimáticos que possam com rigor descrever estes

Fig. 1. Localização do Baixo Côa na Península Ibérica.



aspectos durante o mais antigo período de gravação do vale. No entanto, por extrapolação podemos admitir que nos encontraríamos num clima bastante mais seco, mas perante um rio mais caudaloso, porquanto este seria alimentado pelos degelos dos glaciares da serra da Estrela (J. ZILHÃO, 1997, 20-21) e das neves sazonais dos planaltos circundantes (T. AUBRY *et alii*, 2002, 73).

Os 28 núcleos de arte rupestre paleolítica (A. M. BAPTISTA, M. REIS, neste volume) (Fig. 2), distribuem-se precisamente ao longo deste rio, seus tributários, assim como por alguns subsidiários do Douro próximos da foz daquele. Obedecendo a diferentes padrões de localização, podem, de momento, identificar-se duas grandes fases de gravação (A. M. BAPTISTA, 2001a). A primeira caracteriza-se essencialmente pelo uso preferencial da picotagem profunda a que se pode associar a abrasão. Nesta fase, os animais mais gravados correspondem aos equídeos, bóvidos e capríneos, executados de acordo com critérios específicos bem precisos (E. GUY, 2002). Vários factores nos impelem a integrá-los no período situado entre o Gravettense e o Solutrense. O argumento de maior peso corresponde ao que teve origem nos dados recolhidos a partir da escavação do sector da Rocha 1 Fariseu. A análise do material lítico contido nas camadas 4c e 4e desta estação e as datações absolutas sobre materiais delas provenientes, vieram a demonstrar que as gravações contidas na rocha 1 (parcialmente recobertas pelas camadas atrás referidas e ainda pelas 5 e 6) seriam pelo menos anteriores a cerca de 15.000 BP (T. AUBRY, neste volume). Estes trabalhos vieram por-

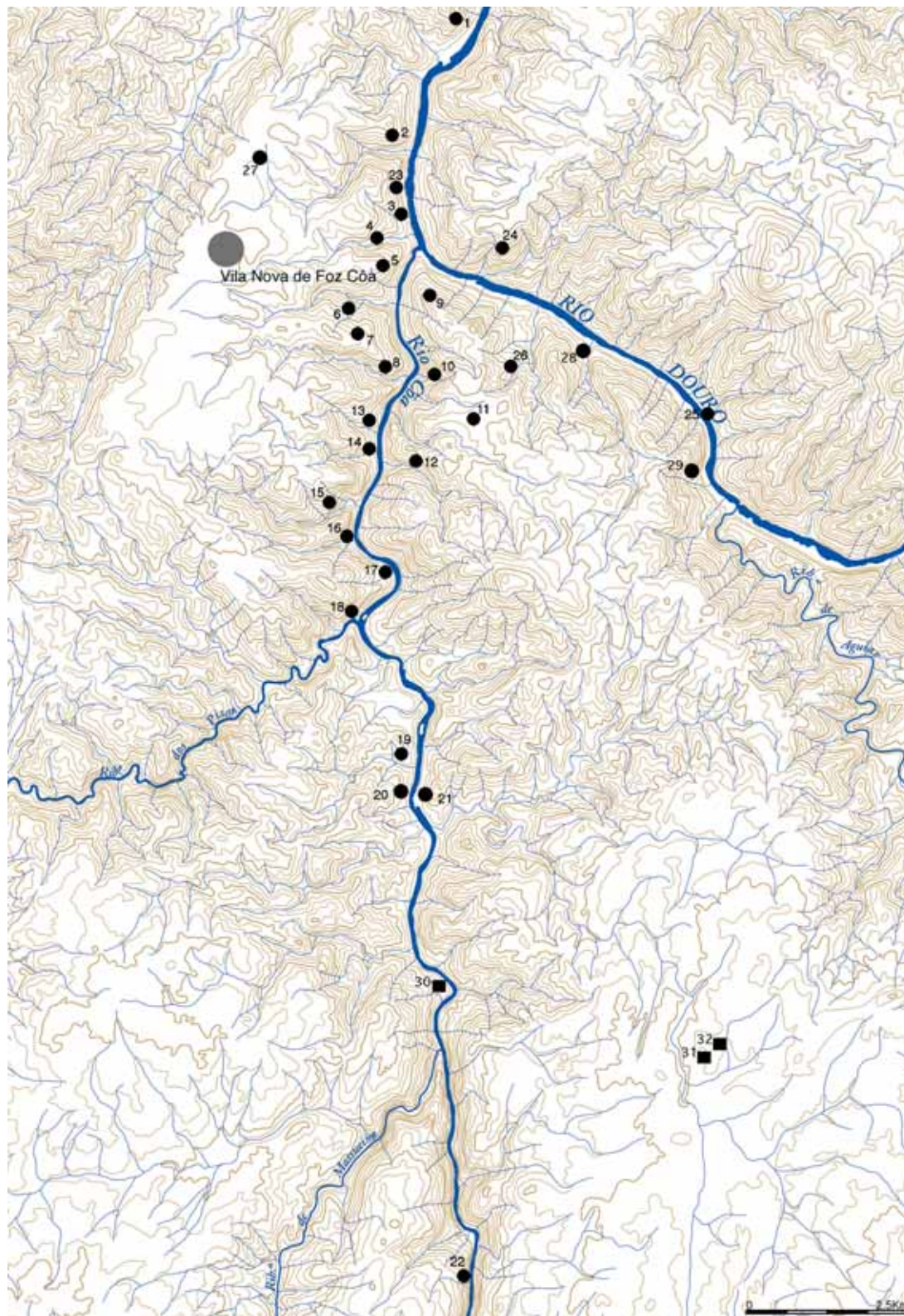
tanto precisar um primeiro quadro crono-estilístico apresentado (A. M. BAPTISTA, 1999a; 1999b); por outro lado, os paralelos quer com conjuntos datados pelo ^{14}C , quer com outros que, não se encontrando datados radiocarbonicamente, são atribuíveis ao mesmo período. Entre os conjuntos datados pelo ^{14}C refiram-se os auroques e cavalos da fase II de Cosqueur (salientando-se aqui que duas das amostras são provenientes do cavalo 1). Se excluirmos a data Gif A 92 492 (uma vez que a segunda data proveniente do mesmo bisonte é mais fiável), as quatro restantes (J. Clottes, J. Courtin, 1992, 170-173) são estatisticamente semelhantes entre si (teste t: 5.57896; Xi^2 (.05): 7.81), pelo que é permissível calcular a média ponderada cujo resultado é o seguinte: 18811 ± 112 BP. Também paralelizáveis são os cavalos de Mayennes-Sciences, cujo exemplar 15 forneceu duas datas (R. PIGEAUD, 2004, 127) estatisticamente semelhantes entre si (teste t: 0.5426593; Xi^2 (.05): 3.84) e cuja média ponderada fornece o seguinte resultado: 24797 ± 332 BP. Também os cavalos e cabras de Nerja A são passíveis de ser paralelizados com os do Côa. Daqui conhecemos a datação 19900 BP (J. L. SANCHIDRIÁN, 2000, 544). Será de referir que todos os cálculos estatísticos e calibrações presentes neste texto foram feitas com o programa *Radiocarbon Calibration Program*, ver. 5.0 (fornecido pelo Quaternary Isotope Laboratory, University of Washington). Quanto à utilização do mesmo, consultar M. Stuiver *et alii*, 1998. Entre os conjuntos não datados refiram-se os santuários exteriores da Cantábria na sua segunda fase (J. FORTEA, 1994, 209-214) ou, por exemplo, o sítio de La Griega (G. SAUVET, S. SAUVET, 1983), pese o facto de mais recentes estudos pressuporem uma maior diacronia de gravação na gruta –entre os 16.000 e os 11.000 BP (M. S. CORCHÓN *et alii*, 1997, 165-168).

Na primeira fase de gravação do Côa, para além destas figuras “mais típicas”, devemos ainda contar com alguns motivos filiformes de contorno simples, executados de forma bastante tosca e que aparecem sobrepostos pelas gravuras a que nos temos vindo a referir (v. g. rocha 1 da Canada do Inferno ou rocha 1 do Fariseu). Esta fase encontra-se apenas junto ao Côa, atingindo o maior número de representações nas zonas das antigas praias (A. M. BAPTISTA, M. GARCÍA, 2002, 200).

A segunda grande fase de gravação do Côa é atribuível ao Magdalenense, sendo caracterizada essencialmente por figuras filiformes de traço múltiplo. Ocorrem também as de contorno simples, estas profusamente detalhadas do ponto de vista anatómico. Os paralelos mais evidentes, em particular para as primeiras, encontramos na arte parietal da Cantábria [lembramos aqui a datação obtida para um traço negro sobre uma corça estriada na gruta de Altamira: Gif A-96059: 14650 ± 140 BP (A. MOURE *et alii*, 1996, 304)] ou nas omoplatas gravadas da mesma região [também de

Fig. 2: Distribuição das estações de arte rupestre paleolítica (círculos) e dos sítios de habitat com níveis Gravettenses e/ou Solutrenses (quadrados) pela bacia do Baixo Côa (com base nas folhas 11C e 15A da Carta Corográfica de Portugal, escala 1: 50 000).

1. Vale da Casa;
2. Vale de Cabrões;
3. Vermelhosa;
4. Vale de José Esteves;
5. Foz do Côa;
6. Vale do Forno;
7. Moinhos de Cima;
8. Vale de Moinhos;
9. Quinta das Tulhas;
10. Broeira;
11. Meijapão;
12. Canada do Amendal;
13. Rego da Vide;
14. Canada do Inferno;
15. Vale de Videiro;
16. Vale de Figueira;
17. Fariseu;
18. Ribeira de Piscos;
19. Ribeira das Cortes;
20. Quinta da Barca;
21. Penascosa;
22. Faia;
23. Bulha;
24. Ribeira de Urros;
25. Vale de João Esquerdo;
26. Canada da Moreira;
27. Tudão;
28. Ribeira da Cabreira;
29. Canada do arrobão;
30. Cardina;
31. Olga Grande 4;
32. Olga Grande 14.



Altamira é proveniente uma omoplata datada: Gif A 90057: 14480 ± 250 BP (F. BERNALDO, 1994, 265). Corresponde à placa S. 1m-1006bis de Corchón, aparecendo aí um quadrúpede estriado (M. S. CORCHÓN, 1986, 290 e 302, fig. 55 em baixo)]. De referir ainda o aparecimento de numerosas placas com motivos estriados proveniente da camada Magdalenense do Fariseu [duas das cerca de 60 placas aqui exumadas encontram-se já publicadas (M. GARCIA, T. AUBRY, 2002)]. Para além da incisão conhece-se também deste período a associação picotagem/abrasão como o demonstra o repertório figurativo da rocha 3 da Quinta da Barca [Composta por um bode com duas cabeças com o corpo orientado para a esquerda, uma cabra orientada na mesma direcção e uma coxa de um outro animal, provavelmente da mesma espécie, orientado da mesma maneira (A. M. BAPTISTA, 1999a, 116-117). Dois aspectos nos indicam uma possível cronologia magdalenense: por um lado a morfologia das patas paralelizável com as dos bisontes de Altamira cuja média ponderada das datas mais antigas (as da fracção húmica) (F. BERNALDO, 1994, 265) que são estatisticamente semelhantes entre si (Xi²: 5. 99; Teste T: 2. 958969), é de 14442 ± 111 BP. Por outro lado, a técnica do “arame farpado” cuja presença no Parpalló está atestada a partir do Magdalenense Antigo B (F. VILLAVERDE, 1994, 78)]. A distribuição espacial das gravuras deste período é mais abrangente, “conquistando-se” agora os altos e os tributários do Douro. Em relação ao bestiário ganha particular relevância o cervídeo, agora mais profusamente gravado.

Neste trabalho debruçar-nos-emos exclusivamente sobre o primeiro período de gravações do Côa, fase que se encontra também bem representada nos sítios arqueológicos que têm vindo a ser investigados na região. De momento, na região estão inventariados cerca de 45 sítios provavelmente paleolíticos (L. LUÍS, 2005, 36). Destes, à volta de 30 poderão ser integrados no Paleolítico Superior (T. AUBRY *et alii*, 2002, 69), confirmando-se a presença Gravettense e Solutrense na Olga Grande 4 (T. AUBRY, 1998; N. Mercier *et alii*, 2001, 279, T. AUBRY, J. Sampaio, 2003a), 14 (T. AUBRY, 2001, 261-262, T. AUBRY, J. SAMPAIO, 2003b), Cardina I (J. ZILHÃO *et alii*, 1995; N. MERCIER *et alii*, 2001, 279), Ínsula (já na ribeira de Aguiar, esta apenas com Gravettense) (T. AUBRY, A. F. CARVALHO, 1998, 28; T. AUBRY, 2001, 262) e eventualmente Fariseu (T. AUBRY, A. M. BAPTISTA, 2000, T. AUBRY, 2002, 35-36). Os dois primeiros sítios localizam-se no planalto granítico, os últimos no fundo do vale (Fig. 2). A estas diferentes localizações correspondem diferentes estruturas e diferentes conjuntos materiais que poderão indicar uma diferença/complementaridade de funcionalidades. Assim, os primeiros parecem relacionar-se particularmente com actividades cinegéticas, enquanto os segundos (à excepção

do Fariseu que se encontra ainda mal caracterizado) parecem ter uma função mais residencial (T. AUBRY *et alii*, 2002, 74). Todos os sítios (com a excepção evidente da Ínsula) se relacionam de forma directa ou indirecta com as estações de arte rupestre do vale: a Cardina encontra-se a cerca de 3 quilómetros para montante da área Penascosa/Quinta da Barca, o Fariseu está intimamente relacionado com as rochas aí presentes, os sítios do planalto localizam-se junto às nascentes da Ribeirinha, curso de água que desemboca no Côa, junto à Penascosa. É particularmente relevante esta associação espacial em relação à arte rupestre, porquanto nos demonstra a proximidade entre sítios do quotidiano e outros dados até há pouco tempo como pouco acessíveis. A ligação entre os sítios com arte e os de *habitat* é ainda mais reforçada pela presença de picos que poderão ter sido utilizados na execução das gravuras, encontrados no sítio da Olga Grande 4, assim como a presença de xistos da formação da Desejosa naquela mesma estação (T. AUBRY *et alii*, 2004, 46). Outro aspecto importante a ter em conta é a origem da matéria-prima, em particular do sílex, uma vez que este, embora residual no conjunto lítico, é de proveniência não local ou regional. Os estudos demonstram-nos que é proveniente de áreas que se poderão situar a cerca de 250 km da região (T. AUBRY *et alii*, 2004, 47). Dois modelos explicativos foram propostos: ou o Côa seria um sítio agregador de comunidades dispersas que aí acorreriam sazonalmente ou, mais provavelmente, as comunidades locais interagiam com outras alógenas, seja porque estas aqui se deslocariam, seja porque as primeiras efectuariam trocas nos limites do seu território (T. AUBRY *et alii*, 2004, 47). Assim, de momento, não podemos pela análise exclusiva da origem do sílex avaliar se a relevância social do Côa se estenderia a várias comunidades situadas a vários quilómetros de distância entre si (caso da primeira hipótese explicativa ou da segunda na situação de interacção local) ou se era meramente local (caso da segunda hipótese em que a interacção é feita em pontos afastados do Côa).

Penascosa/Quinta da Barca

Embora, como se referiu em publicações anteriores e se procurará demonstrar seguidamente, as rochas distribuídas pelos dois sítios formem um conjunto estruturado (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997), elas espalham-se por duas margens que do ponto de vista geomorfológico são bastante diferenciadas. É aliás este um dos aspectos primordiais que há que ter em conta na análise do santuário. Passemos, então, à descrição desses aspectos.

Estes sítios estão frente a frente, a Penascosa na margem direita e a Quinta da Barca na margem esquerda do Côa.

Em ambas o substrato rochoso corresponde ao xisto que aqui se manifesta na sua fácies da formação de Pinhão (M. L. RIBEIRO, 2001, 13). As tonalidades das rochas variam entre os cinzentos, os castanhos e os laranjas. Outro aspecto em comum que partilham ambos os sítios é o facto de nos seus sectores setentrionais serem atravessados por um filão de quartzo clorítico com intercalações de magnetite, que na Quinta da Barca se desenvolve no sentido OSO-NNE e na Penascosa no sentido O-E (M. L. RIBEIRO, 2001, mapa f. t.).

O sítio da Penascosa (Foto I) está cartografado na Carta Militar de Portugal, escala 1:25000, folha 151. A rocha 3, que ocupa um lugar mais ou menos central junto à praia, apresenta as seguintes coordenadas Greenwich: 41° 00' 23, 40" N e 07° 06' 12, 42" O. Quanto à altitude, esta varia entre os 137 m da rocha 4 e os 210 m da rocha 20. Administrativamente, a estação integra-se na freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda. Do ponto de vista da geomorfologia, as rochas distribuem-se pela vertente oeste de um esporão que se encontra ligado por norte ao relevo do Alto da Escavada. O limite meridional da estação é marcado pela linha de água imediatamente a jusante da foz da Ribeirinha, afluente da margem direita do Côa. A Setentrião as rochas não ultrapassam o curso hidrológico imediatamente a norte. A vertente apresenta uma forte pendente –em cerca de 200 m existe uma variação de cota da ordem dos 125 m. Entre o sopé e o rio Côa encontra-se uma praia fluvial cuja maior distância em relação ao Côa é de cerca de 150 m. É constituída essencialmente por sedimentos recentes que começaram a preencher esta área do vale há cerca de 6000 anos (a partir da datação OSL de amostra recolhida a cerca de 2,5 m de profundidade), algum tempo após a última fase erosiva do mesmo que terá ocorrido algures entre o princípio do Holocénico e esta data (J. ZILHÃO, 1997, 14). Este aspecto é importante porquanto nos diz que houve importantes modificações da topografia local desde os finais do Plistocénico. No entanto, a nível global, podemos afirmar que já no Paleolítico esta área conseguiria abrigar grandes aglomerados de pessoas. Vários factores nos permitem afirmar isso: por um lado, o processo de preenchimento é precedido por uma fase erosiva ocorrida já em período Holocénico; por outro, as rochas situadas em cotas mais baixas localizam-se sensivelmente ao mesmo nível da praia; e por outro ainda, este padrão corresponde ao que se tem vindo a verificar nas áreas de outras praias fósseis do Côa.

A Quinta da Barca (Foto II) está cartografada na mesma folha da Carta Militar de Portugal, apresentando a rocha 28 as seguintes coordenadas geográficas: 41° 00' 22, 83" N e 07° 06' 21, 53" O. As rochas distribuem-se entre a cota mínima de 125 m das rochas 1 e 23 e a máxima de 205 m

da rocha 15. Administrativamente, encontra-se já na freguesia de Chãs, também do concelho de Vila Nova de Foz Côa. Já a geomorfologia não se apresenta tão regular como a da Penascosa. Esta área é limitada a leste pelo próprio Côa, a sul pela segunda linha de água para jusante da ribeira da Volta (doravante ribeira da Quinta da Barca) e a norte pela linha de água imediatamente a montante da ribeira das Cortes, ambas afluentes da margem esquerda do Côa. Já o limite ocidental é mais impreciso, sendo definido pelas linhas de água subsidiárias das atrás referidas, e que são genericamente paralelas ao próprio curso do Côa. De leste para oeste, a vertente pode ser descrita da seguinte maneira: começa por apresentar uma forte pendente ao longo dos primeiros 25 m em linha recta (com as cotas a variar entre os 160 e os 130 m, formando-se assim como que uma parede que se abate directamente sobre o Côa), seguidamente aparece um degrau de cerca de 120 m ligeiramente ondulado, de cronologia atribuível ao Plistocénico Inferior ou Médio (J. ZILHÃO, 1997, 13; T. AUBRY *et alii*, 2002, 64-65, Fig. 4) com cotas entre os 160 e os 170 m e termina numa pendente novamente bastante acentuada (em cerca de 220 m as cotas variam entre os 258 m do topo e os 170 m). Outro aspecto contrastante em relação ao sítio da Penascosa é a abundância de linhas de água perpendiculares ao Côa que cortam a vertente que temos vindo a descrever. Por outro lado, a ribeira da Quinta da Barca apresenta um percurso algo sinuoso, percorrendo um vale mais apertado no seu sector terminal, alargando um pouco a montante, no ponto em que recebe o curso de água que a alimenta por norte (e que corresponde a um dos limites ocidentais da estação referidos acima). Pequenos corgos de pouca importância ligam esta ribeira com o terraço da casa dos 170 m referido acima. Vejamos agora as rochas historiadas.

Na Penascosa foram inventariadas até ao momento 26 rochas, 19 das quais são seguramente Paleolíticas. (Aos fragmentos partidos encontrados em muro existente abaixo da rocha 6 foi atribuído o n.º 15; consequentemente, em termos de inventário, dispomos de 20 rochas. Por outro lado, há ainda que desenhar e estudar as rochas 18 e 26 que poderão conter respectivamente um “sinal” e um quadrúpede Magdalenense. Já a rocha 25, não fosse a frescura evidenciada pelos sulcos nela presentes, e poderíamos estar também perante “sinais” daquele período). Destas, 10 contêm gravuras que consideramos poderem ser datadas de um período Gravetto-Solutrense, distribuindo-se globalmente ao longo do sopé da vertente (Fig. 3). São estas, de norte para sul, a 11, a 1, a 3 e logo acima a 2, a 4, a 5 e a 6. Acima desta à esquerda encontramos a rocha 7, seguidas da 9 e da 8. Este último grupo, juntamente com a 6, localiza-se num pequeno outeiro que, no sector meridional, se destaca da vertente principal.

O SANTUÁRIO ARCAICO DO VALE DO CÔA: NOVAS PISTAS
PARA A COMPREENSÃO DA ESTRUTURAÇÃO DO BESTIÁRIO
GRAVETTENSE E/OU GRAVETTO-SOLUTRENSE

*Foto I. O
sítio da
Penascosa
visto do
terraço da
Quinta da
Barca.*



*Foto II. O
sítio da
Quinta da
Barca visto
desde cima da
rocha 8 da
Penascosa.*



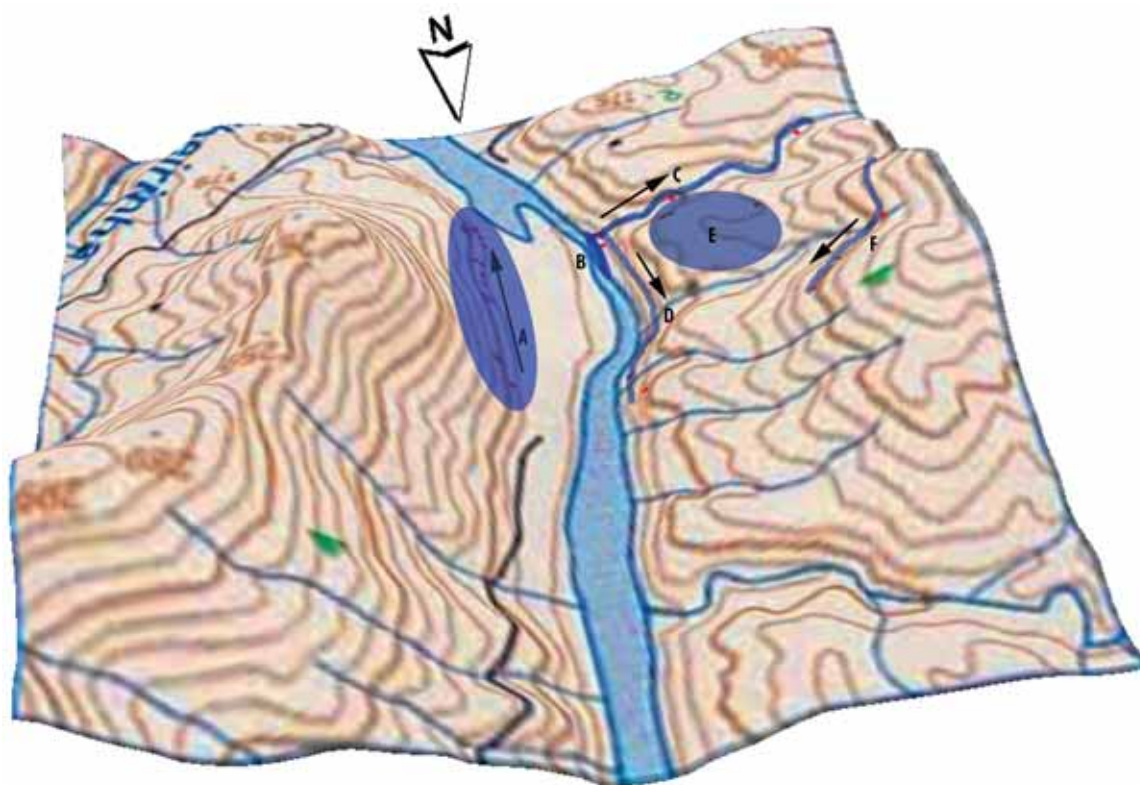


Fig. 3: Representação ortogonal das estações de Penascosa e Quinta da Barca. A: Penascosa; B: Foz da ribeira da Quinta da Barca; C: ribeira da Quinta da Barca; D: Vertente sobre o Côa; E: Terraço; F: Vertente do topo.

Na Quinta da Barca foram inventariadas 32 rochas, todas com figurações paleolíticas à excepção da 7, que apenas apresenta dois cervídeos de cronologia Neo-Calcolítica. Destas rochas, as 31 e 24 serão do período Gravetto-Solutrense. Por outro lado, a 25 encontra-se tombada no rio e a 27 localiza-se actualmente sobre a rocha 1. Desta forma, na nossa análise só teremos em conta as 22 *in situ* e a 27, rocha cuja posição podemos reconstituir com alguma fiabilidade. Assim, ao contrário do que acontece actualmente, a rocha certamente que se encontrava levantada, mas não longe do local onde a encontramos hoje. Quanto à sua distribuição (Fig. 3), podemos resumir deste modo a situação: ao longo da ribeira da Quinta da Barca, sempre na margem esquerda, encontramos de jusante para montante as rochas 6, 1, 2, 4, 5, 10, 11 e atrás a 12. Ao longo da pendente que acompanha o Côa, observam-se, a diferentes cotas, e de montante para jusante as rochas 8, 9, 18, 19, 20, 21 e 22. No terraço referido acima encontramos junto ao primeiro corgo que o liga à ribeira (a contar de jusante) as rochas 28 e 29. Ainda nesse terraço, mas junto do sopé de onde arranca a segunda pendente e também no seguimento de um dos corgos, surge a rocha 14. Na

segunda pendente observam-se, de sul para norte, as rochas 13, 15, 16 e 17.

Após esta primeira abordagem, facilmente se percebem já as importantes diferenças ao nível da distribuição das rochas. Que estas diferenças implicam diferentes formas de andar e perceber o santuário e se relacionam com a variabilidade temática ao longo de vários percursos possíveis, é o que procuraremos demonstrar seguidamente.

PERCURSOS POSSÍVEIS

É sabido que o modelo interpretativo da arte parietal de André Leroi-Gourhan não só tinha em conta a associação entre os temas aí presentes, como também a sua dispersão pelos diferentes espaços da gruta. Mesmo que nunca o tenha referido explicitamente, estava implícito o facto desses diversos espaços serem experienciados sequencialmente. É, aliás, sintomático, o autor referir que a gruta ideal seria simplesmente um corredor (A. LEROI-GOURHAN, 1995, 149). Isto é, que não oferecesse alternativas de percursos e permitisse assim a leitura de todo o discurso que nela estivesse contido. Ora, se é certo que nem todas as grutas dispõem apenas de um itinerário linear,

é ainda mais seguro que a arte de ar livre aparentemente não dispõe de nada que constranja o movimento de forma a proceder-se a uma leitura pré-definida do discurso aí contido... Mas será mesmo assim?

Como procuraremos demonstrar, julgamos que não. No entanto, e como um dos autores referiu já, é a ambiguidade de que resulta a pergunta atrás feita que torna a arte de ar livre tão relevante socialmente (A. T. Santos, no prelo). Na verdade, experienciamos uma estação de ar livre de formas muito específicas sem disso sequer nos apercebermos. Ou, por outras palavras, se o nosso movimento no interior de um edifício ou de uma gruta é claramente constrangido por barreiras físicas, esse fenómeno não é tão claro numa estação rupestre porquanto os movimentos aqui são guiados pela própria percepção, encarada aqui como um processo sinestético –um trabalho do corpo enquanto sente e se move (E. S. CASEY, 1996, 18). Na medida em que esse processo é feito sem que praticamente dele nos apercebamos, um sítio deste género é muito mais eficaz que uma gruta ou edifício de criar/condicionar/reforçar o nosso *habitus* (P. BOURDIEU, 2002, 163-184). Na verdade, é através destes mecanismos que condicionam a percepção inconsciente das coisas que se vão interiorizando os “jogos estruturais que fascinam o etnólogo” entre as comunidades sem escrita (P. BOURDIEU, 2002, 186, nota 2). Entre esses “jogos estruturais” devemos contar as relações

entre determinado “discurso rupestre”, os *lugares* onde aquele se encontra e as pessoas que os experienciam.

Dito isto, como podemos nós definir percursos nos sítios que agora tratamos? Começemos pela Penascosa.

A distribuição de painéis pela estação processa-se ao longo do sopé. A sua leitura sequencial admite, portanto, apenas dois percursos –ou Sul-Norte ou Norte-Sul. Contudo, se valorizarmos a orientação dos animais como indicadores de movimento, este é certamente processado de norte para sul. É verdade que da análise da arte parietal de 10 grutas que Leroi-Gourhan fez, não lhe pareceu relevante a orientação dos motivos (A. LEROI-GOURHAN, 1972, 300). Contudo, a circulação por uma gruta é bastante mais linear, sendo as guias de movimento redundantes. No entanto, mesmo em gruta esta situação pode ter-se dado, como admite R. Pigeaud para o bisonte 14 da gruta de Mayenne-Sciences (R. PIGEAUD, 2004, 90-91).

Pelo que atrás se disse, é evidente que a maior parte das gravuras que considerámos Gravetto-Solutrenses nos painéis atrás referidos se encontram orientadas para a direita. De facto assim é, encontrando-se os resultados discriminados na tabela 1 [o leitor interessado poderá confrontar a tabela com a publicação destas rochas (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006, 181, fig. 3 no caso da rocha 1, A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 327-406 no caso das restantes)].

Tab. 1. Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses da estação da Penascosa.

	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Corças		Salm.		Quad.		Total parcelar		
Rocha	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	Total
11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2	2
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	2	3
2	0	0	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	2	2	4
3	0	1	4	1	1	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	10	15
4	1	3	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	6	9
5	2	6	5	4	1	2	0	0	0	0	2	1	0	1	0	1	10	15	25
6	2	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	2	5
7	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
9	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
8	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	3
Total parcelar	6	11	9	6	4	15	0	1	1	2	2	1	0	1	3	6	25	43	
Total	17		15		19		1		3		3		1		9		68		

Como se pode observar, em praticamente todas as rochas a maioria dos temas está orientado para a direita. Mesmo as excepções são bastante compreensíveis. Uma corresponde à rocha 2, cujo número de temas orientados para a esquerda é o mesmo que para a direita. No entanto, esta localiza-se imediatamente por cima da rocha 3, admitindo-se portanto que a leitura seria efectuada no mesmo momento. Deste modo, obtemos 12 animais para a direita e 5 para a esquerda. A outra excepção é a rocha 6. Esta rocha, conjuntamente com as 7, 9 e 8, está num relevo que, como dissemos atrás, se destaca do resto da vertente. Ao chegarmos aí, observamos todas as rochas em simultâneo (Foto III), sendo a 6 a que se encontra mais acessível. No entanto, se aqui o número de animais para a direita fosse igual ao dos que se orientam para a esquerda, ficaríamos na

dúvida para qual nos dirigirmos seguidamente, na medida em que já tínhamos visto as restantes. Que a seis nos remeta para a esquerda (ou seja, na direcção da 7) é um facto que pode ser explicado pela referência à ordem pela qual estas rochas deveriam ser experienciadas que, deste modo, seria aqui 6-7-9-8. Se valorizarmos o aspecto da orientação dos animais, esta é a única possibilidade de leitura sequencial, uma vez que as restantes rochas apresentam a maioria dos animais virados para a direita.

Para além desta situação ser em si uma evidência e que não estamos perante uma mera coincidência, a própria comparação com a situação da Quinta da Barca a isso nos impele. Na verdade, ao contrário da Penascosa onde quase o dobro das figuras se orienta para a direita, na margem oposta a situação é inversa, como se verifica na tabela 2.

Foto III. Último grupo de rochas historiadas da Penascosa. te do topo.



Tab. 2. Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses da estação da Quinta da Barca.

Rocha	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Rup.		Hib.		Quad.		Total parcelar		Total
	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	
1	4	4	5	3	1	2	0	0	2	1	0	0	0	0	2	0	14	10	24
2	1	0	0	0	0	2	0	2	1	0	0	0	0	0	1	2	3	6	9
4	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	1	4	2	6
5	1	1	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	6	1	7
6	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
8	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
9	1	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	5	1	6
10	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	1	3
11	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3
12	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
13	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3
14	0	1	0	2	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	5	7
15	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1
17	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3
18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1
19	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
20	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
21	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	4
22	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
27	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
28	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	2
29	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Total parcelar	12	13	11	10	8	9	2	3	6	2	1	0	0	1	10	3	50	41	
Total		25		21		17		5		8		1		1		13		91	

Se logo numa análise global verificamos isto, uma observação mais profunda vem reforçar ainda mais este aspecto. Como referimos, a distribuição das rochas por esta margem não é linear como na Penascosa. Na verdade, aqui são admissíveis vários percursos, sendo o mais evidente o que segue a ribeira da Quinta da Barca (Percurso I). Os painéis aqui são perpendiculares ao curso de água, e a sua observação sequencial só se consegue de jusante para montante. Isto é particularmente evidente

no conjunto formado pelas rochas 2 (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006, 181, fig. 4) 1, 4 (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006, 182, fig. 5) e 5 (A. M. BAPTISTA 2006, 182, fig. 6). Uma vez que todas as rochas ao longo deste percurso se localizam na margem esquerda da ribeira, e se o percurso como nos parece indicar a orientação dos painéis é efectuado de jusante para montante, isto implica que a maioria das figuras se encontrem orientadas para a esquerda. Observe-mos então a tabela 3.

Tab. 3. Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses do Percurso I da Quinta da Barca.

	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Rup.		Hib.		Quad.		Total parcelar		
Rocha	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	Total
6	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
1	4	4	5	3	1	2	0	0	2	1	0	0	0	0	2	0	14	10	24
27	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
2	1	0	0	0	0	2	0	2	1	0	0	0	0	0	1	2	3	6	9
4	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	1	4	2	6
5	1	1	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	6	1	7
10	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	1	3
11	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3
12	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Total parcelar	8	6	10	3	1	4	2	3	6	2	0	0	0	0	7	3	34	21	55
Total	14		13		5		5		8		0		0		10		55		

Foto IV. Grupo de rochas da Quinta da Barca. Observe-se a relação entre as rochas 2, 27, 4 e 5.



A primeira observação a ter em conta é aqui verificar-se que aumenta a diferença entre o número de figuras orientadas para a esquerda e para a direita. A segunda é que a rocha 1 não se encontra ainda totalmente desmontada, vindo o número de figuras seguramente a aumentar e consequentemente podermos vir a verificar uma alteração da distribuição dos temas. A terceira observação a ser feita é a existência de uma clara excepção à regra na rocha 2. Contudo a figura que claramente aqui se destaca é o enorme veado que embora com duas cabeças apresenta o corpo orientado para a esquerda. O destaque desta figura não se deve exclusivamente ao seu tamanho (o cavalo da rocha 5 da Penascosa não se destaca como este animal) mas também à sua desproporção relativamente às restantes figuras do painel e à ausência de sobreposições. Isto é particularmente relevante na medida em que podemos admitir que aos gravadores nunca escapou a necessidade de manter explícita a mensagem implícita no cervídeo em causa. Se tivermos em conta a densidade das sobreposições das rochas em volta (1 e 4), esta hipótese interpretativa reveste-se da maior das probabilidades. Por outro lado, há ainda que ter em conta que a proximidade das rochas 1, 2 e 27 nos permite admitir a hipótese da sua leitura conjunta (tal

como a exposta para os casos das rochas 2 e 3 da Penascosa) e assim obteríamos 17 animais para a esquerda e 15 para a direita. Mesmo que nenhuma destas hipóteses se revelassem verosímeis, a verdade é que a distância entre os painéis 1, 2, 27, 4 e 5 (Foto IV) aliada à orientação dos mesmos fala *per se* quanto à forma como nos devemos aqui deslocar. É assim altamente provável a existência de um percurso ao longo da ribeira que passando pelas rochas 10 (Fig. 4) e 11 (Fig. 5) segue até à rocha 12 (Fig. 6). Mesmo a rocha 3 (situada uns metros a montante da rocha 10), pese o facto de aparentemente ser mais recente (confrontar *infra*) obedece ao padrão estabelecido.

No entanto, como atrás referimos, o veado da rocha 2 apresenta duas cabeças. Ora, se em vez de seguirmos a orientação da esquerda (a principal, porque definida por cabeça e corpo) optarmos pela direita, dirigimo-nos para a rocha 8, situada já na vertente. A partir deste pressuposto, partimos portanto do princípio que a visualização sequencial deste outro percurso (Percurso II) era feito de sul para norte, ou seja, que a maioria das figuras dos painéis, ao contrário da tendência geral da estação, se orientam para a direita. Observemos então a tabela correspondente.

Fig. 4. Rocha 10 da Quinta da Barca.



Fig. 5. Rocha 11 da Quinta da Barca.

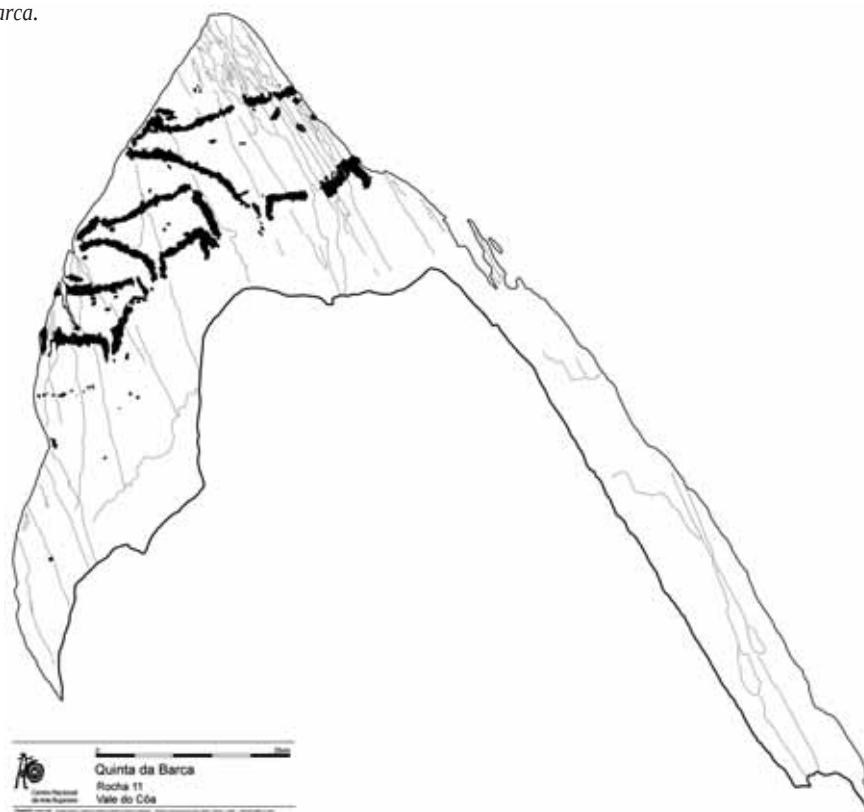


Fig. 6. Rocha 12 da Quinta da Barca.



Tab. 4: Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses do Percurso II da Quinta da Barca.

	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Rup.		Hib.		Quad.		Total parcelar		
Rocha	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	Total
8	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
9	1	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	5	1	6
18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1
19	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
20	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
21	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	4
22	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Total parcelar	3	5	0	2	3	2	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	7	10	17
Total	8		2		5		0		0		0		1		1		17		

Numa primeira abordagem, verificamos que de uma forma geral, acontece o esperado. A maioria das gravuras orienta-se para a direita. No entanto, ocorrem duas excepções, uma delas de extrema importância. A primeira corresponde à rocha 8 (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006, 182, fig. 7) que apresenta dois cavalos, orientado cada um para o seu lado, sendo portanto o seu efeito de orientação neutro. A segunda trata-se da rocha 9 (Fig. 7) que nos remete claramente para a esquerda, ou seja para a rocha 1. Uma vez que aquela rocha se encontra já a norte da rocha 8 parece-nos uma contradição. Contudo...

...Contudo, o primeiro aspecto a ter em conta é que se encontra a uma cota mais baixa (na verdade, junto ao rio, só sendo actualmente acedida por barco) e que seria visualmente potencialmente mais acessível que a anterior. Outro aspecto que nos pode ajudar a compreender esta excepção prende-se com a relação entre a Penascosa e a Quinta da Barca. Referimo-nos que ambas as estações se relacionariam. Referimos que a última rocha a ser percebida na Penascosa seria a rocha 8 e que a primeira da Quinta da Barca seria a rocha 6. A passagem de um sítio para o outro poderia ser efectuada pela cabra que na rocha 8 nos olha de frente, ou melhor, que olha de frente para a foz da ribeira da Quinta da Barca, remetendo, portanto, para lá o leitor. No entanto, ao chegarmos lá, e admitindo que as figuras se veriam bem, as rochas que melhor se leriam seriam a 8 e a 9. Sendo a primeira neutra e a segunda situando-se mais perto, podemos supor que esta estaria a cumprir uma função primordial: a de reforçar a necessidade de subir a ribeira, tanto para

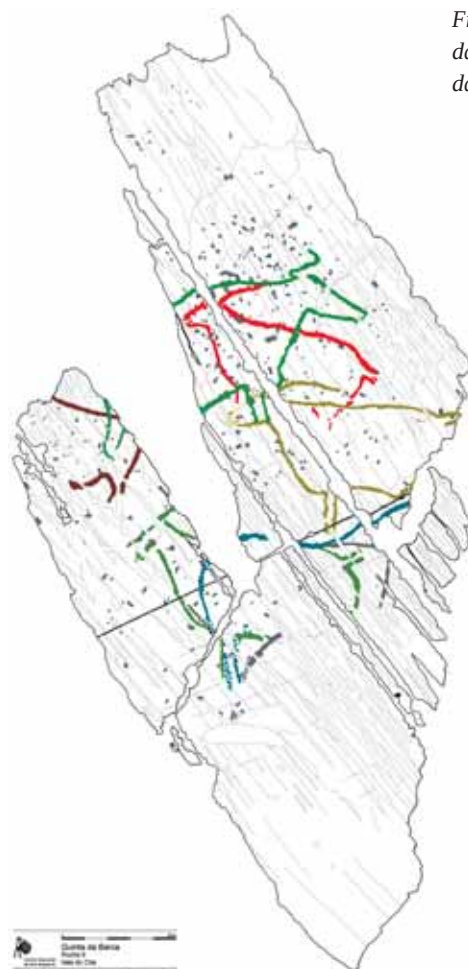
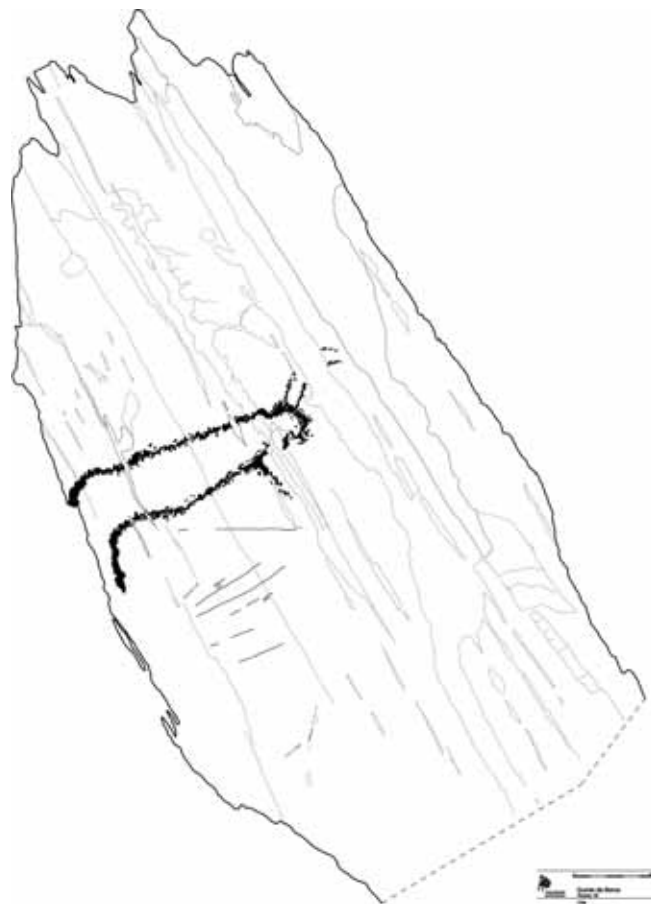


Fig. 7. Rocha 9 da Quinta da Barca.

Fig. 8. Rocha 19 da Quinta da Barca.



Fig. 9. Rocha 18 da Quinta da Barca.



começar o Percurso I (ao longo da ribeira) como o Percurso II (que, ao longo da vertente, arrancaria da 8), ou dito por outras palavras, a necessidade de experienciar o conjunto composto pelas rochas 1, 2 e 27. Uma outra hipótese explicativa para a excentricidade da rocha 9 no nosso modelo interpretativo prende-se com a rocha 3 da Penascosa. Aqui, como se sabe, existe também uma cabra que nos olha de frente, ou melhor que olha a Quinta da Barca de frente, não já a ribeira mas precisamente a zona onde se localiza a rocha 9. Será a gravação das rochas 4 a 9 da Penascosa posterior a um primeiro santuário já distribuído por esta estação e Quinta da Barca? Com os dados que dispomos de momento não podemos confirmar ou infirmar tal hipótese. Podemos, isso sim, descrever a sequência de visualização do Percurso II: 8-19 (Fig. 8) - 18 (Fig. 9) - 20 (Foto V) - 21 (Fig. 10) - 22 (Foto VI).

Mas voltemos às restantes rochas da Quinta da Barca. Referimos que quatro destas se encontram a cotas ele-

vadas. De sul para norte são elas a 13, a 15, a 16 e a 17 (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006, 183, fig. 9). O acesso mais fácil para a primeira é feito a partir do percurso da ribeira. Na verdade, a cerca de 50 m da rocha 10 (e da rocha 3) o percurso bem definido da ribeira alarga, fruto da confluência da linha de água que define a estação a oeste e de um corgo de menor importância. Ora, se seguirmos aquela primeira linha de água deparar-nos-emos com a dita rocha 13. Esta apresenta um grande bode para a direita e duas pequenas cabras para a esquerda (Fig. 11). Estas últimas estão posicionadas paralelamente ao próprio desnível do terreno e por conseguinte, remetendo-nos para o percurso de onde viemos. Por outro lado, o grande bode envia-nos para a direita na direcção da rocha 15 onde se encontra a cabeça do que foi um grande cavalo também ele orientado para a direita (Foto VII), ou seja, para a rocha 16. Nesta apenas encontramos uma pequena camurça orientada para a esquerda (Fig. 12). Corresponde esta excepção à única que dificilmente explicamos. A rocha encontra-se bastante



Foto V. Rocha 20 da
Quinta da Barca.

Fig. 10. Rocha
21 da Quinta
da Barca.

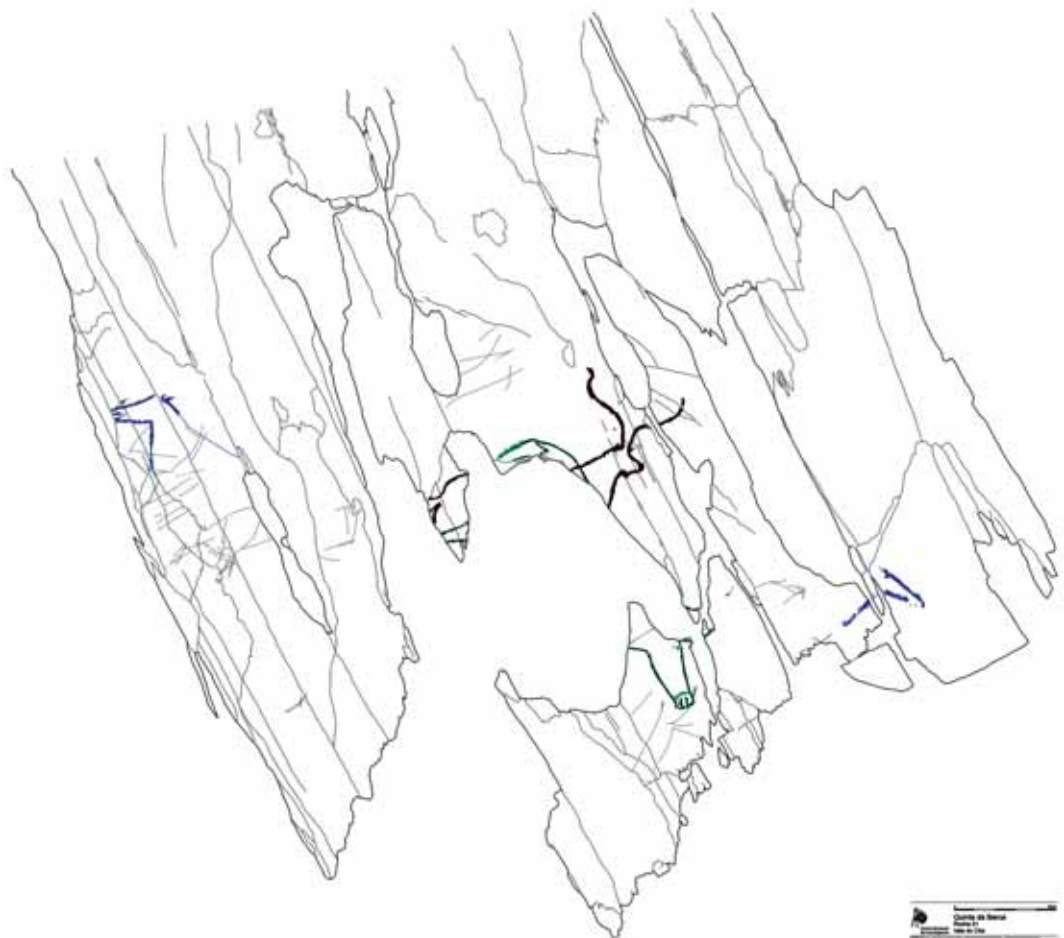




Foto VI. Rocha
22 da Quinta
da Barca.

Fig. 11. Rocha 13
da Quinta da Barca.

fracturada e o animal é bastante mais pequeno que o da anterior e que os da rocha seguinte (17) que, por outro lado, é o elemento mais impressivo das redondezas (à excepção da 15) e aquele que mais nos chama a atenção. Deste modo, a excentricidade desta rocha pode ser explicada de uma das seguintes maneiras: o elevado grau de destruição da rocha aliado à pequena dimensão da figura em relação aos das rochas circundantes pode ser sinal de que nos faltam animais; a indicação seria redundante devido à profunda impressão visual causada pela rocha 17 que *per se* já nos leva lá.

Debrucemo-nos agora sobre as rochas que ladeiam o terço referido acima. A este acedemos sempre a partir da ribeira, seja pelo primeiro corgo a contar de jusante (onde encontramos as rochas 28 e 29 no limite leste do degrau), seja a partir do segundo corgo (o que desemboca no alargamento da ribeira atrás referido) onde se localiza a rocha 14 (no limite oeste do degrau). Em relação às primeiras, estas parecem reencaminhar-nos para trás [rocha 28: uma cabra e um quadrúpede orientados para a esquerda (Fig. 13);

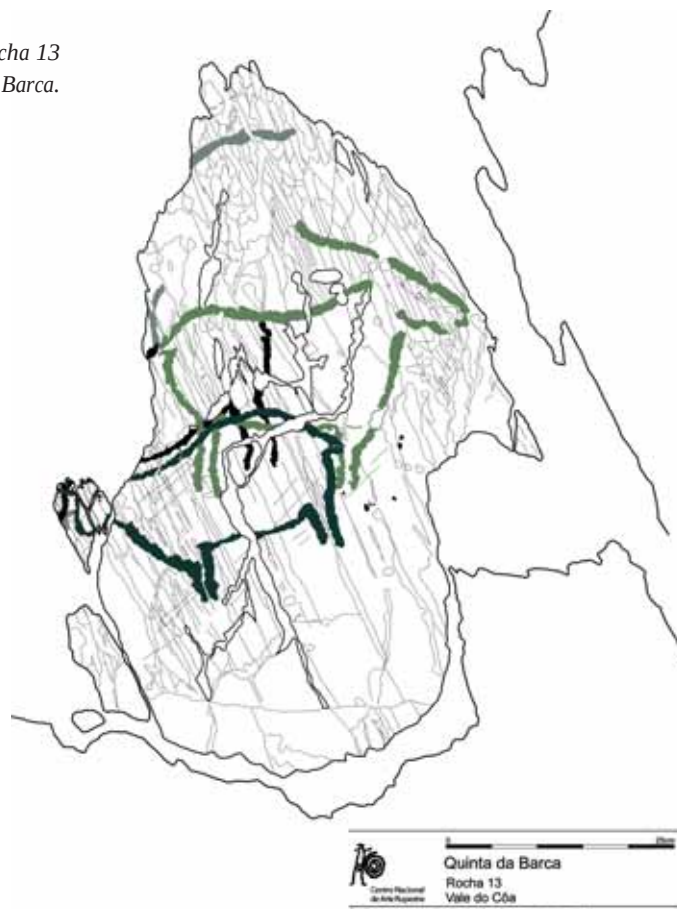


Fig. 12. Rocha 16
da Quinta da Barca.

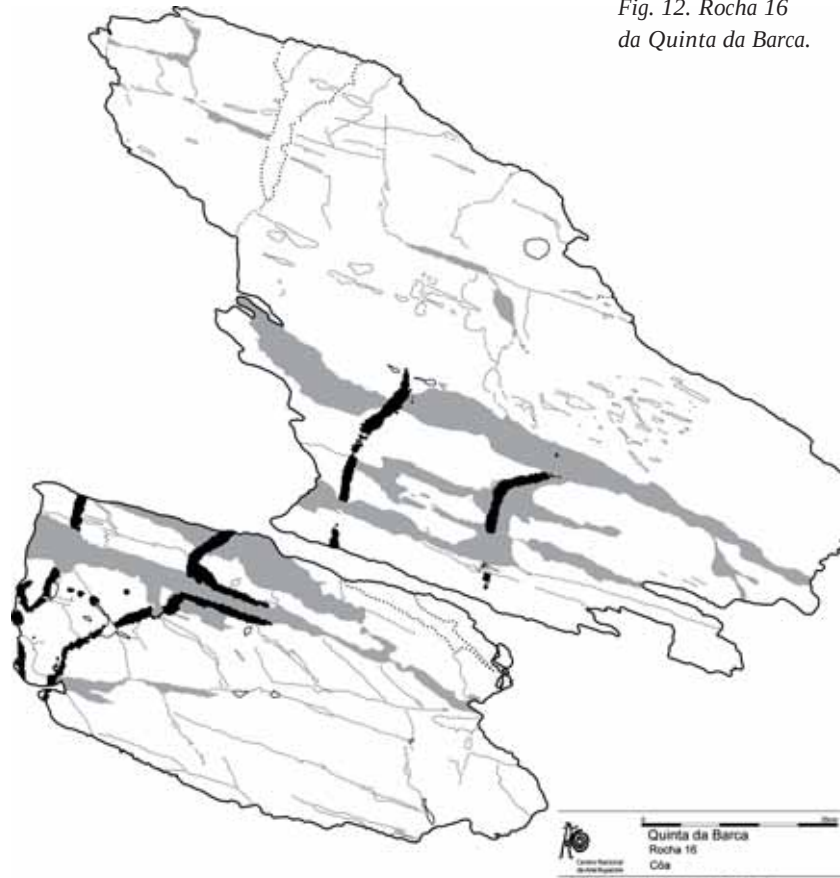
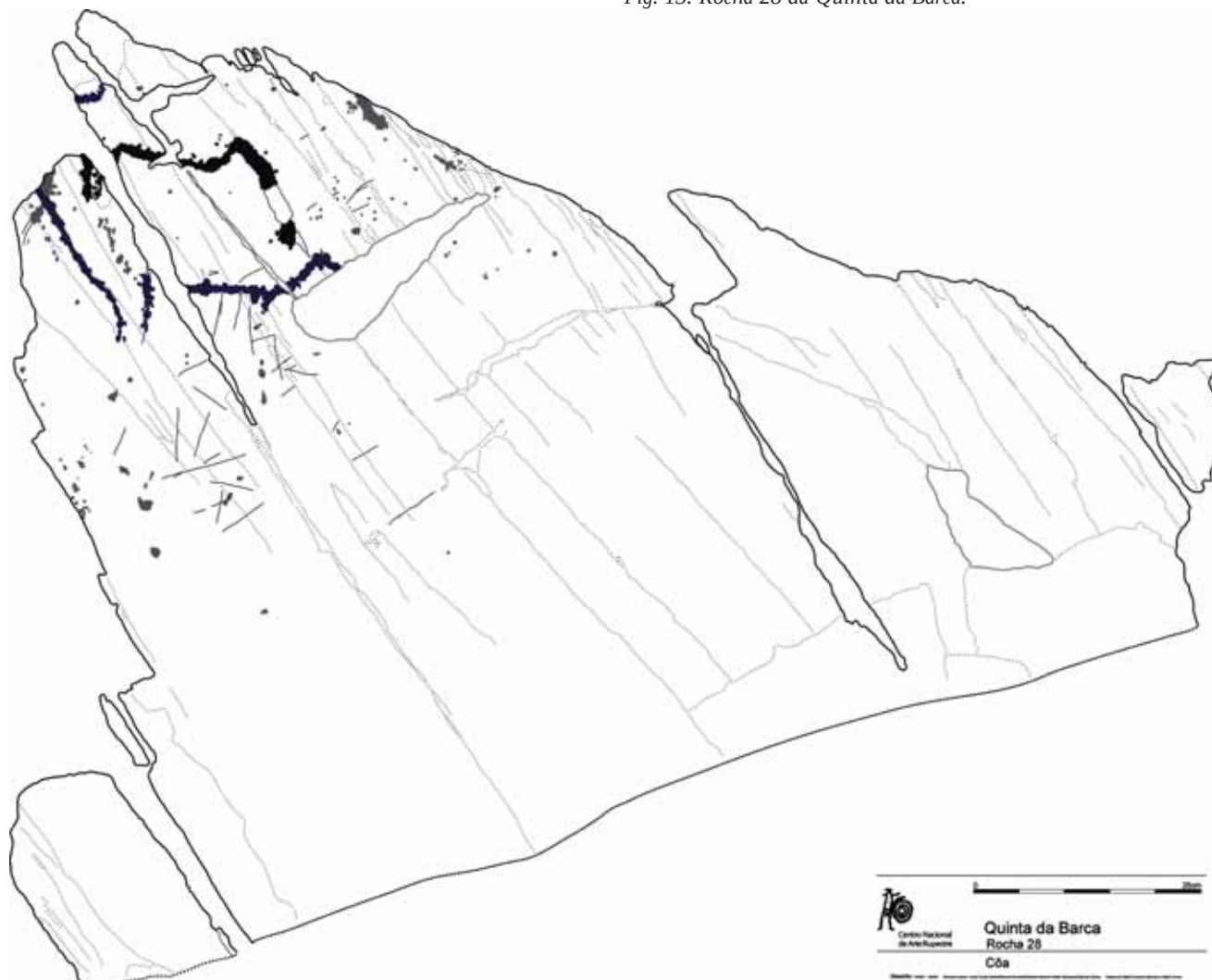


Foto V. Rocha
20 da Quinta
da Barca.



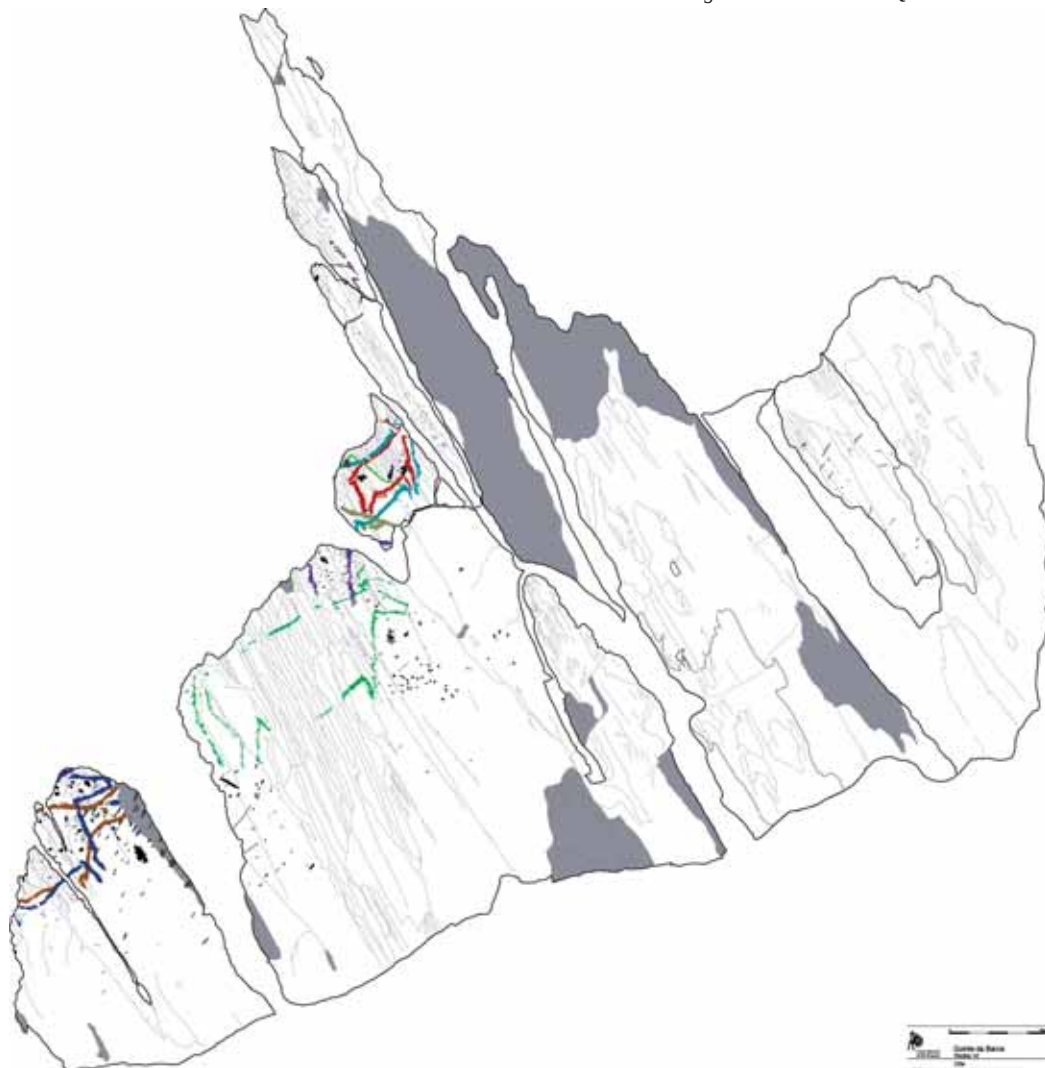
Fig. 13. Rocha 28 da Quinta da Barca.



rocha 29: um cavalo para a esquerda e um auroque com duas cabeças para a direita (A. M. BAPTISTA *et alii*, 2006, 183, Fig. 10)]. Que estas rochas poderão ter servido de “beco simbólico” poderá ser uma hipótese ainda mais fortalecida pelo propositado apagamento das figuras da rocha 29 ainda em tempos pré-históricos. É verdade que não poderemos aferir precisamente a altura da Pré-história em que se deu tal fenómeno. Contudo, é bastante pertinente ser o único caso que conhecemos de uma destruição deliberada de motivos cuja antiguidade é assegurada pela pátina que se confunde com a das próprias gravuras. Este fenómeno é completamente distinto dos apedrejamentos do corpo dos animais, presente por exemplo na rocha 2 da Quinta da Barca ou na rocha 17 da Canada do Inferno.

Independentemente da cronologia, que a ênfase estava colocada em apagar o auroque (virado para a direita) não há grandes dúvidas – os picotados destrutivos mais intensos seguem precisamente a sua delineação. Já a rocha 14 apresenta a maioria dos seus animais para a direita. Estas rochas não parecem relacionar-se com qualquer dos percursos, aparecendo-nos antes como relacionadas apenas com a especificidade do terraço. Contudo é extremamente pertinente referir que a rocha 15 é bastante impressionante quando vista daqui, sendo admissível que o acesso a ela se pudesse fazer também a partir deste ponto. Ora o número de capríneos (dois bodes e um outro cujos cornos não se observam) que apresenta a 13 é o mesmo dos que se encontram aqui. Ao nível da leitura, a diferença encontra-se,

Fig. 14. Rocha 14 da Quinta da Barca.



portanto, nos dois bovídeos e no equídeo que esta rocha apresenta também (Fig. 14).

Ora, cada um dos percursos a que nos referimos desenvolve-se ao longo de áreas que apresentam características geomorfológicas bastante distintas entre si (Fig. 3). Assim, as rochas da Penascosa desenvolvem-se ao longo da praia, sendo bastante acessíveis e permitindo amplas audiências. Na Quinta da Barca, todos os percursos são efectuados ao longo de áreas que apenas permitem audiências bastante reduzidas. Um destes dá-se ao longo da ribeira, exercendo o relevo um forte constrangimento à deslocação. Ao longo da vertente do Côa, o caminho é bastante acidentado, tornando-se mais cansativo que o da ribeira. Contudo, as últimas três rochas são facilmente avistadas da margem oposta.

Ao nível do esforço físico o pior dos percursos é o do alto. Na verdade, qualquer das alternativas de acesso atrás referidas são bastante cansativas, assim como o próprio andar pela declivosa vertente. Qualquer uma destas “unidades geomorfológicas” apresentam, portanto, importantes diferenças que condicionam a sua percepção e consequentemente potenciam a sua utilização. Por outro lado, também o terraço pelas suas particularidades físicas (zona de relativa planura, abundância de seixos de quartzito, etc.) poderá ser encarado como outra “unidade geomorfológica”. O nosso passo seguinte é tentar demonstrar que a estas unidades geomorfológicas correspondem unidades simbólicas também distintas entre si e que são expressas pela distribuição dos animais pelos percursos.

Gráfico 1. Variabilidade temática da Penascosa.

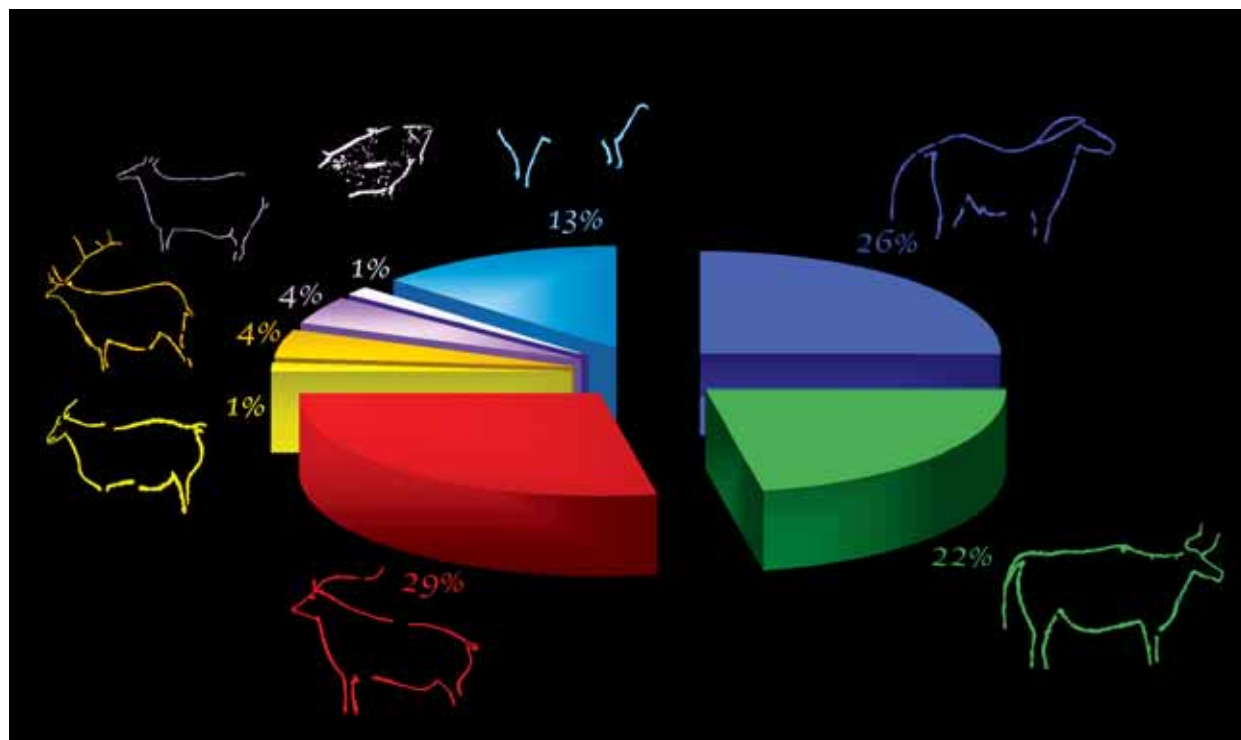
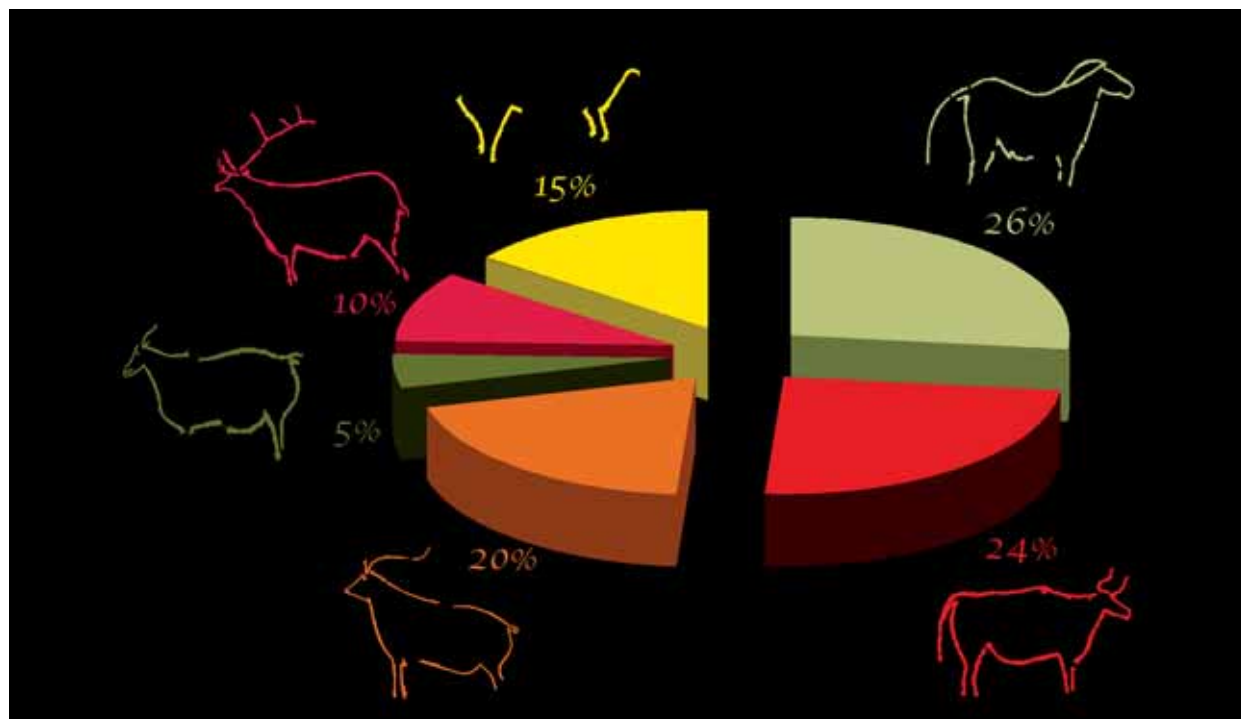


Gráfico 2. Variabilidade temática da foz da ribeira da Quinta da Barca.



VARIAÇÕES TEMÁTICAS AO LONGO DOS PERCURSOS

Antes de começarmos será de toda a conveniência explicitar que os temas correspondem às espécies animais. As únicas exceções correspondem à distinção que fazemos entre veados e cervas, opção já tomada por outros autores (G. SAUVET *et alii*, 1977, G. SAUVET, S. SAUVET, 1979, G. SAUVET, 1988, G. SAUVET, A. WŁODARCZYK, 1995) e cabras e bodes. Estas opções devem-se ao dimorfismo sexual de ambas as espécies bem patente nas representações.

A **primeira unidade simbólica** que consideramos é a Penascosa. Ao seu carácter amplo e aberto, potenciador de grandes audiências e de fácil progressão (Fig. 3. A), corresponde a maior variedade temática de todos os percursos como se pode verificar no **gráfico 1**.

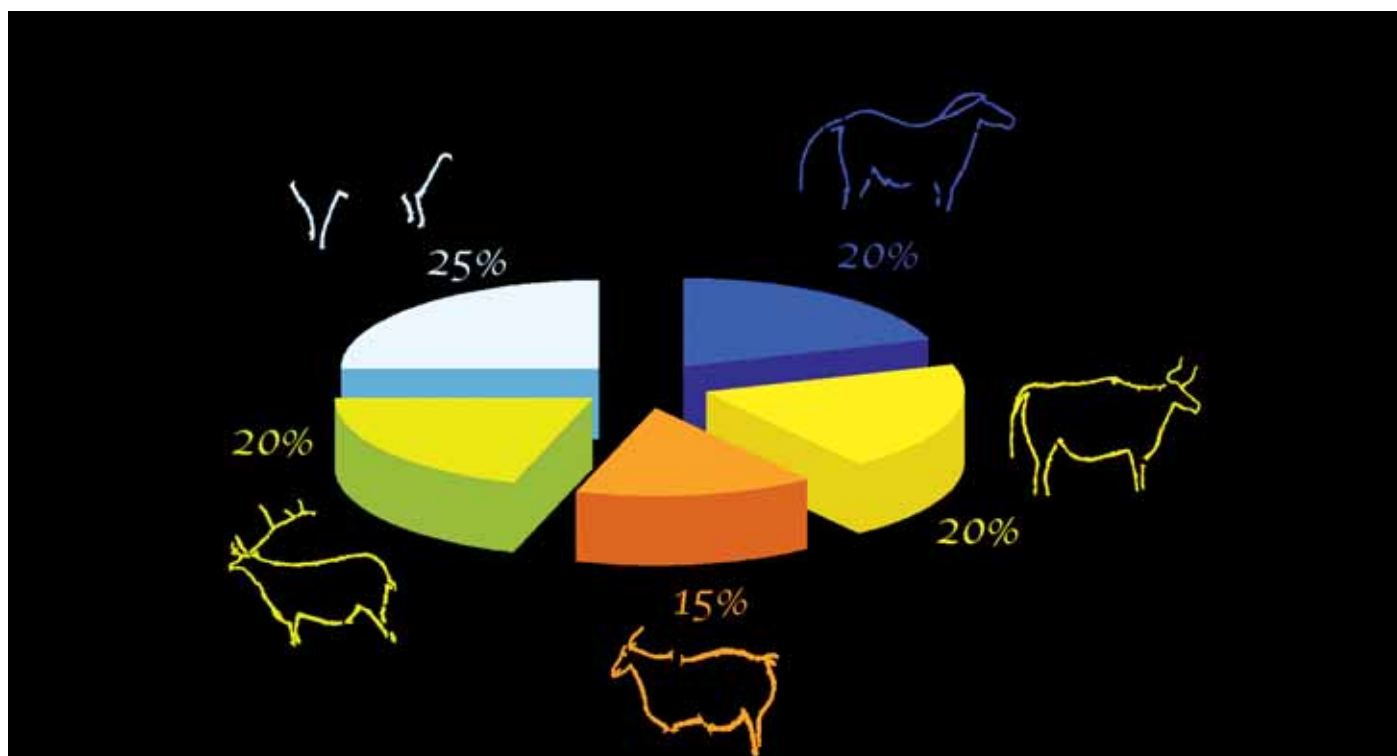
Vários aspectos são específicos desta área: a exclusividade dos veados fêmeas e dos peixes. É também a única área onde os capríneos são a espécie dominante – 19 machos e uma fêmea, perfazendo um total de 30% das representações identificadas. Os bovídeos com 22% e os equídeos com 26% têm também um papel extremamente relevante ao contrário dos cervídeos que, no seu conjunto, correspondem a apenas 8%.

Na Quinta da Barca, todos os percursos têm em comum, como vimos, o conjunto formado pelas rochas 9-6-1-27-2. Deste modo e pese o facto de aqui se encontrarem rochas que *stricto sensum* se encontram tanto na vertente (9 e 6) como na ribeira (1 e 2) serão analisadas ao nível da variabilidade temática no seio de uma “unidade simbólica de passagem” que poderemos denominar como foz da “ribeira da Quinta da Barca”.

Ora, é sobre a variabilidade temática desta “**unidade simbólica de passagem**” (Fig. 3.B) que agora nos debruçaremos, tendo sempre presente que a rocha 1 não se encontra ainda totalmente desmontada e que por isso o nível de conclusões a que podemos chegar é ainda de carácter generalista. Tendo este aspecto em atenção, observemos o **gráfico 2** onde se observa a relação intertemática presente no conjunto a que nos reportamos.

Tal como em relação à Penascosa, os equídeos, bovídeos e capríneos (no seu conjunto entre machos e fêmeas) são as espécies mais representativas. É impossível de momento dizer qual destas espécies é a melhor representada. Contudo, alguns aspectos são de relevar em relação à unidade anterior: a maior representatividade do veado (macho) e da cabra (fêmea). Ora este é um aspecto que se pode compreender ao

Gráfico 3. Variabilidade temática da ribeira da Quinta da Barca.



compararmos este gráfico com o da **unidade simbólica da ribeira da Quinta da Barca** (Fig. 3.C).

Como se pode observar e pese o “ruído” provocado pelo número de quadrúpedes não identificados (**Gráfico 3**), verificamos alguns aspectos altamente pertinentes, alguns deles exclusivos. Em primeiro lugar, o peso das cabras que na zona de foz já se sentia a subir ganha de tal forma proeminência que os bodes deixam de se representar (situação que se altera com a gravação da rocha 3, onde um bode é gravado, mas também uma cabra e um outro animal provavelmente da mesma espécie, mas cujo sexo não é possível identificar). Em segundo lugar, os veados vêm a sua posição relativa a melhorar também. Na verdade, ao nível das relações intertemáticas, existe o mesmo número de cavalos, auroques e veados, sendo este último animal o que em termos de tamanho mais se destaca ao longo do percurso. Se tivermos em conta apenas o troço em comum entre o Percurso I e o III (ou seja, até à rocha 10), verificamos que as cabras deixam de existir e que os cavalos perdem preponderância em relação aos veados e auroques.

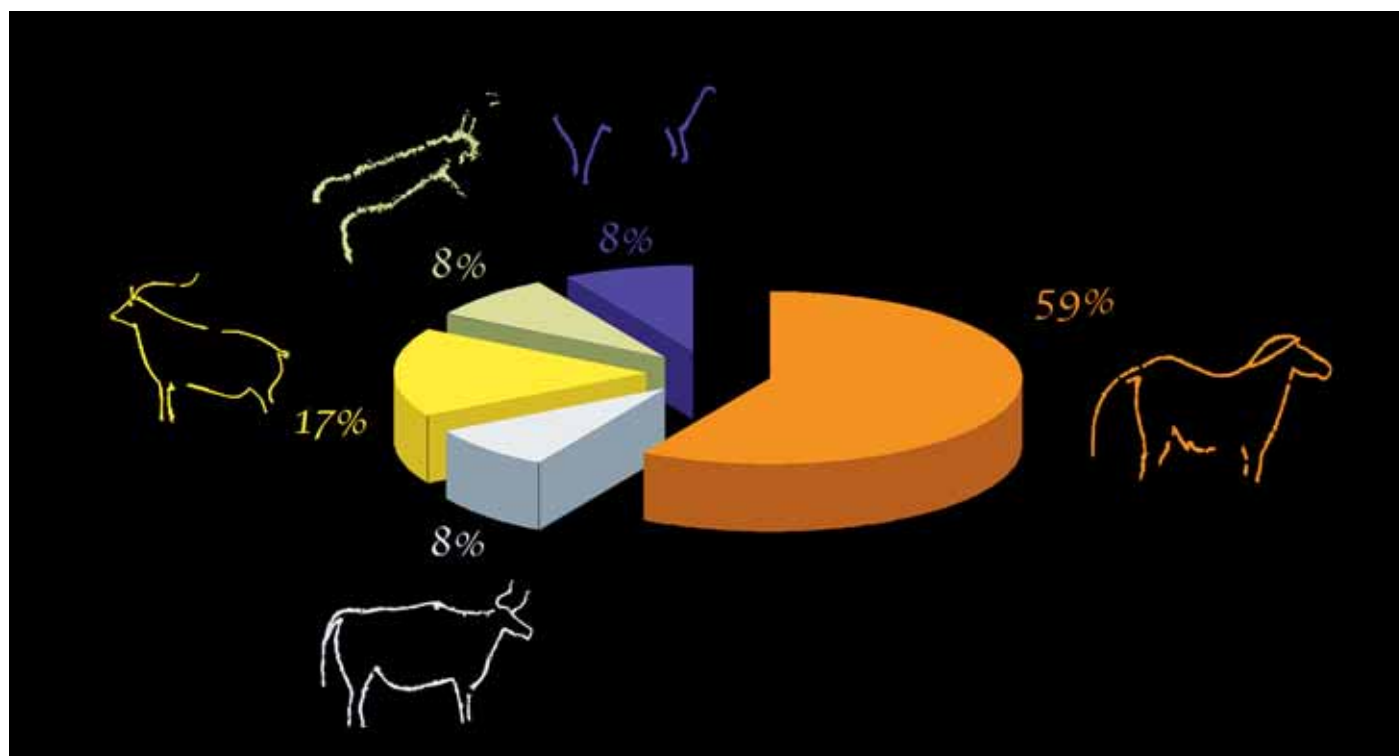
Outra **unidade simbólica** passível de ser definível é a **da vertente sobre o Côa** (Fig. 3.D). Olhemos para a sua variabilidade temática, expressa no **gráfico 4**.

Como se pode verificar, estamos numa situação inversa à anterior: ausência do veado, larga predominância do cavalo, subalternização do auroque em detrimento do bode. De referir também a existência de uma figura ímpar na estação: o ser híbrido da rocha 18 que mistura características humanas (cabeça, pescoço, costas, anca e barriga) com outras zoomórficas (posição e cornos) (Fig. 9), aproximando-se conceptualmente dos “feiticeiros” de Trois-Frères. Por outro lado, tal como os veados e auroques no percurso anterior, o cavalo está aqui omnipresente, apenas não existindo na rocha onde se encontra o híbrido.

Observemos agora a única **unidade simbólica** que não tem um Percurso próprio – a **do terraço** (Fig. 3. E). Nela só se encontram três rochas: duas no canto sudeste (números 28 e 29) e uma a oeste (número 14). A sua variabilidade temática encontra-se expressa no **gráfico 5**. É evidente a predominância do bode. Se tivermos em conta que existem fortes possibilidades dos quadrúpedes não identificados aqui localizados corresponderem a capríneos, a representatividade desta espécie ainda sai mais reforçada.

Ora, esta variabilidade temática é sumamente sugestiva, na medida em que ao nível das espécies mais representadas e da mais predominante se aproxima do terraço da Penascosa. Se tivermos em conta que é precisamente deste

Gráfico 4. Variabilidade temática da vertente sobre o Côa (Quinta da Barca).



espaço que melhor se observa a Penascosa e o que aí se passa (não só ao nível da visão, mas também da audição; na verdade, as rochas da vertente, embora situadas mais perto, apanham com toda a vegetação que corta a visibilidade para a Penascosa; evidentemente, esta situação poderia não passar-se no Paleolítico, mas sendo o Côa um rio bastante mais caudaloso nesse período, existem fortes possibilidades da situação ter sido, no mínimo, bastante semelhante à actual; por outro lado, a própria posição a que nos obriga a forte pendente da vertente não favorece a observação ao contrário da regularidade do terraço que corresponde ao único sítio da Quinta da Barca que admite amplas audiências), verificamos portanto que a uma relação perceptual equivale também uma relação “semântica”. Como vimos e veremos, esta unidade é a única desta margem em que o bode é o animal mais representado (tal como na Penascosa).

Finalmente, vejamos a última **unidade simbólica** passível de ser individualizada na Quinta da Barca: a **do alto** (Fig. 3. F). Esta é composta por apenas quatro rochas, todas monotemáticas: na 13 foram gravados três capríneos, na 15 foi gravado um enorme cavalo, na 16 uma camurça e na 17 três imponentes auroques. Pelo que foi dito, reparamos que para além do aspecto do monotematismo das rochas,

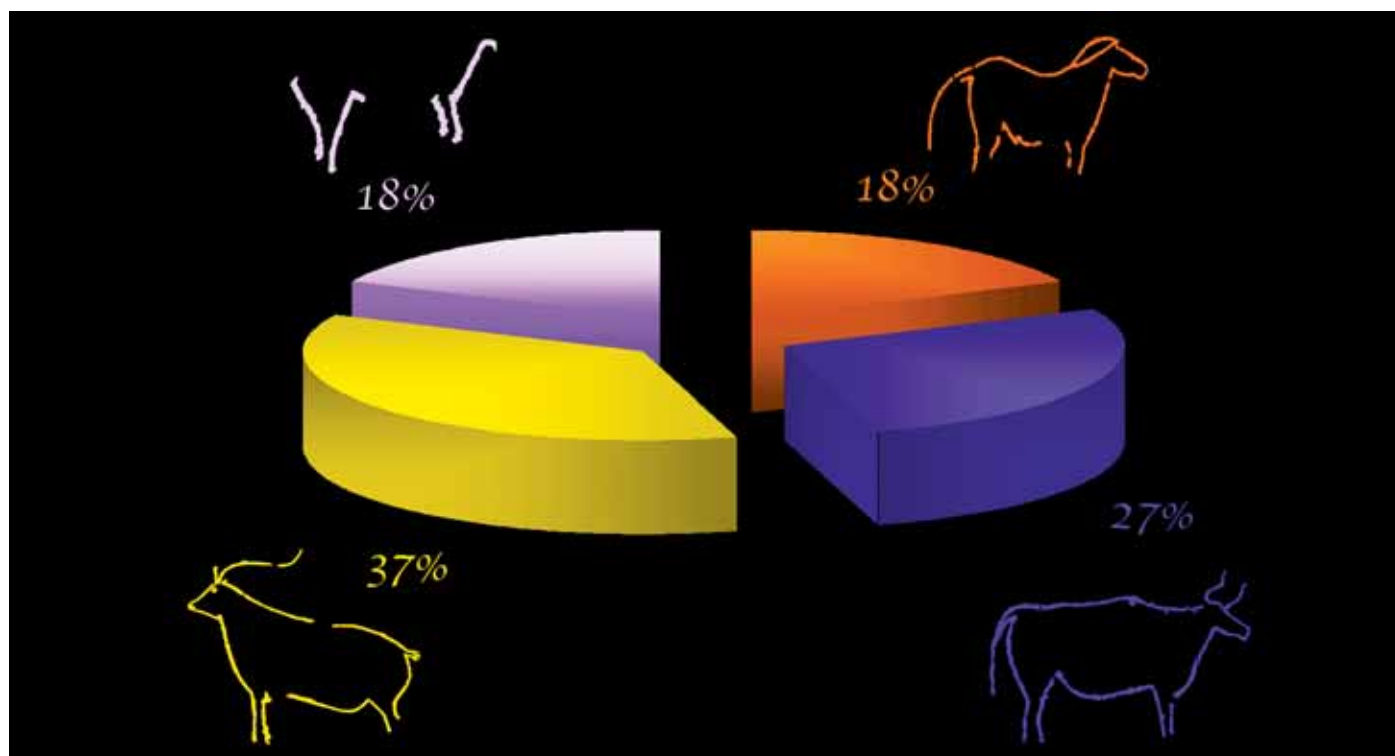
outra especificidade desta unidade é o da presença da camurça. Verificamos que aqui os animais mais representados são os auroques e os capríneos.

É também interessante notar que o que o observador ganha em seguir para o alto em vez de terminar o percurso I é apenas uma camurça e três auroques. Ou seja, a informação contida nas rochas 11 e 12 (que terminavam o Percurso I) é a mesma que existe nas rochas 13 e 15 próprias do percurso que agora nos ocupa (com a ressalva que, em vez de três cabras, temos agora dois bodes e um capríneo cujo sexo não é determinável). O aumento do esforço implica pouco mais mas pertinente informação: é o suficiente para acedermos à especificidade da camurça e para o auroque se destacar claramente do cavalo e do veado.

ANÁLISE RELACIONAL

Alguns aspectos do que atrás foi exposto são extremamente relevantes porquanto demonstram relações estreitas entre as diversas unidades geomorfológicas e os animais que nelas aparecem. Num primeiro nível de análise, podemos desde logo reparar que os temas dominantes em cada uma delas são com uma excepção todos diferentes: assim, na Penascosa e no degrau da Quinta da Barca destacam-se os capríneos machos, na vertente sobre o Côa os

Gráfico 5. Variabilidade temática do terraço da Quinta da Barca.



cavalos, no alto as cabras e os auroques e na ribeira os veados, auroques e cavalos.

É particularmente relevante que, sendo o bode um dos animais mais representativos de toda a Arte do Côa, este se encontre nesta fase ausente da ribeira, sendo aqui substituído por cabras. Esta ausência do bode é aliás algo que se irá repetir em todas as ribeiras ao longo do Côa, como veremos seguidamente. Por outro lado, é também altamente pertinente que, sendo o veado um animal com um peso relativo tão baixo esteja largamente representado ao longo da ribeira. Já os capríneos (em particular os bodes) parecem relacionar-se com sítios “públicos” tais como a praia da Penascosa ou o terraço da Quinta da Barca que é o mais amplo dos sectores da estação. Por outro lado, já vimos também as relações perceptuais que se verificam entre estes dois locais.

Já a camurça, que olhando apenas para a área que agora nos ocupa, nos aparece como um animal exclusivo do alto, não se comporta da mesma maneira ao longo do rio. O que parece caracterizar as rochas do alto é a predominância do auroque e das rochas monotemáticas. Finalmente, será de referir o caso do único ser híbrido até ao momento identificado no Côa que possa ser integrado neste período se encontrar na vertente em sítio altamente perigoso e associado ao percurso que mais cavalos nos apresenta. Neste sentido, ganha particular relevância a relação antropomorfo/cavalo inferida por G. Sauvet a partir da sua análise estatística (G. SAUVET, 1988, 13).

Por último, resta-nos referir um último aspecto que tem directamente que ver com os percursos e com a relação entre as diversas unidades simbólicas. Pelo que referimos acima, se as barreiras físicas das grutas impõem determi-

nada sequência de leitura, aqui vimos que se passa o mesmo. Se a Penascosa é aberta, a “descoberta” da Quinta da Barca passa pela leitura da rocha 6 daquela estação. Por outro lado, a experiência de qualquer dos sectores da Quinta da Barca implica sempre a passagem pela unidade da foz. A experiência da unidade do terraço implica também a visualização prévia do troço da unidade da ribeira pelo menos até à rocha 5. A do alto implica a leitura da ribeira (sendo que a informação das rochas 11 e 12 está contida na 13 e 15). Quer isto dizer que não só as unidades simbólicas são individualizáveis como também se relacionam entre si. Para se atingir determinadas há necessidade prévia de se passar por outras.

Monte do Fariseu

O relevo cujo topónimo nomeia o presente ponto corresponde à unidade orográfica mais imponente da margem esquerda do Côa para jusante da Quinta da Barca. Corresponde a uma espécie de esporão que se prolonga a partir dos últimos planaltos da Meseta situados entre o Vale da Vila e o próprio rio Côa. O esporão é limitado a sul pela ribeira de Piscos e a norte pela ribeira de Vale de Figueira. É este esporão o responsável pela maior curva do Côa no seu sector terminal. Imediatamente em frente deste relevo começa a desenvolver-se o monte de S. Gabriel referido atrás. Do ponto de vista geológico encontramos perante xistos que se manifestam aqui na sua fácies da Desejosa.

Vários factores são responsáveis pela imponentia do monte. De norte, este destaca-se sobretudo pela massa que entra pelo rio. Contudo, é visto de montante que o

Foto VIII. O monte do Fariseu visto de montante. Observa-se ainda a foz da ribeira de Piscos.



dramatismo do relevo se impõe (Foto VIII). Por um lado, existe uma grande diferença de cota entre este (415 m) e os últimos terraços da Ervamoira (248 m) e, por outro, os grandiosos painéis verticais existentes perto do cume impressionam sobejamente quem os observa. Visto de frente (isto é, de leste) a característica mais marcante do relevo é a linha de água que, nascendo perto do seu cume, praticamente secciona o monte. Esta linha de água desemboca numa zona de antiga praia fluvial só perceptível quando as águas da albufeira do Pocinho descem um pouco.

Ora, as rochas que nos interessam apresentam uma distribuição que em nada nos parece aleatória. Na verdade, concentram-se em torno das desembocaduras das linhas de água atrás referidas, reconhecendo-se assim três sítios separados entre si por zonas (até ao momento) vazias: Piscos, Fariseu e Vale de Figueira (Fig. 15).

O sítio da Ribeira de Piscos está cartografado na Carta Militar de Portugal, escala 1:25000, folha 141. A rocha 1, que se encontra na margem esquerda da ribeira, já algo afastada do Côa, apresenta as seguintes coordenadas Greenwich: 41° 01' 53, 34" N e 07° 07' 01, 68" O. As cotas

variam entre os 127 m da rocha 2 e os 163 m da rocha 19. Administrativamente, o sítio localiza-se na freguesia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa. A individualização geográfica da estação é de difícil precisão. A rocha (já inserível na tradição do esquematismo ibérico) situada mais a oeste localiza-se junto da inflexão de norte para este da ribeira de Piscos, na sua margem esquerda, a cerca de 700 m para sudoeste da confluência de Piscos com o Côa. Cinco rochas estão na margem esquerda do Côa para jusante da foz da ribeira, localizando-se a mais afastada a cerca de 200 m daquele ponto. Quatro podem observar-se a montante da foz da ribeira até uma distância de 125 m. Dezasseis concentram-se num pequeno relevo que contraforta o monte de Fariseu por sul, situado na margem esquerda da ribeira de Piscos, sendo definido a oeste pela ribeira do Vale de Legas e a leste pela linha de água imediatamente a jusante. As duas restantes encontram-se na margem oposta, sensivelmente em frente do último grupo referido.

O sítio do Fariseu está cartografado na Carta Militar de Portugal, escala 1: 25000, folha 141. A rocha 2, que ocupa uma posição quase central, tem as seguintes coordenadas

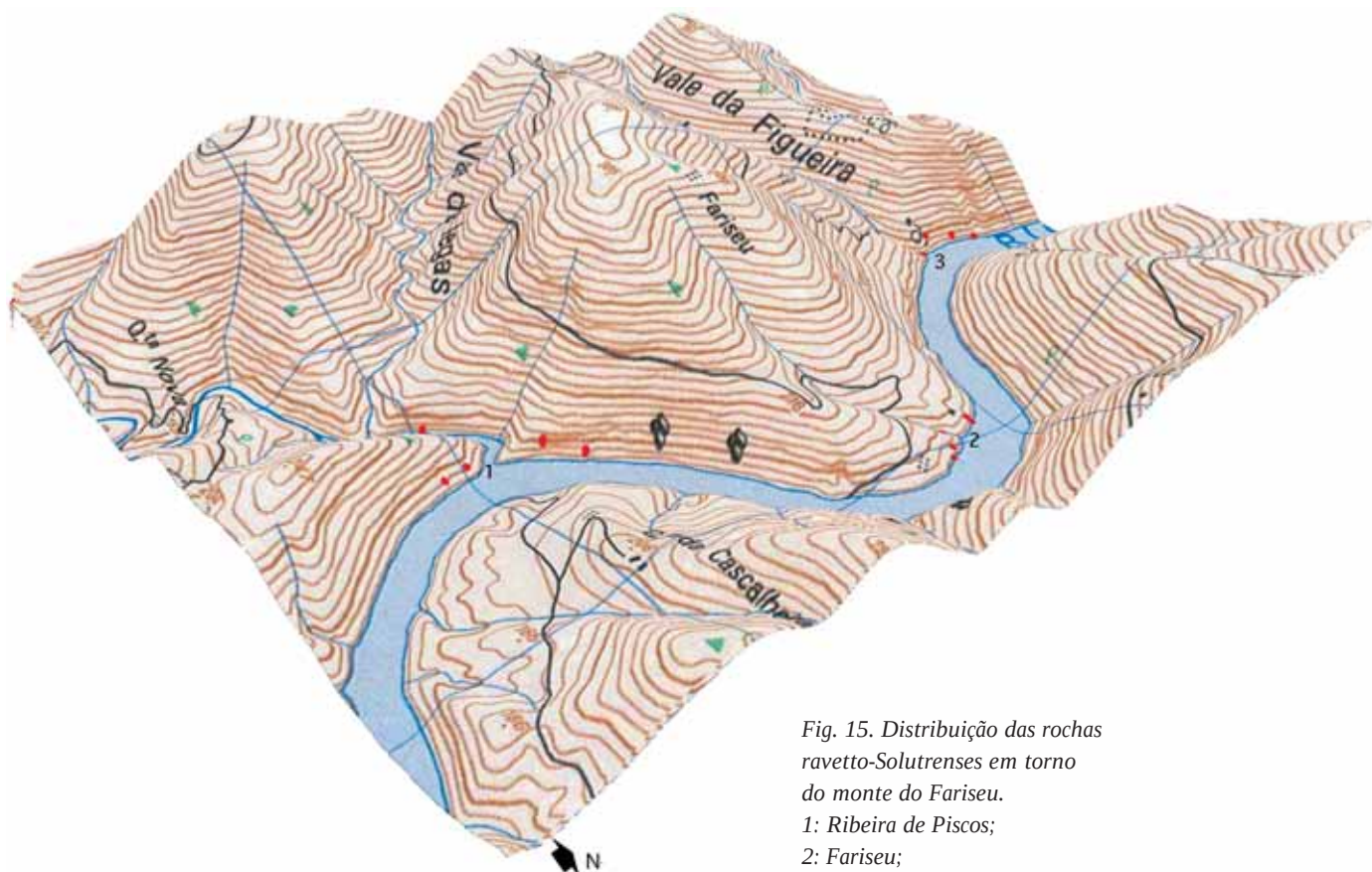


Fig. 15. Distribuição das rochas
ravetto-Solutrenses em torno
do monte do Fariseu.
1: Ribeira de Piscos;
2: Fariseu;
3: Vale de Figueira.

geográficas: 41° 02' 19, 60" N e 07° 06' 31, 52" O. As cotas variam entre os 120 m da rocha 1 e os 160 m da rocha 15. Administrativamente, localiza-se também na freguesia de Muxagata. A definição geográfica é problemática, mas *grosso modo* corresponde à vertente leste do monte do Fariseu na zona do sopé. Uma destas (rocha 2) situa-se na margem direita da ribeira de Fariseu, a cerca de 30 m da foz actual. Nove delas situam-se para montante da referida linha de água, localizando-se a mais afastada a cerca de 140 m para sul. Estão cartografados cinco painéis para jusante da ribeira, encontrando-se o mais distante a cerca de 30 m para norte. Todas estas rochas, à excepção da 2 localizam-se junto ao Côa. Outras quatro, exclusivamente de cronologia sidérica, observam-se na margem esquerda da ribeira, a cerca de 170 m da foz.

A estação de Vale de Figueira está cartografada na mesma folha da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25000, referida atrás. A rocha 1, que se situa junto da foz da ribeira epónima, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41° 02' 36, 43" N e 07° 06' 55, 63" O. As cotas variam entre os 120 m da rocha 5 e os 135 m da rocha 2. Localiza-se na mesma freguesia das estações anteriores. As restantes rochas da estação distribuem-se da seguinte forma: duas encontram-se junto à margem do Côa para montante da foz da ribeira, podendo observar-se a mais distante a cerca de 250 m. As três restantes localizam-se para jusante da ribeira, já no sopé do monte Texugo, estando a mais afastada a cerca de 300 m para nor-nordeste da foz da linha de água atrás referida.

No sítio de Piscos estão até ao momento inventariadas 28 rochas, sendo que 23 apresentam manifestações gráficas atribuíveis ao Paleolítico superior. Destas 23, 5 são atribuíveis a um período Gravetto-Solutrense, pelo que apenas estas serão tidas em conta nesta análise. A rocha 1 situa-se na margem esquerda da ribeira a cerca de 200 m da foz, orientando-se o painel para aquela linha de água. As rochas 24 e 16 localizam-se já viradas para o Côa, respectivamente a cerca de 100 e 75 m da foz. A rocha 13 corresponde a um amplo painel de 6, 1 m de altura e 7 m de largura, situável a cerca de 25 m acima do actual leito do Côa e a 125 m para jusante da foz de Piscos, sendo as suas gravuras perfeitamente observáveis da outra margem. Já a rocha 16 situa-se junto ao Côa a cerca de 200 m para jusante da desembocadura da linha de água que dá o nome à estação. Estas últimas quatro rochas estão todas voltadas para o Côa.

Já na estação de Fariseu contam-se 19 rochas, tendo 15 destas sido historiadas durante o Paleolítico superior. As 6 que estilisticamente podemos atribuir ao período que nos importa distribuem-se da seguinte maneira: a rocha 2 está na margem direita da ribeira que nasce no cume do monte,

a cerca de 30 m da foz actual. Para montante da confluência desta linha de água com o Côa estão as rochas 5 e 3, distanciadas daquele ponto a 75 e 40 m respectivamente. Para jusante da linha de água observa-se o conjunto formado pelas rochas 6, 19 e 1 a cerca de 50 m. Todas estas rochas apresentam as suas superfícies num plano perpendicular ao curso do Côa. A 2 está orientada *grosso modo* para norte e as restantes para sul.

O sítio de Vale de Figueira é composto por 6 rochas, sendo 5 paleolíticas, quatro dessas podendo ser atribuídas a um período Gravetto-Solutrense. A rocha 1 situa-se na margem esquerda da ribeira de Vale de Figueira, na confluência com o Côa. Apresenta dois painéis: um orientado para a ribeira e outro para o Côa. As rochas 2, 6 e 5 distribuem-se por esta ordem para jusante da ribeira (isto é, já no sopé do monte Texugo), estando a 5 a cerca de 300 m da foz da linha de água que dá nome a estação. Todos os painéis, à excepção do A da rocha 1, se desenvolvem paralelamente ao Côa.

PERCURSOS POSSÍVEIS

Os três sítios a que nos temos vindo a referir estão distribuídos de uma forma que permite tanto a sua experiência individual, como a das três estações como um todo. Na verdade, e como veremos seguidamente, a análise conjunta da orientação dos animais e dos painéis permite-nos inferir que o sentido de progressão ao longo de todo o monte seria de montante para jusante, percurso esse que com todos os constrangimentos do relevo actual (salientamos este aspecto pois a influência da barragem do Pocinho faz-se sentir até à Foz de Piscos; pela experiência de 95 sabemos que junto às margens originais a progressão se faria muito mais facilmente) e da densa vegetação entre os núcleos, se efectua durante um intervalo temporal de 30 a 45 minutos.

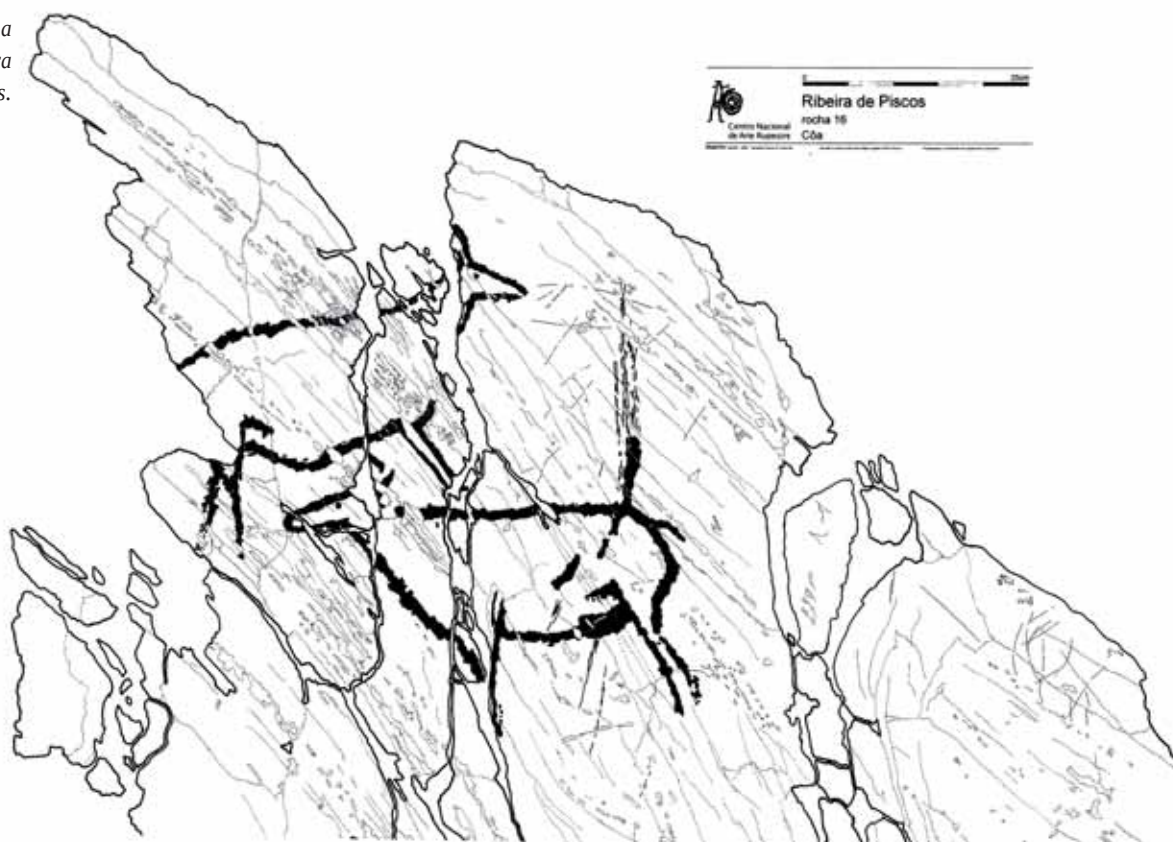
Antes de iniciarmos a nossa análise será de referir que, tanto em Piscos como no Fariseu, há sempre uma rocha para a qual não somos conduzidos. Referimos-nos à rocha 1 da primeira estação e à 2 da segunda, isto é, às rochas que se encontram junto das margens das ribeiras e já afastadas das margens do Côa. Isto levanta problemas interessantes aos quais voltaremos seguidamente. Se agora introduzimos o problema é para deixar bem explícito que a nossa análise se centrará sobre as rochas que ladeiam o Côa.

Em Piscos encontramos nesta situação as rochas 24 e 16 a montante da foz e as rochas 13 e 15, a jusante. No caso das primeiras deparamos-nos com uma situação problemática. Na verdade, a única figura da fase antiga da rocha 24 (um quadrúpede cuja espécie não foi possível identificar; **Foto IX**) está virada para montante e as duas camurças da rocha 16 (**Fig. 16**) orientam-se em sentidos opostos. Deste modo,

Foto IX. Painel 23
da rocha 24 de
Piscos onde se pode
observar um animal
incompleto de
características
Gravetto-Solutrenses.



Fig. 16. Rocha
16 da Ribeira
de Piscos.



o somatório das orientações dos animais desta zona indicam o sentido oposto do que admitimos para a globalidade das estações. A explicação possível é que nesta margem em particular nos faltam dados que poderão ter sido relevantes. E na verdade, pelo menos o topo da rocha 24 apresenta um elevado grau de fracturação (que nos impede inclusivamente de identificar o quadrúpede referido). Para jusante da foz, a situação é bastante clara: a rocha 13 (ver *infra* a sua localização) apresenta três enormes auroques dois deles virados para jusante (Fig. 17) enquanto na 15 se observa um grande veado e um capríneo virados para jusante e um cervídeo para montante (Fig. 18).

No Fariseu, a situação é ainda mais evidente. Na verdade, como referimos atrás, os painéis estão perpendiculares ao Côa. Ora, se andarmos de montante para jusante observamos cada um dos painéis a partir do imediatamente anterior (situação que, como é evidente, não é possível no sentido contrário). Ora, este facto leva-nos a admitir que nesta estação a orientação dos animais a ter alguma relevância será ao nível dos preceitos a cumprir “à saída” de cada rocha. Por exemplo, ao deixarmos a rocha 5 para nos aproximarmos da 3, deveríamos passar à direita da primeira (por onde nos reenvia o cavalo e veado aí representados). Ainda não dispomos de dados suficientes para

valorizarmos com o rigor necessário estes aspectos. Contudo, na Canada do Inferno voltaremos a encontrar uma outra sugestiva situação do género. Com base na orientação dos painéis, admitimos que a sequência de visualização seria a seguinte: 5 (Fig. 19) - 3 (Fig. 20) - 19-6 (Fig. 21) - 1 (A. M. BAPTISTA, 2001, 247, figs. 8 e 9).

Em Vale de Figueira, como foi referido, apenas o painel A da rocha não se encontra virado para o Côa. No entanto, os animais presentes para aí nos empurram (4 auroques para a direita e dois quadrúpedes na mesma direcção, um destes também orientado para cima) (Foto X). No painel B da mesma rocha (este já paralelo ao Côa) observa-se um prótomo de equídeo virado para jusante, orientação presente no quadrúpede da rocha 2, no auroque da rocha 6 e no prótomo de veado fêmea da rocha 5.

Em suma, ao nível dos percursos em torno do monte, encontramos-nos perante uma situação semelhante à da Penascosa, a saber –uma única hipótese de visualização sequencial de todas as rochas ao longo do sopé. Ao contrário da Penascosa, contudo, temos aqui rochas para as quais não somos remetidos (rocha 1 de Piscos e 2 de Fariseu). Há pois necessidade de admitir que a visualização dessas rochas implica um conhecimento prévio do que se deve procurar, hipótese particularmente pertinente no

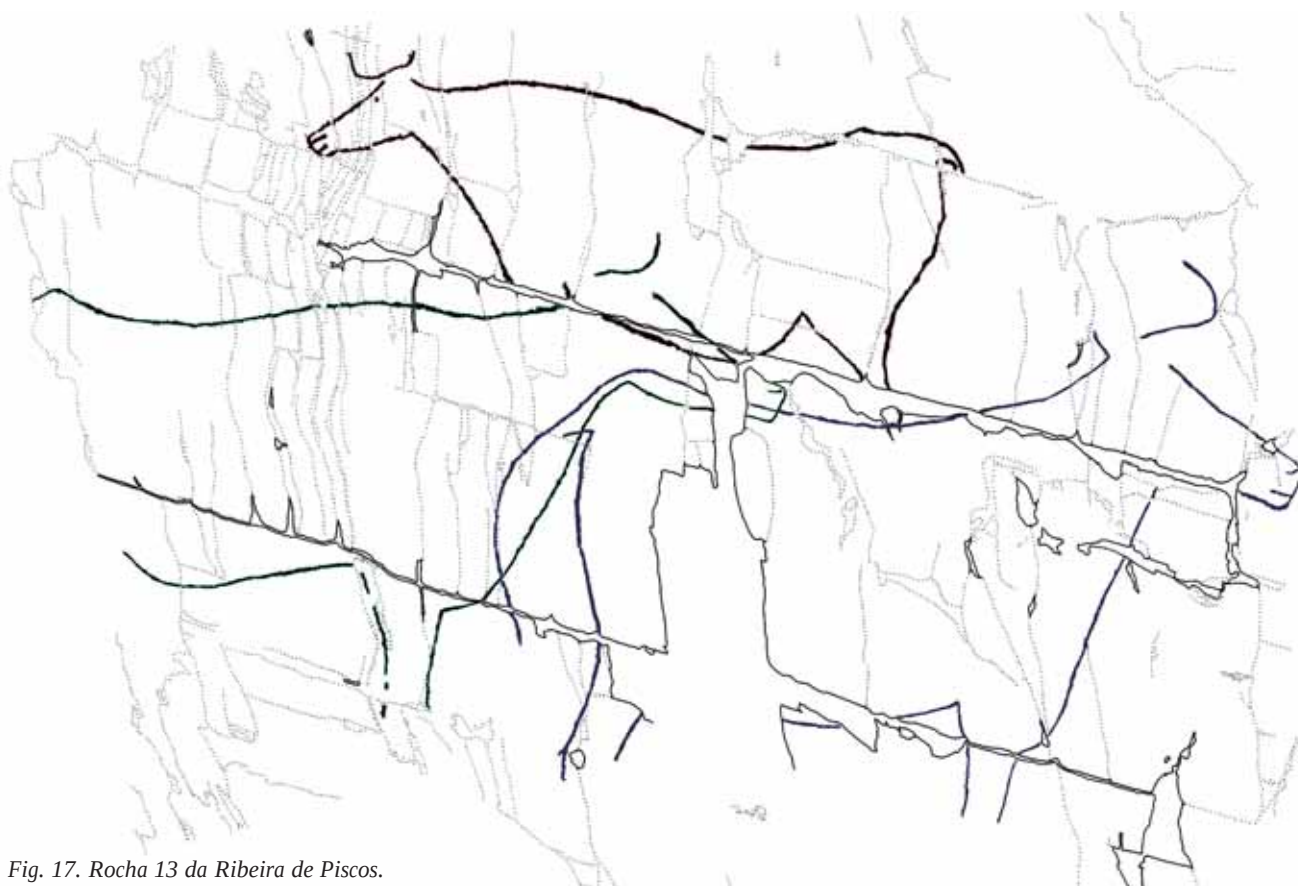


Fig. 17. Rocha 13 da Ribeira de Piscos.

Fig. 18. Rocha 15 da Ribeira de Piscos.



Fig. 19. Rocha 5 do Fariseu.

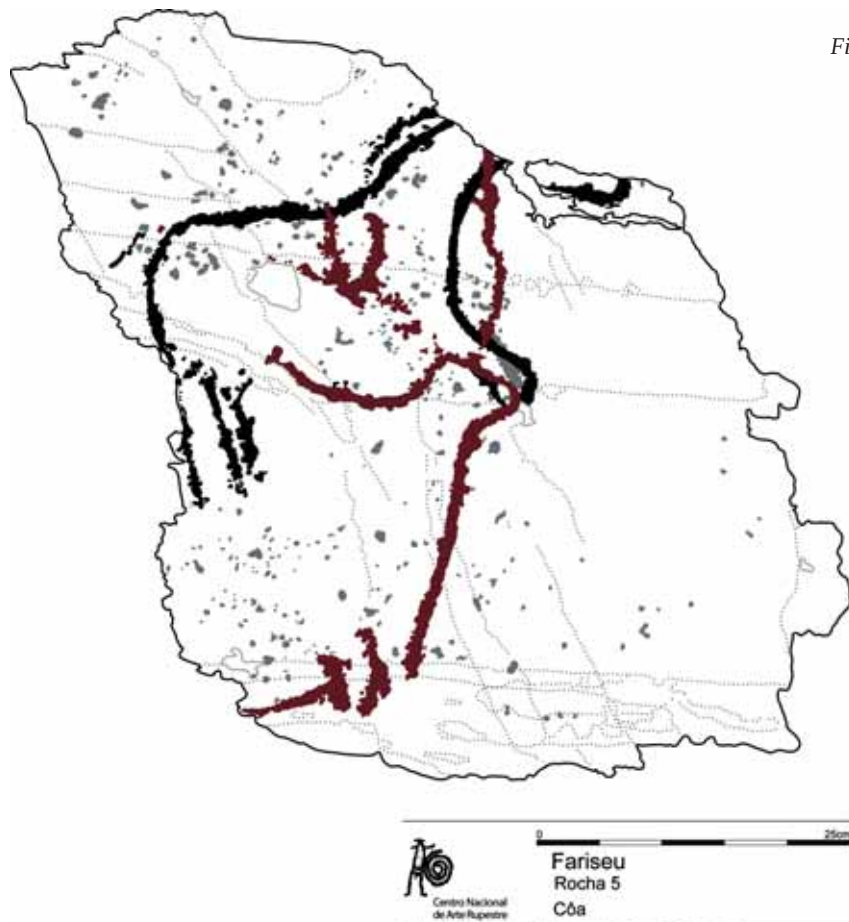


Fig. 20. Rocha 3 do Fariseu.

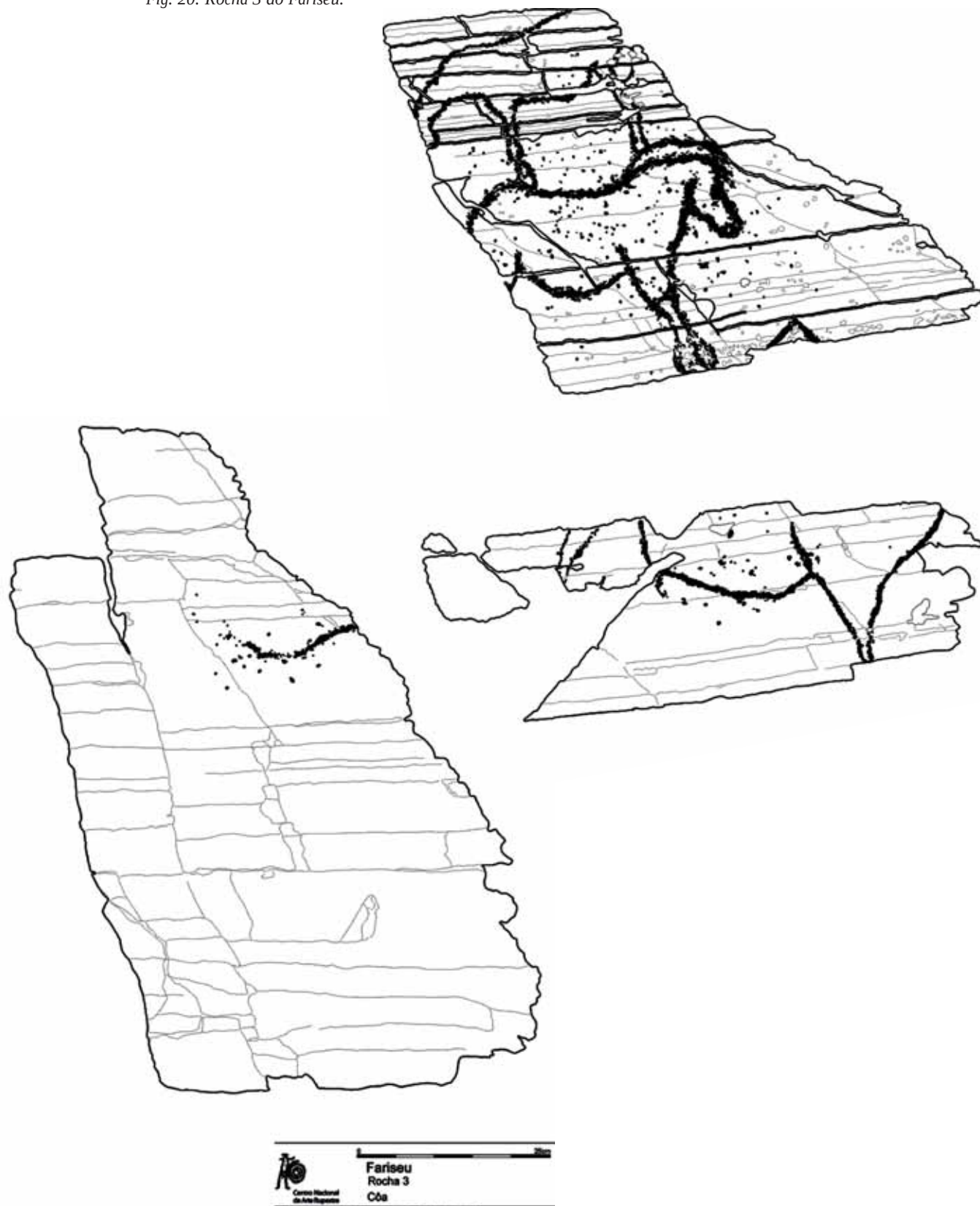


Fig. 21. Rocha 6 do Fariseu.

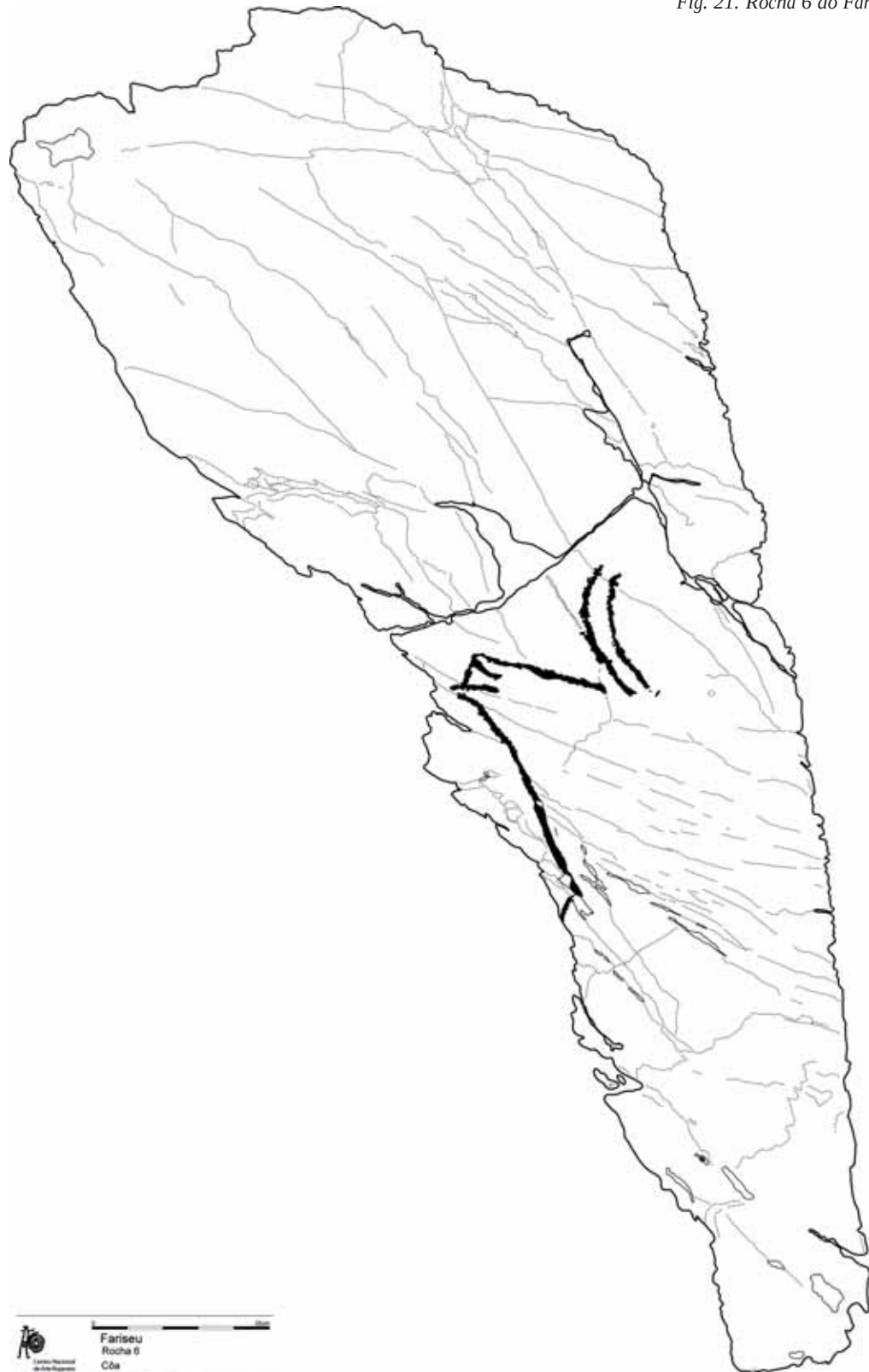


Foto X. Painel A da rocha 1 de Vale de Figueira. O signo referido no corpo de texto encontra-se no sector superior esquerdo da foto.



caso da rocha 1 de Piscos, dada a sua maior distância das vertentes sobre o Côa.

VARIABILIDADE TEMÁTICA AO LONGO DO MONTE FARISEU

Também a comparação ao nível da variabilidade temática entre os diversos sítios que rodeiam o monte Fariseu é bastante sugestiva. No caso da Ribeira de Piscos (Gráfico 6), o sítio destaca-se pela presença de apenas um capríneo, presente somente na última rocha (15) e com um tamanho discreto por comparação com o grande veado que domina a composição. Se tivermos em conta a importância daquele animal nos núcleos precedentes, estamos perante um dado bem sugestivo. Em relação às outras espécies, o auroque é

o animal dominante (os três exemplares da rocha 13). Auroques, cavalos e camurças têm o mesmo número de motivos. Ainda ao nível da semiótica microlocal é de salientar alguns dados pertinentes: cavalos, camurças e auroques encontram-se em rochas monotemáticas (rochas 1, 16 e 13 respectivamente). Os veados aparecem junto de um capríneo. Infelizmente não podemos aferir com grandes certezas o género deste animal. Contudo, a ausência de vestígios de corno que deveriam aparecer no sector central direito, podem apontar para a presença de uma fêmea. A ser assim, não podemos deixar de salientar o paralelismo entre a unidade simbólica da ribeira da Quinta da Barca e esta rocha –em ambos os exemplos os veados se associam a cabras e o bode está ausente. Contudo, e voltamos a frisar, estamos perante uma mera hipótese de trabalho que será necessário averiguar com outros exemplos. Não deixa de ser curioso que corresponde esta à única rocha do núcleo que não é monotemática (mesmo a rocha 24, na medida em que só apresenta um animal, embora não identificado, também está nesta situação).

A variabilidade temática do Fariseu é também ela bastante pertinente (Gráfico 7), não só *per se* como também pelas comparações possíveis com outros sítios de que falámos atrás. Contudo, será de referir previamente que a rocha 19, identificada em 2005 durante as escavações de T. AUBRY e J. Sampaio, não se encontra ainda estudada devido à reduzida área aberta em frente ao painel historiado. Contudo, pensamos que um universo de 91 motivos já nos proporciona uma certa segurança estatística. Assim, o elemento que mais nos salta à vista é o equilíbrio patente ao nível da frequência de equídeos (22%), bovídeos (21%) e capríneos (21%). Como se poderá confrontar nas páginas acima, trata-se de uma situação que reflecte em certa medida a da Penascosa e sobretudo a da foz da ribeira da Quinta da Barca. Por outro lado, as relações com este último sector inferem-se também a partir de outros paralelismos: por um lado, é claro o evidente paralelismo formal entre as rochas 1 de cada um dos sítios. Por outro, e julgamos ser este facto de elevada pertinência, correspondem aquelas rochas às únicas superfícies de todo o vale do Côa em que os bovídeos são claramente machos (Fig. 22).

Vale de Figueira apresenta também características bastante pertinentes e sobre as quais será de toda a conveniência atentarmos elas. A que mais salta à vista quando olhamos para o gráfico 8, é o claro domínio dos auroques. O segundo dado a reter é que pelo menos dois dos quadrúpedes não correspondem a animais não identificados actualmente, mas propositadamente inacabados. Uma hipótese explicativa seria a admissão de que seriam completados através da pintura, se bem que com os dados de que dispomos no momento será talvez de maior “eficácia

Gráfico 6.
Variabilidade temática
da Ribeira de Piscos.

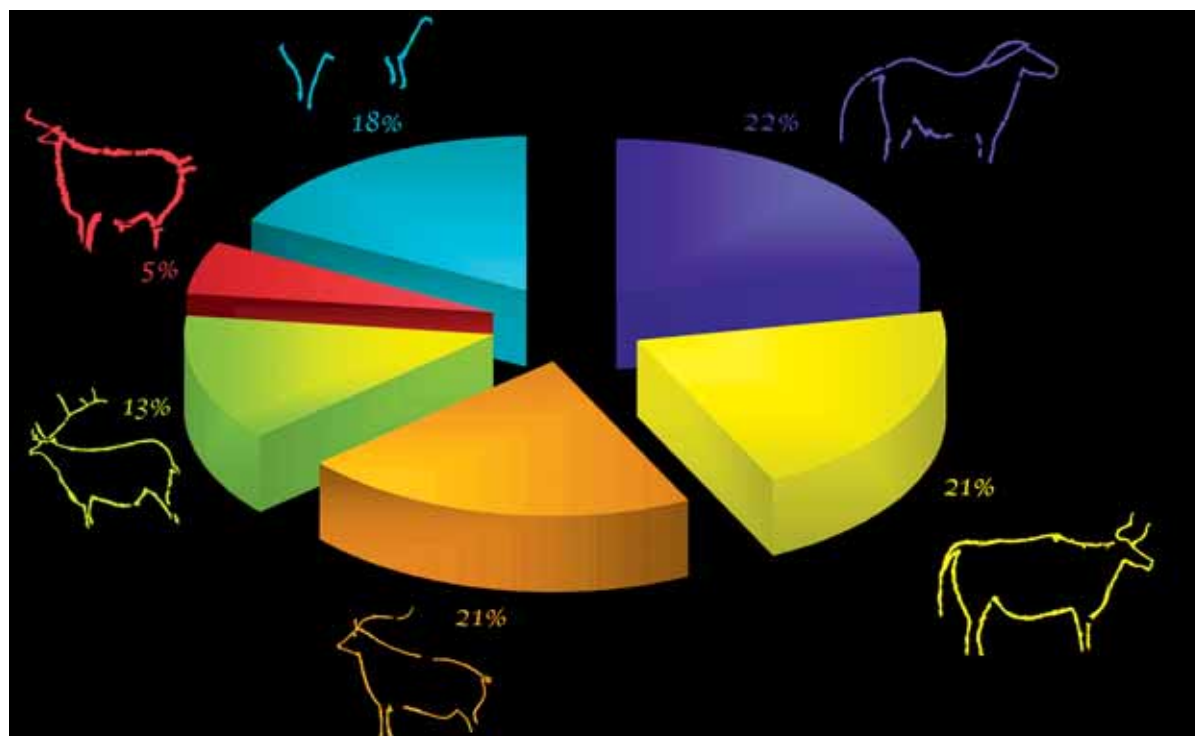
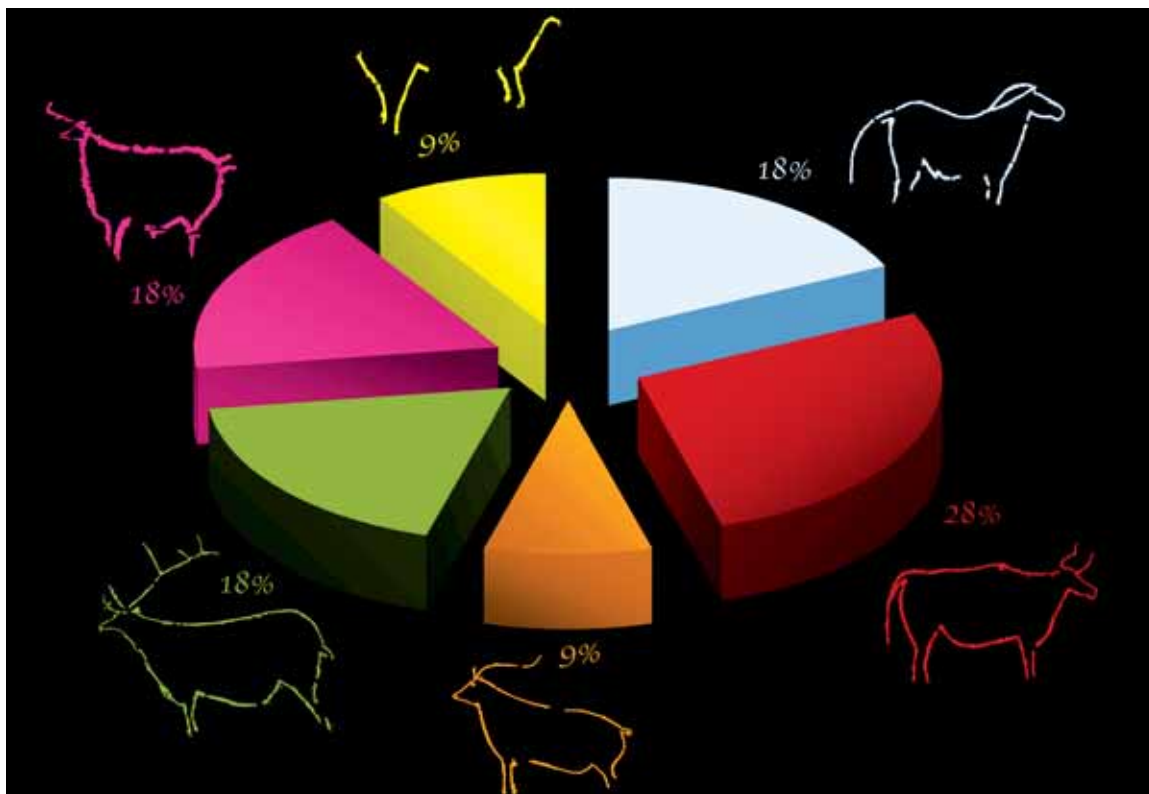


Gráfico 7.
Variabilidade
temática do Fariseu.

Fig. 22. Representações de auroques machos na rocha 1 do Fariseu (esquerda) e painel A da rocha 1 da Quinta da Barca.

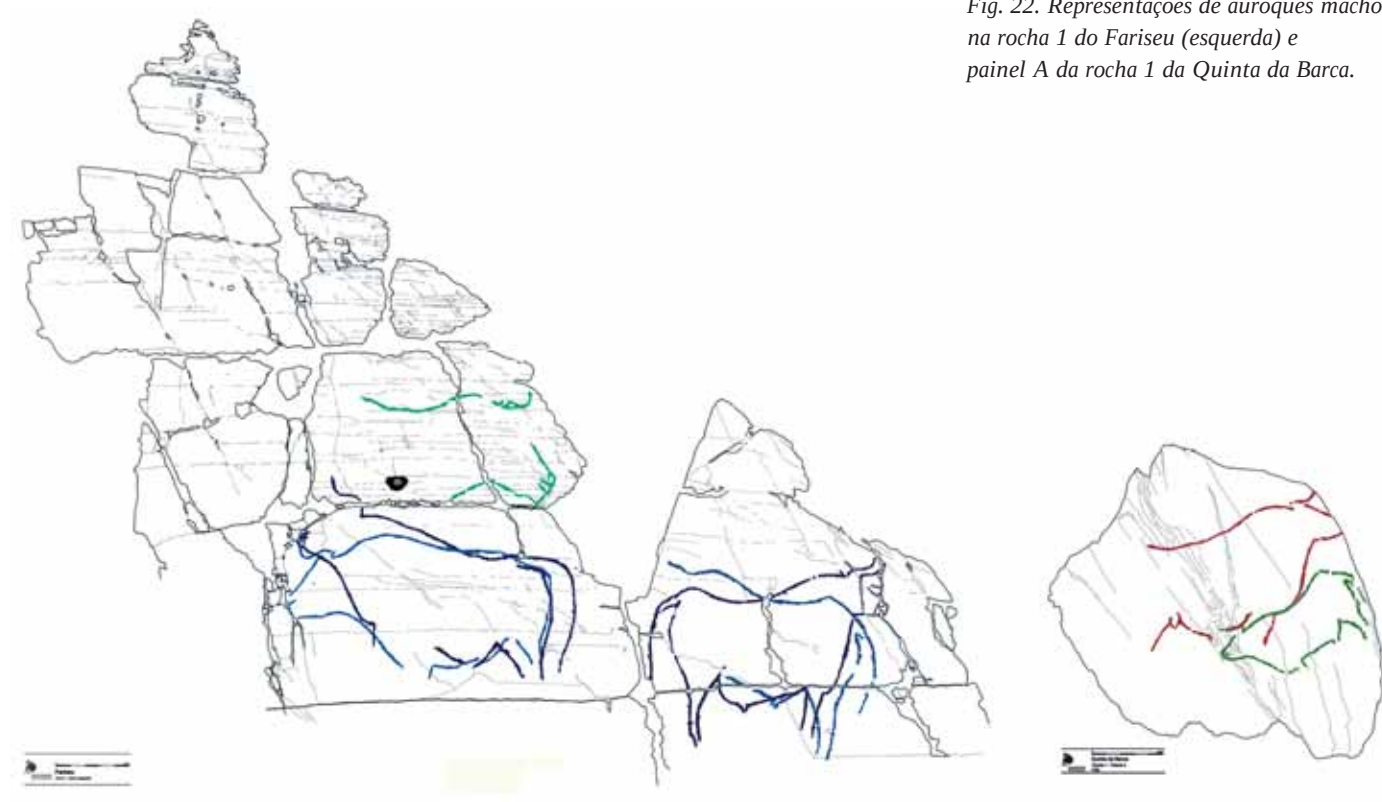
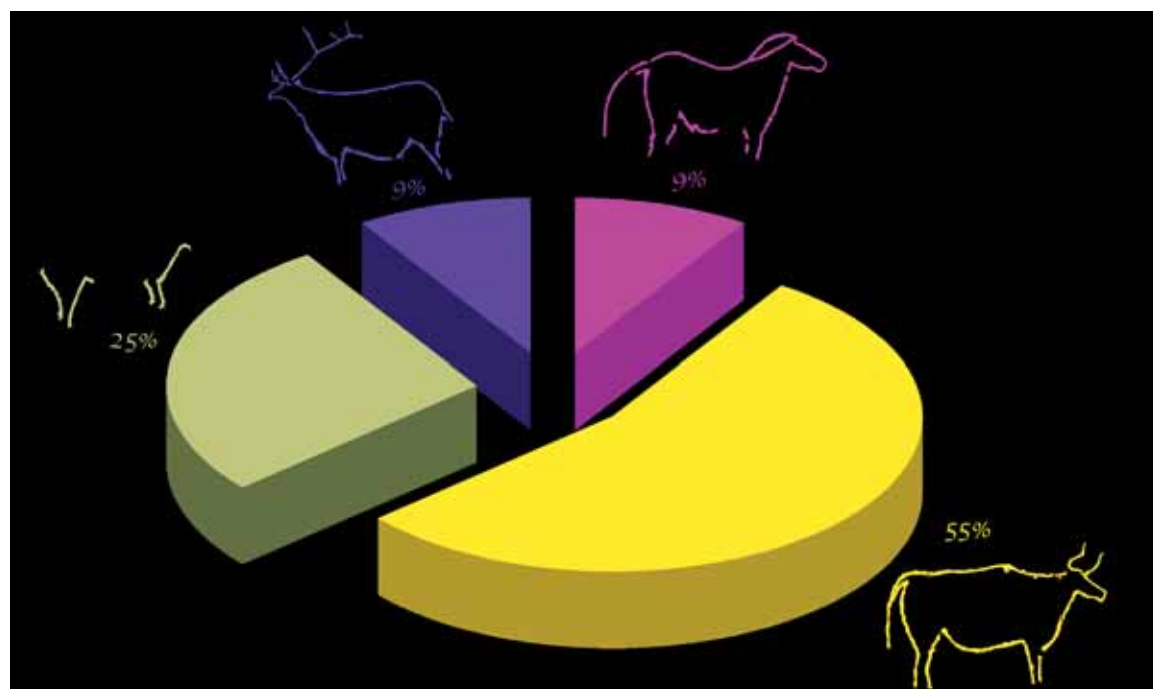


Gráfico 8.
 Variabilidade
 temática de Vale
 de Figueira.



interpretativa” (quanto ao conceito de “dispêndio interpretativo”, consultar ECO, 1990, 96-112) abonarmos em favor da hipótese da intenção de não explicitar estes motivos. Finalmente, será de relevar o facto de o cervídeo presente, ao contrário da generalidade dos casos deste período, ser uma fêmea.

Para além destes aspectos próprios de cada uma das estações, haverá que referir que cada uma delas apresenta um elemento em comum, a saber –a existência de uma rocha monotemática no interior das ribeiras que as atravessam. Assim, em Piscos encontramos a rocha 1 e os seus magníficos cavalos (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 318), no Fariseu a rocha 2 e o seu imponente veado e em Vale de Figueira no painel A da rocha 1 (o que se encontra virado para a ribeira) alguns dos auroques mais sugestivos do Côa. Esta rocha apresenta ainda a particularidade de nela se encontrar um interessante signo [sem qualquer paralelo evidente, pode ser descrito globalmente como um rectângulo definido em cima por uma linha côncava, sendo os seus lados menores definidos por uma banda vertical segmentada por pequenos sulcos perpendiculares aos seus eixos maiores –a ter um apêndice superior poderia integrar o grupo definido pela chave IVb de SAUVET *et alii* (1977, 546, tableau I)] e de ser aí que se reconhecem também os quadrúpedes intencionalmente inacabados. Esta-

mos agora em condições de colocar a questão: estarão estes animais incompletos devido a um “tabu” que impediria a representação neste painel em particular de outros animais identificáveis que não auroques? Poderá o signo conter a informação que completaria aquela contida nos quadrúpedes? Até ao momento, não passam de perguntas a que dificilmente se poderá responder. De relevar um outro facto sumamente interessante: os animais presentes em cada uma destas ribeiras correspondem àqueles que constituíam a maioria temática da ribeira da Quinta da Barca...

ANÁLISE RELACIONAL

Pelo que se escreveu no ponto anterior, a análise relacional poderá ser feita a dois níveis: à escala do monte do Fariseu e tendo também em conta os núcleos previamente estudados.

Assim, em relação ao primeiro nível, verificamos que os auroques dominam os limites do monte (em Piscos e Vale de Figueira). Por outro lado, em Fariseu observa-se um notório equilíbrio entre esta espécie, os capríneos e os equídeos. Por outro lado, é também aqui que encontramos uma maior variabilidade temática. Contudo, e será de toda a pertinência referi-lo, trata-se de uma variabilidade que não apresenta qualquer exclusividade ao nível do bestiário



Fig. 23. Rocha
2 do Fariseu.

presente ao longo dos três núcleos estudados nos pontos imediatamente anteriores. Assim, encontramos camurças e cabras (machos e fêmeas) não presentes em Vale de Figueira mas existentes em Piscos, e fêmeas de veado que neste último sítio não ocorrem enquanto se pode observar um exemplar na rocha 5 de Vale de Figueira. Ou seja, o núcleo do Fariseu aparece-nos mais como uma mistura (ou síntese) dos dois núcleos que o ladeiam, do que como um sítio em que ao nível da variabilidade temática de espécies contenha mais informação. No entanto, se tivermos em conta o sexo das representações, é possível discernir outras particularidades do Fariseu. Assim, ao nível das cabras temos seguramente tanto machos como fêmeas (ao contrário de Piscos em que só um destes está presente). Por outro lado, e tal como já referimos, trata-se a rocha 1 deste núcleo e a 1 da Quinta da Barca as únicas superfícies onde encontramos auroques claramente machos.

Antes de passarmos a uma análise mais global, procuremos ver que outras características específicas que não ao nível das representações podemos discernir em Fariseu. Por um lado, trata-se do local que por se situar na antiga praia fluvial poderia abrigar uma maior audiência. Por outro lado, o núcleo organiza-se em torno da ribeira que nasce perto do topo do monte (e como dissemos já, é responsável pela fisiografia particular da sua vertente leste). Ainda de referir é o facto destas rochas se situarem mesmo em frente à vertente oeste da maior orografia regional: o S. Gabriel. Este *inselberg* corresponde ao maior relevo da região sendo perceptível directa ou indirectamente de todo o vale e de toda uma ampla região que o circunda, desde os planaltos de Freixo de Numão até à Marofa (Foto XI). Em resumo, julgamos serem estas as características que levaram a que se gravasse de forma tão particular neste

ponto exacto do monte: a centralidade do sítio, a possibilidade de abrigar uma audiência razoável, a existência da ribeira supracitada (que, pelas suas características, terá certamente sido uma potencial fonte de metáforas e narrativas) e o afrontamento do S. Gabriel.

Uma análise mais global permite-nos desde já referir que os bodes continuam a relacionar-se com sítios de amplas audiências, que no interior das ribeiras continuam ausentes e que, a corresponder a uma cabra a figuração presente na rocha 15 de Piscos, estas parecem relacionar-se semioticamente com os veados como se depreende também da leitura das rochas da ribeira da Quinta da Barca. Finalmente, a existência de auroques machos parece estar dependente da ocorrência de um grande número de figurações e de um largo equilíbrio entre as três espécies dominantes. É lícito colocar agora a questão do porquê do paralelismo entre o Fariseu e a foz da ribeira da Quinta da Barca. Se vimos já que o primeiro dos sítios é um lugar que possibilita grandes audiências, o segundo não o é. Por outro lado, quanto a este aspecto, os restantes sítios que as possibilitam não apresentam as mesmas características que os dois que agora paralelizamos. Deste modo, temos que procurar outros factores que expliquem tais semelhanças. Ora, um dos dados pertinentes da foz da ribeira da Quinta da Barca é a sua situação de passagem entre um sítio amplo e decerto aberto a um público maior e vários outros cuja situação geográfica e a variabilidade temática neles existente nos fez encará-los como sítios mais restritos (lembramos que para chegar a qualquer desses sítios é necessária sempre a passagem pela foz da ribeira da Quinta da Barca). Poderá o Fariseu ser uma zona de passagem também? A ser assim, entre que dois estádios? Ora, a situação do Fariseu no vale, em frente ao monte de

Foto XI. O monte de S. Gabriel visto do planalto das Olgas.



Foto XII. Distribuição das rochas historiadas pela Canada do Inferno (Foto de 1995).



S. Gabriel, torna-o de facto um sítio de passagem, neste caso entre o vale e o amplo território que o circunda. De facto, a unir estas duas áreas encontra-se o relevo atrás mencionado. Sendo o Fariseu a área que geograficamente mais se acerca desse “link”, podemos admitir que a com a situação semântica de passagem que nele se imprimiu, se pretendeu ao mesmo tempo atribuir propriedades mnemónicas ao monte de S. Gabriel. Quem deambulasse pelos planaltos que circundam o vale teria sempre perceptualmente presente esta orografia e consequentemente os discursos produzidos no Fariseu em particular e no vale em geral. Neste contexto, ganha particular relevância o aparecimento de um pico, semelhante aos exumados na Olga 14, precisamente no monte de S. Gabriel (informação pessoal de Thierry AUBRY e Jorge Sampaio, a quem agradecemos).

Canada do Inferno

O sítio da Canada do Inferno está cartografado na Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, folha 141. A rocha 1

que ocupa uma posição mais ou menos central apresenta as seguintes coordenadas Greenwich: 41° 03' 20, 80" N 07° 06' 40". Em relação à altitude, esta varia entre os 120 m das rochas que formam a base do “abrigo das cabras” a que nos referiremos adiante e os 160 m da rocha 41. Administrativamente, a estação pertence à freguesia de Vila Nova de Foz Côa. Actualmente, parte da estação está submersa pelas águas da albufeira do Pocinho, pelo que a descrição seguinte só poderá ser confrontada com fotos do ano de 1995 (quando aquele sector do rio foi esvaziado) e com cartografia anterior a 1983 (ano do enchimento).

Dito isto, podemos descrever o sítio da seguinte maneira (Foto XII): Na base encontrava-se uma ampla praia que alargava na foz da ribeira epónima, formando-se aí um pequeno anfiteatro natural. Grande parte das rochas sobre as quais nos debruçaremos situam-se nesta zona. Imediatamente a norte desta área reconhece-se uma enorme formação rochosa de forma vagamente triangular, com cerca de 10 m de altura e perto de 20 m de largura junto à base. No seu sector setentrional encontra-se um abrigo com cerca de 2 metros de alto na parte mais alta e 1,5 m de largura.

Fig. 24. Rocha 18 da Canada do Inferno.

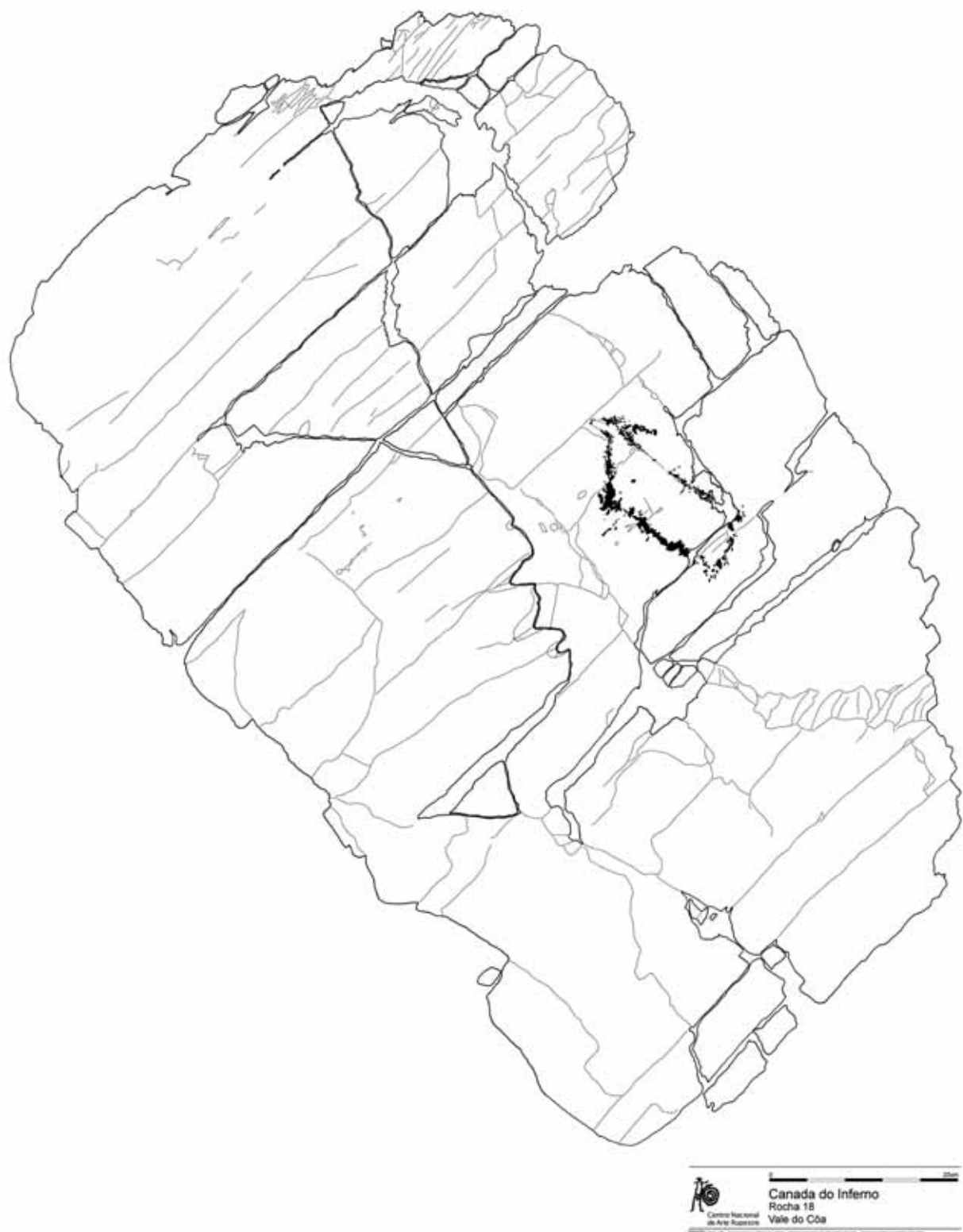
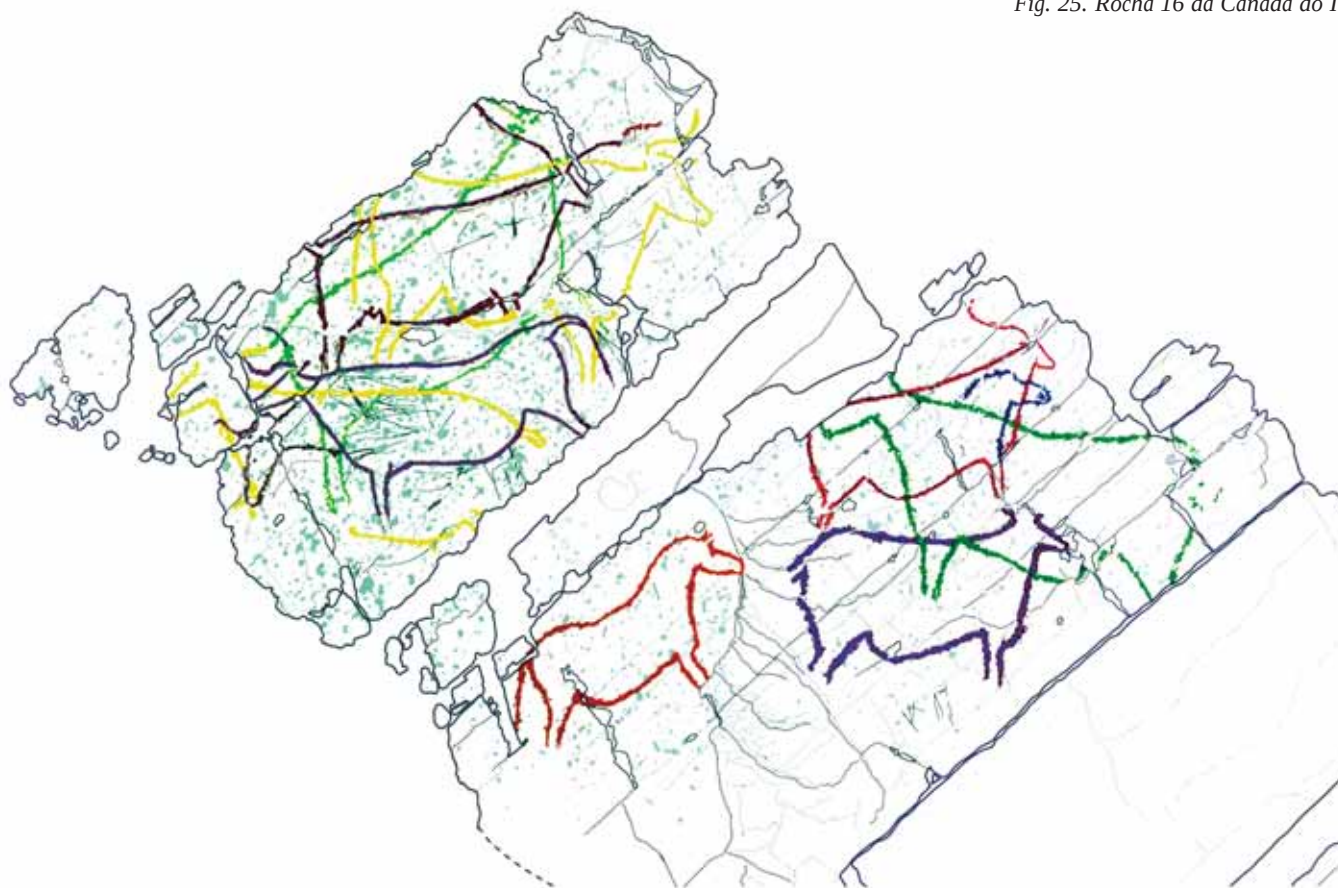


Fig. 25. Rocha 16 da Canada do Inferno.



À volta desta cavidade vários painéis foram gravados. No sector sul, identificam-se também vários painéis que vão da base até ao topo. Esta formação, denominada doravante como “abrigo das cabras”, pode portanto ser descrita como uma ampla parede vertical historiada em vários pontos que termina em frente da rocha 1. Deste ponto até à rocha 15 o sítio corresponde a uma vertente de declive bastante acentuado. Junto à praia e para norte do mencionado “abrigo” distribuem-se ainda várias rochas. Finalmente, resta referir que ao longo da ribeira citada, sempre na sua margem esquerda, se encontram também várias rochas. O pequeno canado formado pelo curso desta linha de água apresenta também alguma pendência, mas não tão acentuada como a vertente atrás descrita.

No sítio da Canada estão inventariadas até ao momento 42 rochas, sendo que 36 apresentam gravuras atribuíveis ao Paleolítico superior. Destas, 16 serão ignoradas porquanto o estilo das suas gravuras se afasta das que agora nos interessam. O sítio da Canada corresponde ao único em

que serão tidos em conta alguns motivos filiformes de contorno simples. Mais uma vez, é o estilo dessas figuras que a isso nos impele. Do mesmo modo, algumas gravuras picotadas não foram tidas em conta exactamente pelas mesmas razões.

Quanto à distribuição das rochas, esta processa-se da seguinte maneira: de montante para jusante e antes da ribeira encontramos a 17, a 18 (Fig. 24), a 16 (Fig. 25) e em frente a esta a 22 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 275-276). Para montante do “abrigo das cabras” e antes daquela linha de água localizam-se a 10 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 272-273), a 11 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 277-279) e a 12 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 274). Já no canado propriamente dito situa-se a 41 (Fig. 26). À volta do abrigo (Foto XIII) encontramos à esquerda a rocha 35 (A. M. BAPTISTA e M. V. GOMES, 1997, 296), em cima a rocha 30 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 292) e à direita a rocha 31 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 293). A 27 (A. M. BAPTISTA,

Fig. 26. Rocha 40 da Canada do Inferno.

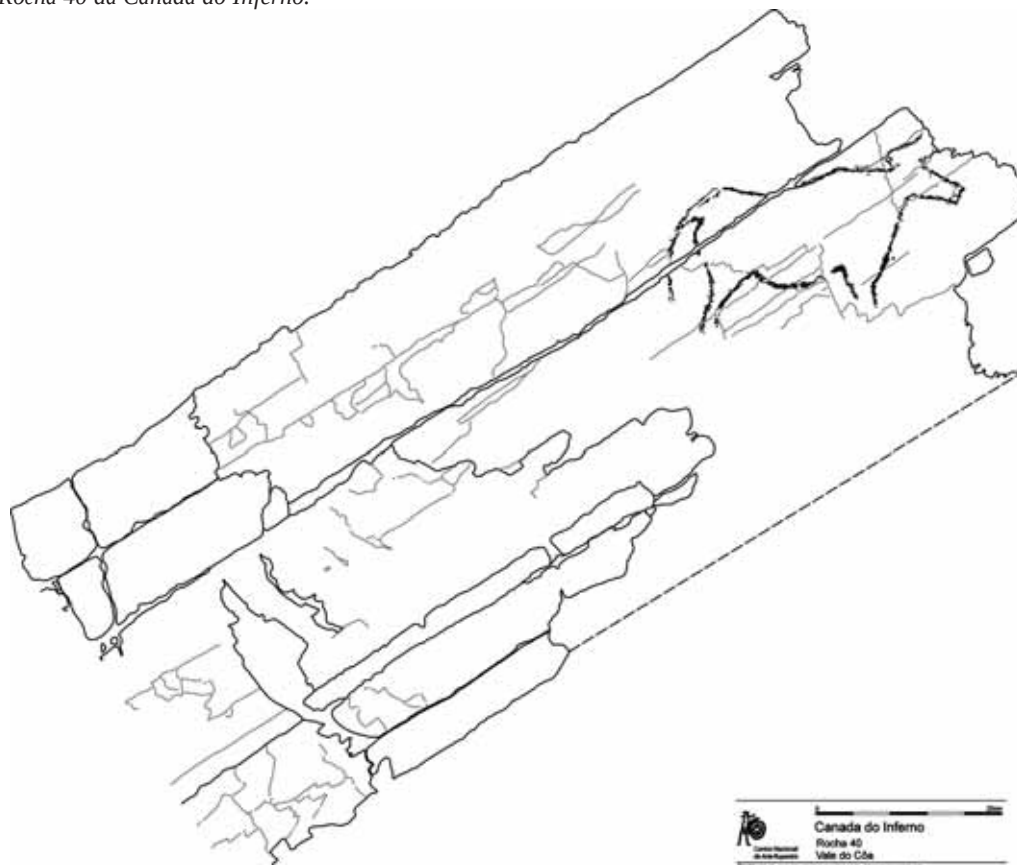
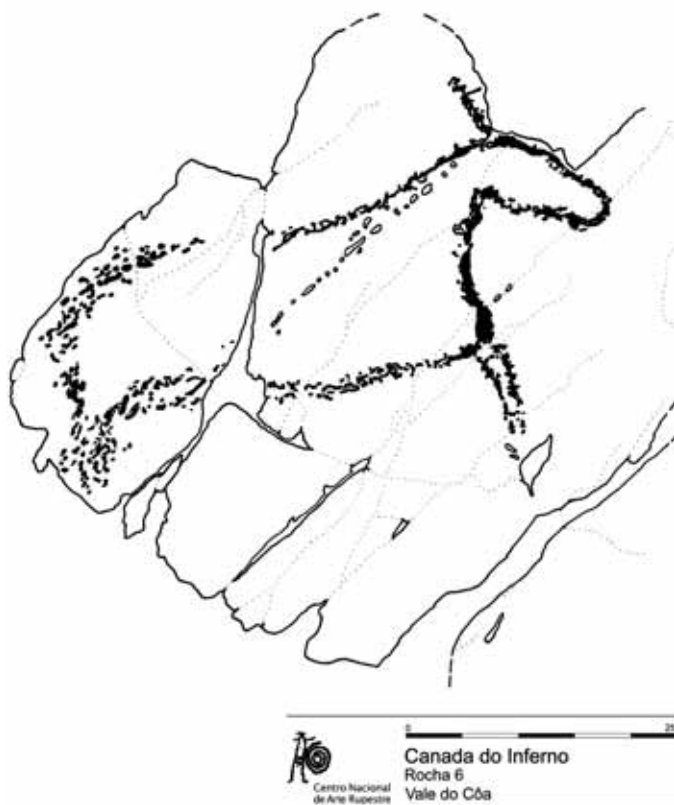


Foto XIII. Distribuição dos painéis gravados pela formação rochosa denominada "abrigo das cabras" (Foto de 1995).

Fig. 27. Rocha 6 da Canada do Inferno.



1999a, 78, por lapso identificada como 30) localiza-se imediatamente à esquerda da 35. Acima do abrigo à direita encontramos a 28 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 290-291). No sector superior esquerdo da formação rochosa observam-se a 26 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 288-289) e já muito perto do topo a 6 (Fig. 27). A cerca de 5 metros para oeste deste ponto terminal e já na vertente localiza-se a 1 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1995, Est. III). Para a direita observam-se a 2 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1995, Est. VII) e logo acima a 3 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1995, Est. IX). A cerca de 20 m para cima situa-se a 14 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1995, Est. XV) e a perto de 10 m ainda mais para cima a 15 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 285). Em termos de contabilidade, temos portanto 7 rochas no “anfiteatro”, 1 na ribeira, 7 no “abrigo das cabras” e 5 na vertente.

Finalmente será de referir que se a Canada do Inferno corresponde à última grande concentração de rochas historiadas do período Gravetto-Solutrense, ainda se pode observar uma rocha entre este sítio e Vale de Figueira e outras duas para jusante. A primeira localiza-se em Vale de Videiro,

correspondendo à sua rocha 1 (Foto XIV). Nela encontramos uma representação picotada de um animal que apresenta características mistas de cabra (cauda e cornos) e veado (cabeça e corpo). Esta representação está orientada para jusante, fazendo assim a ligação entre Vale de Figueira e Canada do Inferno. As duas rochas localizadas para jusante deste último sítio encontram-se junto da foz da ribeira de Rêgo da Vide. Na rocha 1 observam-se, sempre orientadas para a esquerda, uma cabra, um auroque e um quadrúpede (possivelmente um cavalo) (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 298). Na rocha 6 (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, 298) foi picotado um cavalo orientado para a direita (não foram tidas em conta as rochas 7 e 9 deste sítio, pelas razões acima expostas). Se a rocha 1 nos reenvia também para a Canada do Inferno, a rocha 2 parece indicar-nos o sentido oposto. Dificilmente explicamos esta situação. Poderá relacionar-se com o sinal (uma linha ondulada disposta na horizontal) aposto no corpo do equídeo da rocha problemática? De momento é difícil responder a tal questão. Será, no entanto, de relevar que o somatório das orientações dos motivos nos impele a avançar para a Canada.

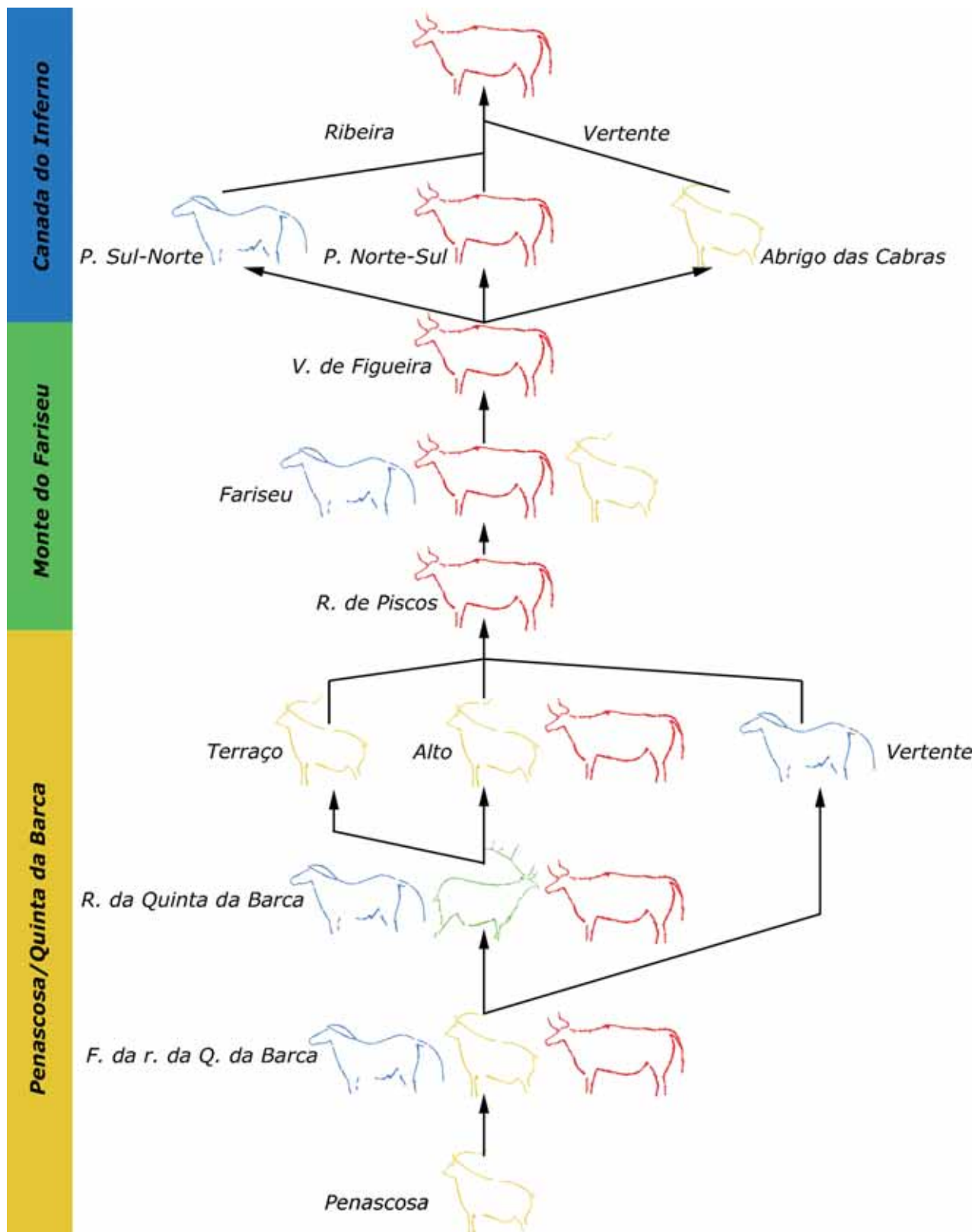
PERCURSOS POSSÍVEIS

Na Canada do Inferno a partir da análise conjugada das orientações dos motivos e da distribuição das rochas pela estação é possível inferir-se a existência de dois percursos distintos. Contudo, ao contrário da situação da Quinta da Barca não se pode falar de um ponto inicial comum a ambos para além de algo tão vago como a área da praia. Observemos primeiro as orientações dos motivos por rocha:

Foto XIV. Rocha 1 de Vale de Videiro (Foto de 1995).



Fig. 27. Rocha 6 da Canada do Inferno.



Tab. 5: Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses da Canada do Inferno.

Rocha	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Quad.		Total parcelar		Total
	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	
1	0	2	2	1	0	1	0	0	0	1	0	0	2	5	7
2	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	3
3	1	3	2	3	0	0	0	0	0	1	1	0	4	7	11
6	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
10	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
11	0	0	8	9	0	0	0	0	0	1	6	1	14	11	25
12	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	3
14	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
15	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3
16	0	2	2	1	1	3	0	1	0	1	0	0	3	8	11
17	0	2	0	5	0	1	0	0	0	0	2	1	2	9	11
18	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
22	3	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	3	7
26	0	2	0	5	3	2	0	0	0	1	0	2	3	12	15
27	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	3
28	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	2
30	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	3	3
31	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2	2
35	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
40	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Total parcelar	7	21	16	30	6	13	0	2	1	5	9	4	39	75	
Total	28		46		19		2		6		13		114		

Como se pode observar nesta tabela, a maior parte das rochas apresenta grande parte dos seus motivos orientados para a direita. As exceções, para além de minoritárias, são extremamente sugestivas quando olhamos também para a localização dessas rochas. Assim, as exceções são as seguintes rochas: 10, 11, 12, 18, 22, sendo que as 28 e 25 são neutras. Ao olharmos para o primeiro grupo, reparamos que se concentram todas na zona do anfiteatro. Mais, reparamos que o grupo situado entre a ribeira e o “abrigo das cabras” é composto por rochas nesta situação, o que faz com que separe logo à partida todo o anfiteatro da zona do abrigo e da vertente. Na verdade, o grupo dessas três rochas (10, 11 e 12) faz com que nos aproximemos da ribeira. Ora as que estão para montante desse ponto conduzem-nos para aí também. Senão, vejamos: a 18 está ime-

diatamente à direita da 17, fazendo com que se leiam em conjunto e, consequentemente, que a leitura seja a seguinte: 3 para a esquerda e 9 para a direita. A 22 está à frente da 16, fazendo com que o caminhante passe entre as duas. No cômputo geral, estas rochas também nos indicam a ribeira, onde, como sabemos e tal como nas situações anteriores, se encontra uma rocha monotemática (desta vez com um auroque).

Em relação às rochas do abrigo, a disposição dos painéis obriga a que se trepe a formação rochosa (a última rocha – 6 – está junto do topo; imediatamente em frente está a 1 cuja maioria dos motivos nos indica a direita, ou seja o caminho para a dois; desta é bem visível a 3 (a escassos 5 m). A partir daqui até ao topo existe uma relação de visibilidade (apenas nesse sentido) que permite a visualização das

*Foto XV. Canada do Inferno. A azul define-se a área da praia conducente à ribeira.
A verde observa-se a área composta pelo abrigo das cabras e vertente da Canada do Inferno.*



rochas restantes. Em resumo, admitimos que na Canada existem duas alternativas de progressão: uma pelo anfiteatro que nos conduz à ribeira, e outra pelo “abrigo das cabras” que nos impele a subir a vertente (Foto XV). Vejamos agora em termos de variabilidade temática as implicações de tal distinção.

VARIABILIDADE TEMÁTICA NA CANADA DO INFERNO

A comparação entre o gráfico da variabilidade temática das rochas do sector montante (anfiteatro+ribeira) e o correspondente do sector jusante (abrigo das cabras+vertente) levanta algumas questões importantes. A primeira delas é ressaltar a maior percentagem de quadrúpedes não identificados no primeiro, que é mais do triplo do segundo e que poderá distorcer de sobremaneira a nossa análise. De qualquer modo, algumas considerações poderão ser tecidas. O que à partida salta mais à vista é que o ordenamento por espécie mais representada é o mesmo. Em ambos, os auroques são seguidos por cavalos, capríneos (não separámos aqui as cabras dos bodes, uma vez que os dois exemplos de fêmeas que existem se encontram uma em cada sector) e veados (por esta ordem). O que varia é a proporcionalidade entre as espécies. No sector montante existe uma maior

diferença entre os bovídeos e cavalos (de 27%) por comparação com o outro sector (de apenas 5%). As diferenças em relação à proporcionalidade dos outros temas não nos parece relevante. A distorção dos quadrúpedes poderá estar a esconder um maior equilíbrio que poderia existir entre os temas de montante. Contudo, a existência de 47% de auroques (por comparação com os 34% do sector jusante) diz-nos que a desproporcionalidade é sempre maior no sector montante. Contudo, estas diferenças a esta escala não nos parecem muito representativas.

No entanto, se tivermos em conta a ordem de experiência das rochas, observamos que aí as diferenças se tornam relevantes. Antes, contudo, são necessárias algumas considerações. Em relação ao sector montante temos uma situação contrária à da Quinta da Barca. Enquanto nesse caso vários percursos aparecem a partir de pontos em comum, aqui duas hipóteses de caminho levam-nos ao mesmo fim (rocha 40, já na ribeira) (Foto XVI. A e B). Deste modo será de avaliar que diferenças temáticas podemos discernir ao longo das duas alternativas. Em relação ao sector jusante, tentaremos discernir quais as alterações visíveis entre as proporções temáticas no sector inicial (“abrigo das cabras”) e no terminal (vertente).

Foto XVI. Percursos inferidos na Canada do Inferno. A: Percurso sul-norte;
B: Percurso norte-sul; C: Percurso da vertente (a tracejado o abrigo das cabras).



A confrontação dos gráficos permite-nos reforçar alguns aspectos que já tínhamos observado previamente e descortinar outros que apenas agora são perceptíveis. Assim, por exemplo, reparamos que grande parte dos quadrúpedes não identificáveis se situam no que podemos chamar “percurso Norte-Sul do anfiteatro da Canada” (Gráfico 9). Como se pode verificar, é aqui que foram gravados a maioria dos auroques. Queremos dizer com isto que, mesmo que distribuíssemos esses quadrúpedes pelos outros temas, a desproporcionalidade manter-se-ia.

Um dos aspectos só agora são perceptíveis é que o auroque nem sempre é o animal preponderante. Assim se pode observar ao longo do “percurso Sul-Norte do anfiteatro” em que o animal mais representado corresponde ao cavalo, se bem que com curta vantagem sobre o auroque (Gráfico 10). De qualquer modo não deixa de ser altamente significativa a grande diferença em relação ao “percurso Norte-Sul do anfiteatro” em que os auroques são claramente dominantes, podendo até a percentagem real ter sido maior (no caso de alguns dos quadrúpedes não identificados poderem corresponder também a esta espécie). Este dado é extremamente relevante porquanto nos pode indicar a possível analogia entre o sentido do caminhar e a

variabilidade temática presente. Neste sentido, convém não esquecer que ambas as alternativas desembocam nas mesmas últimas duas rochas. Algo que poderá também ter influído na distribuição temática do último percurso referido é a sua proximidade com o sector do “abrigo das cabras”. Aqui, embora a espécie maioritária seja a cabra, os auroques já se encontram em maior número que os cavalos (Gráfico 11). No entanto, a orientação dos animais aqui presentes aparta claramente esta afloração rochosa da praia, parecendo-nos antes pela distribuição dos painéis que se relacionará mais com a vertente. Assim, será de descortinar antes que diferenças e similitudes encontramos entre estes dois grupos.

Ora, a mais evidente é sobretudo a presença massiva da cabra no sector da base por comparação ao seu carácter residual na vertente (Gráfico 12). Já a relação entre o auroque e o cavalo mantém-se sensivelmente a mesma tanto em cima como em baixo, se bem que ambas as espécies aumentam o seu número na vertente. Nos dois casos, o auroque suplanta ligeiramente o cavalo.

Curioso ainda é verificar que o veado em todas as situações é sempre residual, mantendo-se a sua representatividade igual no “percurso sul norte” e “norte sul do anfiteatro”

Gráfico 9. Variabilidade temática do percurso norte-sul da Canada do Inferno.

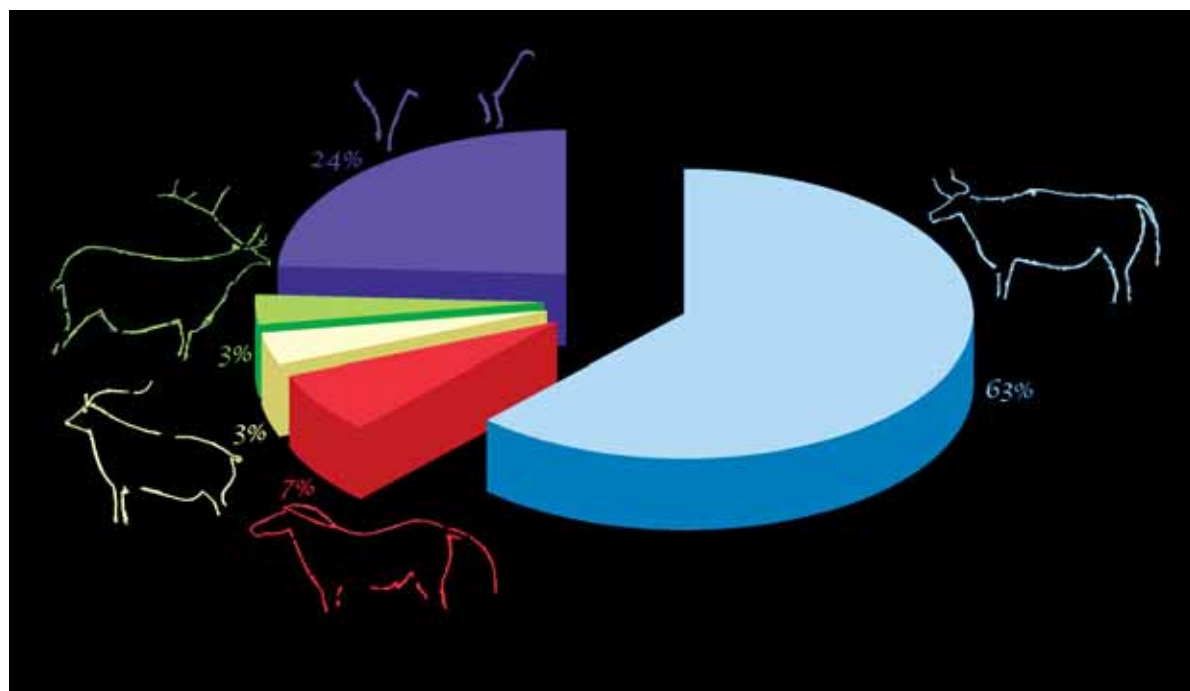


Gráfico 10. Variabilidade temática do percurso sul-norte da Canada do Inferno.

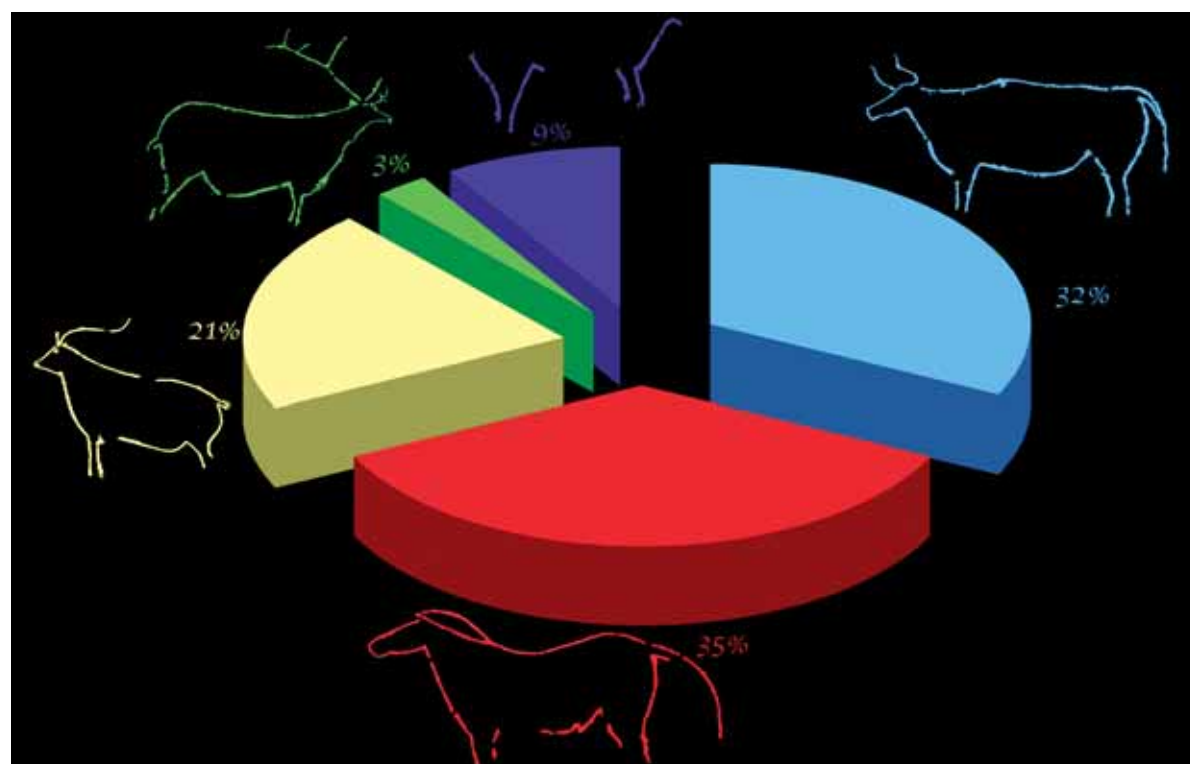


Gráfico 11. Variabilidade temática do “Abrigo das Cabras”.

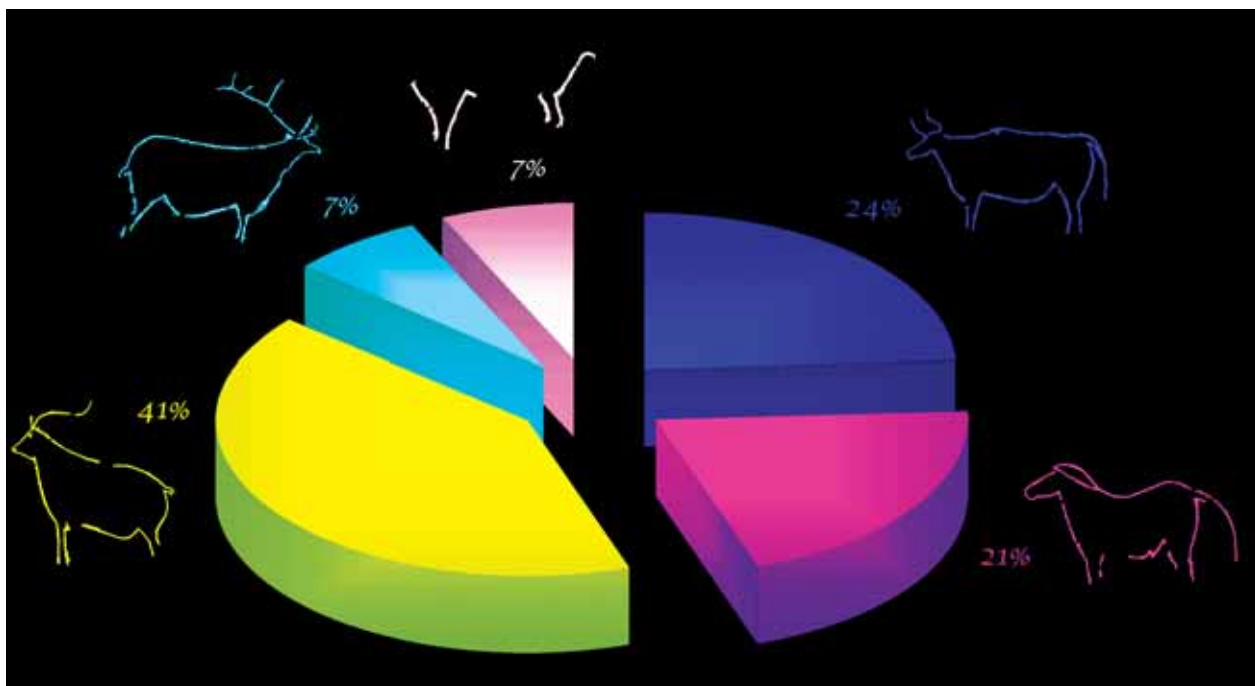
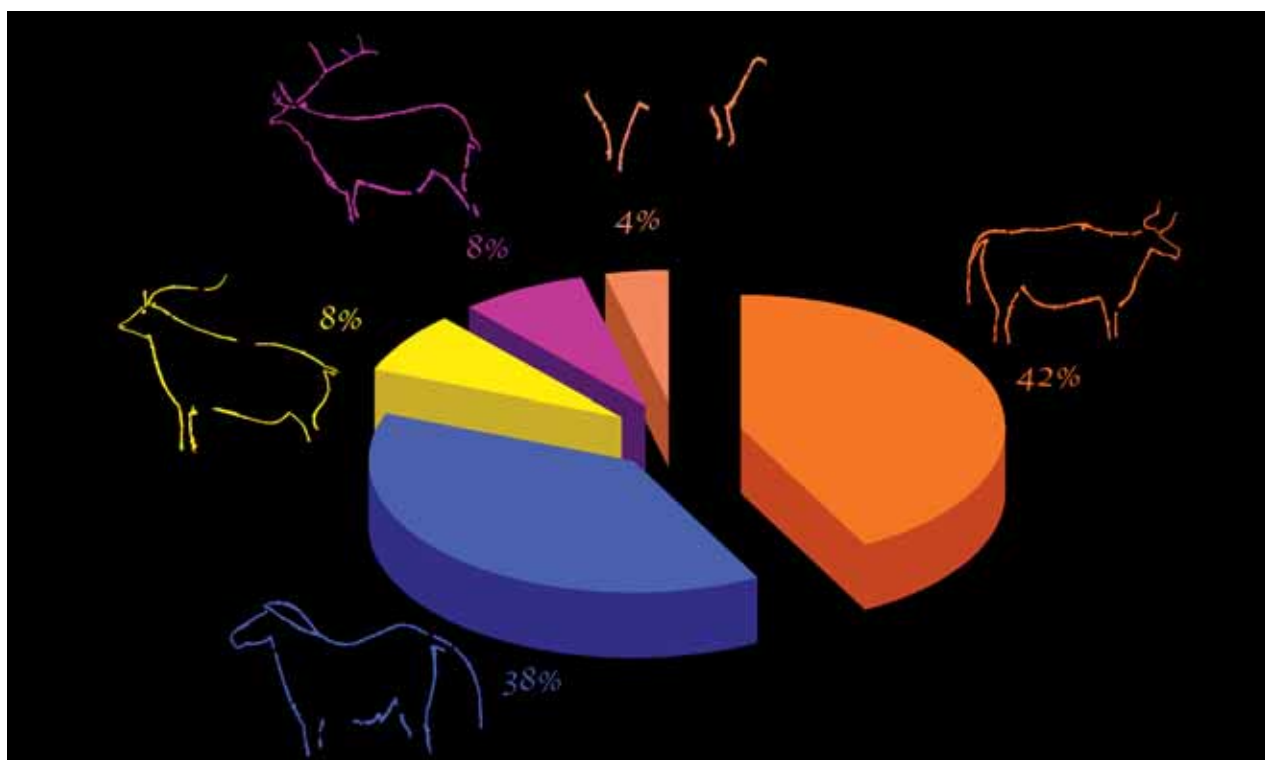


Gráfico 12. Variabilidade temática da vertente da Canada do Inferno.



(um exemplar em cada uma das opções) e praticamente a mesma no “abrigo das cabras” e na vertente (dois exemplares por sector). A haver alguma influência na distribuição deste animal, ela teria que ver com os sectores gerais que falámos acima (montante e jusante). Já o aparecimento da cabra (fêmea) parece relacionar-se mais com o núcleo da Canada em geral sendo apenas condicionada a sua representação pela cota, ou melhor, pela possibilidade de uma audiência alargada. Destaque-se no sítio a ausência da fêmea de veado.

ANÁLISE RELACIONAL

Mais uma vez verificamos que cada sector passível de individualização pelas suas características naturais apresenta uma variabilidade temática específica. Contudo, para além deste aspecto, a Canada do Inferno revela-nos outro importante aspecto que poderá ter influenciado essa mesma variabilidade, a saber –o sentido da progressão do movimento. Referimo-nos aos dois percursos possíveis da praia, percursos esses que desembocando nas mesmas rochas apresentam uma tal diversidade que será certamente relevante. Outra situação nova é precisamente esta que referimos atrás. Enquanto no outro sítio do Côa onde se observam várias opções de progressão (Quinta da Barca) partimos de uma raiz comum para chegarmos a diferentes fins, a situação aqui é oposta: diferentes inícios apontam para o mesmo fim. Mesmo o percurso que passaria pelo abrigo das cabras e pela vertente acaba com auroques.

Para além destas particularidades específicas da Canada, o sítio apresenta características que temos vindo a salientar ao longo da análise das restantes estações e que, portanto, devem ser encaradas como “regras” aplicáveis não importa onde. Referimos-nos, em concreto, à presença de uma rocha monotemática no interior da ribeira e de outras com as mesmas características nas cotas mais altas. Em relação ao primeiro caso, voltamos a verificar que se mantém o “tabu” em relação ao bode e a preferência por uma das espécies maioritárias da Quinta da Barca. O segundo caso, ilustrado pelas rochas 14 e 15, encontra paralelos no sector do alto da vertente da Quinta da Barca onde também só se identificaram rochas monotemáticas. Como nessa situação, os últimos animais representados correspondem a auroques.

Deve destacar-se ainda na Canada a reduzida variabilidade temática por comparação aos núcleos anteriormente analisados. Como veremos seguidamente, acreditamos ser algo de extremamente relevante quando se tem em conta o seu posicionamento no contexto do santuário. Uma pergunta fica, contudo, por responder. Porque corresponde a Canada ao último conjunto para jusante de rochas historiadas deste

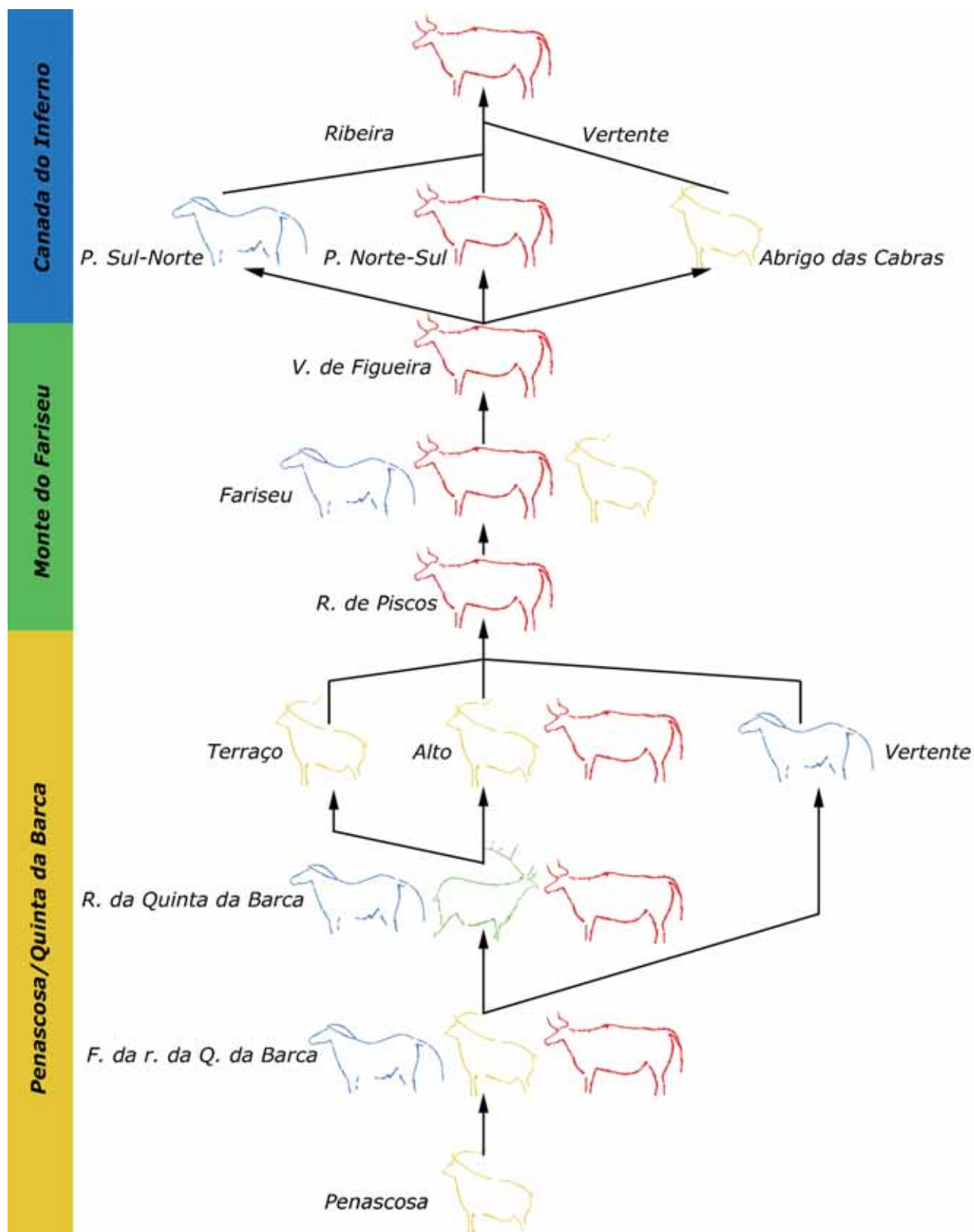
período? Na verdade, daqui até à foz, ainda haveria muita área onde se poderia gravar, como aliás se observará durante a segunda fase de gravação paleolítica do vale. Talvez se deva este aspecto à própria orografia da Canada. Como vimos até aqui as grandes elevações individualizáveis são os pontos focais por excelência. Mesmo aquelas onde não se encontram rochas historiadas parecem poder ser integradas no discurso rupestre da fase mais antiga do Côa (caso do monte de S. Gabriel). Ora, a Canada do Inferno pré-pedreiras do Poio seria a elevação mais proeminente da margem esquerda do rio e certamente a última antes da confluência do Côa com o Douro. Estamos pois em condições de afirmar que durante o período que agora nos ocupa, se o rio seria o eixo por excelência do santuário, as grandes elevações e as suas ribeiras seriam os seus pontos estruturantes.

Análise Global

Após este périplo pelos sítios, estaremos agora em condições de ponderar quanto às relações que se podem estabelecer entre eles. Ora, o primeiro factor de comparação que podemos tentar discernir tem que ver com o animal dominante em cada sector. Assim, podemos verificar que em três das unidades analisadas, há três animais dominantes: na foz da ribeira da Quinta da Barca e no Fariseu são eles os cavalos, as cabras e os auroques; na ribeira da Quinta da Barca, cavalos, auroques e veados. Com dois animais dominantes individualizamos apenas o sector do alto da Quinta da Barca com cabras e auroques. Os restantes sectores são dominados por apenas uma espécie: os capríneos na Penascosa, no terraço da Quinta da Barca e no abrigo das cabras da Canada do Inferno, os equídeos na vertente sobre o Côa da Quinta da Barca e no percurso Sul-Norte do anfiteatro da Canada do Inferno e os auroques nos restantes: Piscos, Vale de Figueira, percurso norte-sul do anfiteatro da Canada e vertente deste mesmo sítio. Entre os aspectos a relevar estão os seguintes: o veado *per se* nunca é animal dominante – necessita da concomitância do auroque e do cavalo; o cavalo é dominante apenas em dois sectores, ficando aquém dos capríneos (três sectores) e dos auroques (quatro sectores); deve ainda salientar-se a paradoxalidade da área Penascosa/Quinta da Barca por oposição aos restantes sectores, pois o auroque aí nunca é maioritário *per se*.

Esta última situação conduz-nos a um outro ponto de discussão: o da oposição plena da área Penascosa/Quinta da Barca com a Canada do Inferno. Para além do aspecto da não presença do auroque como animal maioritário na primeira das áreas, podemos ainda referir o da relação entre os sectores que constituem ambas as estações. Como

Fig. 28. Representação gráfica da sequência dos animais dominantes ao longo das estações Gravetto-Solutrenses do Côa.



vimos, podemos descrever sucintamente o primeiro dos casos como um modelo divergente e o segundo como convergente. Ou seja, na primeira das situações um tronco comum conduz a sectores autónomos, enquanto no segundo sectores independentes conduzem ao mesmo fim. Na Quinta da Barca, a partir de um ponto em que os três animais mais representados estão em equilíbrio (foz da ribeira) observamos a sua separação. Na Canada observamos a diluição dos mesmos em auroques.

Ao olharmos para a [figura 28](#) observamos que entre estes dois pontos extremos encontramos um outro em que os três animais se voltam a juntar (Fariseu) por intermédio de uma passagem primeira por um sítio onde o auroque é maioritário (Piscos). A separação dos mesmos que se verifica na Canada do Inferno é proporcionada por uma passagem prévia por um outro sítio onde o auroque é também maioritário (Vale de Figueira). A travessia de todo o santuário faz com que passemos de uma situação – capríneo maioritário (Penascosa) a uma outra – auroque maioritário (final da Canada do Inferno).

Resumidamente, poderíamos definir a situação semiótica do vale como a passagem de um estádio (capríneo) para um distinto (auroque) intermediado por um outro em que as três espécies mais representadas se encontram em equilíbrio. Contudo, as coisas não são assim tão simples. Se o fossem, teríamos em Piscos o capríneo como animal maioritário e o santuário só se iniciaria aí. Em alternativa, poderia não existir nada entre a Penascosa e o Fariseu. Contudo, como referimos atrás, o discurso presente no vale não assenta apenas nos motivos gravados nas rochas que por aí se distribuem, mas igualmente na paisagem onde se implantam essas rochas e até mesmo nos movimentos corporais que são necessários para as visualizar. Ora, como vimos antes, a área da Penascosa/Quinta da Barca é o sítio onde a diversidade orográfica é mais evidente e portanto passível de ser percebida de diferentes maneiras. É portanto natural que essa mesma diversidade e consequentes potencialidades teriam todas as condições para serem manipuladas de forma relacional. É precisamente aí que são mais evidentes as relações que se estabelecem entre as unidades geomorfológicas e respectivos repertórios temáticos. Já anteriormente escrevemos que este tipo de relações pode ser extrapolado para a própria vida social das comunidades (A. M. BAPTISTA, *et alii*, 2006, 175). Na verdade, é com este tipo de mecanismos que as comunidades sem escrita inscrevem sobre si determinada ordem social, ou para utilizarmos a expressão de Bourdieu, o seu *habitus* (2002, 163-184).

Contudo, o discurso não poderia terminar aqui. Este vale impelia a que se continuasse a fixar determinada interpretação sobre o mesmo e, consequentemente, sobre quem

por ele circulava. Por outro lado, qualquer que fosse a divisão social implícita nas últimas unidades da Quinta da Barca, não se queria com isso reflectir que correspondessem a divisões absolutas. Antes seriam vistas como partes integrantes de um todo. Não já o todo representado pela predominância do capríneo (Penascosa), mas um todo imbuído de determinado conhecimento (a predominância do auroque em Piscos).

Ora, esta sentença, dado o seu aparente subjectivismo, carece de uma pequena discussão. Na verdade, ao escrevermos o que atrás se disse, poderemos fazer crer que pensamos que o vale só se percorreria pelos percursos atrás descritos, ou dito de outra forma, que a única maneira de aceder a Piscos seria a partir de um dos sectores da Penascosa. Não é de todo essa a nossa percepção. Agora, o que admitimos é que a compreensão mais global do que está semanticamente contido em Piscos é dependente da compreensão do que se encontra para trás. Em muitas comunidades de nómadas a maturidade e inserção social dos indivíduos está dependente do conhecimento dos *locais* que habitam os seus *Mundos*. Ora, o conhecimento desses *locais* está não só dependente do acesso a eles mas também da sua compreensão, que não poucas vezes está condicionada pelos conhecimentos adquiridos noutros *locais*. É também devido a este factor que “In many cultures there is an art to movement in the landscape and the manner in which places should be encountered from the “right” or socially prescribed direction” (C. TILLEY, 2004, 26).

Admitimos, no entanto, que para além da compreensão da área do monte do Fariseu no contexto do santuário, é possível também percebê-lo enquanto unidade autónoma. A ter em conta as orientações dos animais presentes nas rochas que o bordejam, a leitura seria feita, como referimos atrás, de acordo com a seguinte sequência: Piscos-Fariseu-Vale de Figueira. Do ponto de vista da análise dos animais maioritários observamos a separação do auroque (Piscos) em cavalos, auroques e capríneos (Fariseu) e a sua posterior diluição novamente em auroques (Vale de Figueira). Quem percebe apenas o monte do Fariseu apecebe-se, portanto, que o auroque (Piscos) permite a possibilidade de separação dos três animais mais importantes num mesmo sítio (Fariseu). Estes em equilíbrio possibilitam o aparecimento do auroque (Vale de Figueira). Ou seja, estas três estações *per se* também transmitem a ideia do auroque como um todo. No entanto, apenas quem conhece o que se encontra para trás percebe a diferença entre este animal e o capríneo que também permitia o equilíbrio das três espécies principais no sector que se lhe seguia (Penascosa-Foz da Quinta da Barca). A partir deste equilíbrio, contudo, não voltava a aparecer o capríneo mas duas combinações de animais maioritários –por

um lado—, o cavalo na unidade da vertente e, por outro, os auroques, veados e cavalos na zona da ribeira. Ou seja, o capríneo permite a separação equilibrada dos animais principais num mesmo sítio, mas do equilíbrio daí nascente não pode voltar a aparecer como animal maioritário.

Na Canada do Inferno a situação é bastante diferente das que observámos até agora. Aí encontramos na praia os começos de três hipóteses de percursos possíveis. Cada percurso apresenta um animal maioritário, correspondendo estes aos três animais principais. Todos os percursos terminam, no entanto, invariavelmente em auroques. Mais uma vez este bovívoro nos aparece como animal aglutinador, mas desta vez de uma forma singularmente diferente das situações anteriores. Na verdade, ao contrário da passagem Fariseu-Vale de Figueira, os três animais não se encontram previamente juntos no mesmo sítio e ao contrário da putativa passagem dos últimos sectores da Quinta da Barca-Piscos, o auroque aparece anteriormente isolado (lembremos que na Quinta da Barca o auroque nunca é maioritário em exclusividade). Mais uma vez verificamos que existem aqui dois níveis de interpretação: o que é inferido por quem apenas percebe a estação e aquele enquadrado dentro do âmbito mais abrangente do santuário. A este nível é possível inferir que só o auroque (Vale de Figueira), eventualmente por intermédio de um ser composto (Vale de Videiro) possibilita a separação dos animais maioritários por sítios diferentes. A não ser que o animal de Vale Videiro potencie mesmo essa separação e não se deva interpretar somente como mero indicador de sentido do caminho, é lícito perguntar porque não se dá a separação dos animais por sítios diferentes imediatamente a seguir a Piscos, isto é, no Fariseu. Ora, aqui para além de não existirem as condições geomorfológicas que o permitissem, também será de ter em conta a importância do monte de S. Gabriel. Na verdade, tendo em conta que seria este relevo o principal *link* entre o vale e os planaltos circundantes, a informação nele contida teria que ser muito específica: por um lado, haveria que conter uma variabilidade temática submetida ao conteúdo semiótico da passagem. Ora, esta, como já vimos (na foz da Quinta da Barca), implica a existência dos três animais principais em equilíbrio, a aparente confusão de traços e a ocorrência do auroque macho. Por outro lado, admitimos que precisamente o traço fundamental do discurso contido no vale (e consequentemente o que se deveria repercutir por todo um território por intermédio do S. Gabriel) é nele estar representado esta ideia de um todo formado por várias partes. Que melhor imagem para transmitir esta ideia, que o equilíbrio entre as três espécies fundamentais?

Para além destes aspectos que pensamos demonstram bem a unidade do discurso contido no vale, existe um outro

que o reforça. Referimo-nos aos animais presentes no interior das ribeiras. Na verdade, salientámos já ao longo do texto que apenas três animais são passíveis de aí se encontrarem, sendo que um deles não corresponde ao bode mas sim ao veado, um animal que, sendo residual ao longo do santuário, é um dos maioritários no único curso de água com mais de uma rocha e que em si é também ele uma unidade simbólica de características próprias – a ribeira da Quinta da Barca. Para além disso, será de toda a pertinência lembrar que, de montante para jusante, é este precisamente o primeiro dos cursos de água que vamos encontrando ao longo do vale. Nele estão já presentes os dois aspectos fundamentais que se repetirão rio acima: ausência do bode e maioria de cavalos, veados e auroques, animais que sucessivamente e por esta ordem vamos encontrando pelas ribeiras “historiadas” até à Canada do Inferno: Piscos (cavalos), Fariseu (veado), Vale de Figueira (auroques) e Canada do Inferno (auroque).

Esta situação leva-nos a outras considerações que julgamos pertinentes. Se existe algo que esta relação entre as ribeiras e os animais aí gravados nos demonstra, é que não devemos pensar que a análise até agora feita ao nível dos animais dominantes por sector resume todo o discurso contido no vale ao nível das figurações gravadas. Por outro lado, para além destes aspectos e de outros já referidos atrás e que se prendem com a própria geomorfologia dos sectores, devemos ainda ter em consideração outros factores que não foram aqui abordados porquanto exigem uma análise mais aprofundada. Entre eles contam-se a importância dos animais gravados em menor número em cada um dos sectores ou a presença de signos em alguns deles. Pretendemos com este ponto tentar apenas demonstrar a unidade semiótica que se observa ao longo de todo o vale, facto de extrema importância porquanto esse aspecto terá certamente condicionado a interpretação do mesmo e, consequentemente, das pessoas que o “viviam”. Resta-nos discutir o porquê e a relevância deste condicionamento interpretativo. É o que procuraremos fazer no próximo e derradeiro ponto...

Discussão

Como referimos no ponto I, a abordagem fenomenológica assenta na premissa de que o Homem (ou o *Ser*, para sermos mais precisos) se encontra e define dentro de um sistema de relações de significatividade a que chamamos *Mundo*. É no “interior” desse plexo de referências que nos vão aparecendo as coisas, pessoas e lugares (sempre por intermédio da linguagem) que vão construindo a nossa identidade. Em curtas palavras, das relações de significatividade que vamos descobrindo entre esses elementos

depende portanto a ideia que temos de nós e da nossa posição no *Mundo*. Daí a importância do reforço ou alteração dessas mesmas relações de significatividade entre elementos que, pelas suas características (ou situação no plexo de referências onde se inscrevem), tenham um impacto maior sobre a vida de uma dada comunidade humana. E que elemento mais forte poderá haver que os lugares que constituem o espaço físico por onde se movem as comunidades? Se nas sociedades urbanas parte dessas relações de significatividade são impostas pela própria organização das cidades (vejam-se o fórum romano onde o comércio, administração, justiça e religião se concentrava, as cidades medievais e a centralidade das suas catedrais ou mesmo os nossos antigos concelhos onde a câmara se situava junto à cadeia, à praça principal, e não poucas vezes, à igreja), nas sociedades não urbanizadas essas relações são impostas através de narrativas e da nomeação dos lugares por onde se circula (C. TILLEY, 1994, 18). Ora alguns destes lugares são de tal maneira pertinentes entre as comunidades que os vivem que são manipulados fisicamente seja porque neles se constroí, seja porque neles se grava ou pinta...

Dito isto, é legítimo perguntar qual a “pertinência” do vale do Côa. Múltiplos factores terão certamente dotado de pertinência este curso hidrológico. Desde logo, “viviam-se” lá (ver *infra*). Não só se identificaram vários sítios no vale, como podemos dizer com elevado grau de segurança que aquele seria certamente explorado do ponto de vista cinegético, piscícola e recolector (de plantas e matérias-primas). Contudo, na região muitos sítios de *habitat* foram reconhecidos onde não se identificou arte, desde logo na ribeira de Aguiar [embora existam referências a gravuras submersas junto à sua foz (J. ZILHÃO, 1997, 20)]. Deste modo, outros factores terão que ser tidos em conta. João Zilhão propõe como uma das causas essenciais o forte caudal que o rio teria fruto do degelo dos glaciares da vertente nordeste da serra da Estrela, área de drenagem do Côa (1997, 20-21). Sendo certamente um factor a ter em conta não será certamente único. Na verdade, o Zêzere encontrar-se-ia nas mesmas condições e aí conhecemos apenas duas rochas historiadas (A. M. BAPTISTA, 2004 e uma terceira identificada muito recentemente e ainda não publicada, um novo cavalo). Haverá seguramente que ter em conta outros elementos, podendo alguns deles serem mais facilmente inferidos se tivermos em conta algumas das especificidades do santuário. Na verdade, aqui encontramos a maior área de distribuição de rochas historiadas atribuíveis ao Paleolítico. Mesmo tendo em conta somente a fase antiga e apenas a área compreendida entre a Quinta da Barca e a Canada do Inferno, o santuário distribui-se por cerca de 7 Km, sete vezes mais que em Siega Verde (R. DE BALBÍN, J. J. ALCOLEA, 2006, 57). Por outro lado, a orografia

da área historiada do vale é muito mais diversificada que, por exemplo, a daquela estação (mesmo assim o sítio mais comparável ao Côa), onde as diferenças topográficas são de pormenor (R. DE BALBÍN, J. J. ALCOLEA, 2006, 59-65). Este facto, terá certamente condicionado bastante a escolha do vale do Côa, porquanto as potencialidades ao nível das relações entre orografias distintas e temas nelas apostos terá sido muito maior. Que parte da importância do Côa reside nas potencialidades referidas atrás pode ser inferido pela comparação entre a organização das rochas historiadas dos dois sítios referidos acima. Enquanto no Côa, a grande maioria das rochas da primeira fase incita o caminhante a percorrer percursos lineares (embora admitindo opções) que vão atravessando diversas realidades geomorfológicas, em Siega Verde, essa organização parece mais obedecer a uma lógica de acumulação em sectores delimitados apenas por zonas de vazio (R. DE BALBÍN, J. J. ALCOLEA, 2006, 59-65). Também será de não descurar o próprio dramatismo da paisagem. De facto, entre os factores que condicionam a inculcação de determinado discurso devem contar-se seguramente aqueles que se prendem com a impressão causada pela majestade do cenário que se tem pela frente.

Tendo em conta o que atrás dissemos facilmente se entende que admitimos que a relevância do Côa seria mais do que local, devendo corresponder a um local de agregação de elevada importância supra-regional. Dois factores poderão ajudar a corroborar esta proposta. Por um lado, a situação do vale no contexto da Meseta. Situa-se, como já referimos, perto dos limites ocidentais desta (mais precisamente a 4,5 km). Poderá este limite geográfico corresponder a um limite cultural? Dificilmente poderemos confirmar com absolutas certezas esta hipótese. Mas não deixa de ser muito significativo que algumas das matérias-primas provenientes do interior da Meseta encontrem aqui o seu limite de expansão ocidental (T. AUBRY, neste volume). Por outro lado, a partir do estudo das fontes de matéria-prima exumadas no Côa, sabe-se que aquelas não seriam provenientes exclusivamente da Meseta, mas também de outros pontos da Península como o vale do Tejo ou o Baixo Mondego (T. AUBRY *et alii*, 2004, 48, Fig. 6). Deste modo, se como referimos acima, a partir da análise exclusiva das fontes de matéria-prima não poderíamos verificar se a presença de matérias-primas alógenas à região se deviam ou não à presença sazonal de comunidades humanas supralocais no Côa, a análise conjugada de vários factores permite-nos pensar que efectivamente existiriam grupos que aqui se deslocariam sazonalmente.

De facto, as características do vale do Côa, entre as quais se deve possivelmente contar a sua situação de limite, têm-lo colocado numa situação privilegiada dentro do *Mundo* de várias comunidades coevas que ali se dirigiam

(não queremos com isto dizer que não viveria aqui uma comunidade local, facto que aliás entaria em contradição com os dados arqueológicos actualmente disponíveis). Foi essa situação privilegiada que seguramente terá contribuído para a fixação em pedra de um discurso muito próprio.

Esse discurso seria sustentado, como vimos, pela conjugação de diversas combinações temáticas que se distribuíam por unidades orográficas muito específicas e delimitadas. Factores como o esforço dispendido para se atingirem determinadas destas unidades (como sejam a do alto da Quinta da Barca ou a vertente da Canada), os sentidos impostos para a visualização das gravuras (maioritariamente de sul para norte, mas também de norte para sul e mesmo de este para oeste), as relações estabelecidas com pontos da paisagem não historiados (como o S. Gabriel) ou entre os diversos sectores onde se encontram painéis gravados, terão igualmente contribuído para a unidade e eficácia de um discurso, que no entanto teria, como referimos também, diversas camadas interpretativas. No último período utilizamos a expressão “eficácia” e não de forma gratuita. Na verdade, o tipo de relações que se estabelecem entre os diversos núcleos facilmente, como escrevemos *infra*, se pode extrapolar para a própria vida social das comunidades. Na verdade, é através das relações analógicas que se podem estabelecer entre diversos elementos que compõem o *Mundo* e o *Ser* nele lançado que este se organiza em sociedade. No nosso caso concreto, essas relações analógicas são criadas precisamente pela aposição de combinações temáticas específicas em sítios específicos. Deste modo, cada sítio destes pode corresponder a determinada situação social (definida não sabemos porque critérios, mas que poderão ter que ver com o género, a idade, o grau iniciático, etc.). A ser assim, para além da discriminação de diversas “situações” sociais, o santuário apresenta-nos também as relações que se poderão estabelecer entre as mesmas, isto porque os percursos inferidos estabelecem relações muito específicas entre os diversos sectores, como se tem vindo a verificar ao longo do texto e se encontra graficamente exposto na figura 28. Estas relações, como referimos já também, poderiam ser só inferidas na sua totalidade por quem conhecesse todo o santuário, facto que por si só nos leva à identificação de outro factor de distinção social: o grau de compreensão do que está contido no vale. Por outro lado, as indicações de movimento que vamos encontrando em cada uma das estações pode prolongar as relações de analogia para outros aspectos do *Mundo*. Na verdade em não poucas comunidades sem escrita os aspectos que vão interferindo na construção das diversas identidades que as constituem jogam-se também ao nível de comportamentos rituais específicos e mesmo de equivalências com os pontos cardeais (evidentemente

falamos em sentido lato; os pontos cardeais são uma criação cultural; o mesmo não se poderá contudo dizer da minha relação com os pontos onde o Sol nasce ou põe ou ainda com aqueles que medeiam os anteriores). Daí não espantar a especificidade dos movimentos impostos em determinadas estações como por exemplo aqueles a que nos força o grupo constituído pelas rochas, 6, 7, 8 e 9 da Penascosa, o par 16-22 da Canada do Inferno e possivelmente o 5-3 de Fariseu. Daí não espantar também a existência de percursos específicos que fogem à maioria de orientação sul-norte (aparentemente a única que com algumas *nuances* se define em Siega Verde).

Por mais paradoxal que pareça, voltamos a frisar que não achamos razoável que o santuário só se percorresse de uma forma. Admitimos diversos níveis de interpretação, dependentes do grau de conhecimento da globalidade do santuário. Mas a nossa defesa de uma forma ideal de por ele caminhar sai ainda mais reforçada se, de facto, admitirmos que o Côa seria um lugar de agregação de diversas comunidades alógenas. A ser assim, para além de todas as actividades de âmbito sócio-económico que durante as suas vindas se poderiam realizar (troca de matérias-primas, de cônjuges, outras negociações intergrupais) certamente que elas se fariam no âmbito de rituais altamente específicos que envolveriam o “caminhar correcto” pelos sítios que vimos tratando, sendo esses rituais preponderantes para a fixação de dada ordem social.

Como temos defendido ao longo do texto, são as próprias rochas e os motivos nelas gravados que nos impelem a caminhar de determinada forma. Ora, este aspecto é altamente relevante. Na verdade, como um de nós já referiu, a mobilidade condicionada apenas pela percepção e curiosidade [para Heidegger um dos distintivos da “existência anónima” do *ser aqui* (1998, 190)] de quem experiencia o sítio torna os discursos nele produzidos naturalmente legitimados (A. T. SANTOS, no prelo), reforçando assim a sua efectividade como gerador/sutentador de um determinado *habitus*. Ora, este processo de inculcação não se esgotaria no vale. Como referimos atrás, existem pontos como o S. Gabriel que pela sua imponência e relação com o Côa e em particular com o Fariseu poderão ter actuado ao nível de um território mais amplo como referentes mnemónicos do discurso contido no vale. Sairá mais reforçada esta hipótese se tivermos em conta o achado naquele monte de picos semelhantes aos exumados na Olga Grande 4. Estes por sua vez, assim como os fragmentos de xisto da fácies da Desejosa, poderão ter desempenhado uma função similar nos sítios de *habitat*. Contudo, se estes processos funcionariam entre as comunidades autóctones, evidentemente que não poderiam actuar sobre os grupos que só sazonalmente aí se deslocavam. Não dispomos de evidências que remetam

para mnemotécnicas relativas a objectos portáteis noutras regiões do país, mas talvez assim se compreenda melhor a existência de rochas isoladas que têm vindo a ser identificadas por um território mais vasto, não só as do Zêzere atrás referidas como a do Ocreza (A. M. BAPTISTA, 2001b), ou mais perto a de Mazouco (JORGE *et alii*, 1981), as do Sabor ou da Fraga do Gato (A. M. BAPTISTA, neste volume).

Ora, a existência de um discurso que se pretende efectivar em determinado (s) grupo (s) sociais pressupõe a existência de quem o crie. Não queremos que passe a ideia de que a criação do mesmo fosse da responsabilidade de uma elite que desse modo controlaria a ordem social de determinada (s) comunidade (s). Na verdade, esta ideia que por vezes parece estar implícita nos estudos deste género tem levantado sobejas críticas, mesmo para períodos mais recentes onde a existência de alguma hierarquia social parece ser mais admissível (J. BRÜCK, 2005, 60). Na verdade, se admitimos distinções sociais dentro das comunidades paleolíticas, não temos razões para crer que as “parcelas” daí advindas se organizassem de forma hierárquica. A título de exemplo, podemos referir que a assumpção da existência de diferenças entre o homem e a mulher não implica que um destes elementos seja socialmente superior ao outro. O que admitimos é que poderiam desempenhar

papeis sociais distintos (por exemplo ao nível das tarefas a desempenhar). Ora a criação de um discurso que decalque distinções sociais dentro de uma comunidade pode não passar pela existência de uma elite, mas pela simples existência da própria comunidade. E são todos os elementos integrantes desse grupo que vão contribuindo de uma maneira ou de outra para a perpetuação de determinada organização social (ou de um *habitus*). Entre essas maneiras podemos contar com a fixação de determinado discurso através da gravação de rochas num sítio altamente relevante do ponto de vista significativo...

Evidentemente, mesmo este texto corresponde ele próprio a uma narrativa situável num tempo muito específico. Assumimos esta temporalidade como própria de qualquer coisa que se escreva. Não podemos deixar de referir é que as paisagens a que nos referimos, as proporções temáticas a que aludimos e as relações espaciais que mencionámos podem ser verificadas por qualquer pessoa que ao Côa venha. Que a nossa interpretação seja sujeita a afinações ou totalmente refutada por argumentos válidos é um risco próprio de todo o processo interpretativo e um dos atributos que o definem. Por outro lado, só esse processo nos permite das materialidades chegar aos homens e mulheres que as criaram e viveram. Não será então tal risco tão inevitável como eticamente desejável?...

Bibliografía general

- ABELANET, J. 1985. Le premier site d'art rupestre paléolithique à l'air libre: le rocher gravé de Campôme. *Conflent* 133. pp. 2-7.
- 1990. *Les roches gravées nord catalanes*. Centre d'Etudes Préhistoriques Catalanes, Perpignan, 5, Revista Terra Nostra, 1989, Prades, 209 pp.
- ABREU, M. S. de, ARCÀ, A., JAFFE, L., FOSSATTI, A. 2000. As gravuras rupestres de idade do ferro no vale de Vermelhosa Douro – Parque Arqueológico do Vale do Côa: Notícia preliminar. In JORGE, V. O., ed. – *Proto-história da Península Ibérica Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: ADECAP, pp. 403-406.
- ACOSTA, P. 1968. *La pintura rupestre esquemática en España*, Salamanca.
- 1986. Arte rupestre postpaleolítico hispano, en *Historia de España. 1. Prehistoria*, Ed. Gredos, pp. 265-299, Madrid.
- ADAN, G., GARCÍA, M. A., JORDA PARDO, J. F., SÁNCHEZ, B. 1989. Jarama II, nouveau gisement Magdalénien avec art mobilier de la “Meseta Castellana” (Guadalajara, Espagne). *Préhistoire Ariégeoise*, t. XLIV. pp. 97-120.
- AFONSO, B. 1993. Ritos de delimitação e sacralização do espaço no Nordeste Transmontano, *Brigantis*, vol. XIII (3-4), Bragança, pp. 89-105.
- AIRVAUX, J. 2001. *L'art préhistorique du Poitou-Charentes*. La Maison des roches, 223 pp.
- ALARCÃO, J. DE. 1998a. Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 89-119.
- 1998b. On the *Civitates* Mentioned in the Inscription on the Bridge at Alcântara. *Journal of Iberian Archaeology*. Lisboa. 0, pp. 143-157.
- 2001. Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 293-349.
- 2005. Povoações romanas na Beira Transmontana e Alto Douro. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 9-29.
- ALCALDE DEL RÍO, H., BREUIL, H., SIERRA, L. 1911. *Les cavernes de la région cantabrique*. Mónaco.
- ALCOLEA, J. J. 1990. *El Arte Paleolítico en la Meseta*. Memoria de Licenciatura inédita. Universidad de Alcalá de Henares.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE. 2003a. Témoins du froid. La faune dans l'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire. *Rev. L'Anthropologie* 107 pp. 471-500.
- 2003b. El Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. Elementos para el estudio de su variabilidad regional. En: R. DE BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp 223-253.
- 2006a. *Arte Paleolítico al aire libre*. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca. *Arqueología de Castilla y León* nº 16. Junta de Castilla y León 2006, 390 p., 203 figs., 126 láms.
- 2006b. Siega Verde y el Arte Paleolítico al aire libre del interior peninsular. En: *Delibes de Castro, G., y Díez Martín, F., eds: El Paleolítico Superior en la Meseta Española, Studia Archaeologica* nº 94, Valladolid, pp. 41-74.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. de, GARCÍA VALERO M. A., CRUZ, L. A. 1995. La cueva del Turismo (Tamajón, Guadalajara): Un nuevo yacimiento rupestre paleolítico en la Meseta Castellana. En: *Arqueología en Guadalajara. Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 125-136.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO M. A., JIMÉNEZ, P. J. 1997a. Nouvelles decouvertes d'Art Pariétal Paléolithique á la Meseta: La grotte del Reno (Valdesotos, Guadalajara). *Rev. L'Anthropologie. Tome 101, Paris*. 1997, pp. 144-163.
- 1997b. Nuevos descubrimientos de arte rupestre paleolítico en el centro de la Península Ibérica: La cueva del Reno (Valdesotos, Guadalajara). En R. de BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ: *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora*, pp. 239-257.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- ALCOLEA, A., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO, M. A., JIMÉNEZ, P., ALDECOA, A., CASADO, A., ANDRÉS, B. 1997. Avance al estudio del poblamiento paleolítico del Alto valle del Sorbe (Muriel, Guadalajara). *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora, 1997*, pp. 201-218.
- ALCOLEA, J., BALBÍN, R. de, JIMÉNEZ, P., GARCÍA, M. A., FOYO, A. 2000. La cueva de El Reno (Valdesotos, Guadalajara). Una visión de conjunto de su arte parietal paleolítico. *3º Congreso de Arqueología Peninsular. Actas. Vol. 2. Porto 2.000*, pp. 525-540.
- ALCOLEA, J. J., GARCÍA VALERO, M. A., ALCAINA, A. 1995. El poblamiento prehistórico antiguo en el sector suroriental del Sistema Central: Investigaciones en el valle alto del Sorbe, Guadalajara. *Rev. Raña*, nº 19, pp. 37-40.
- ALDECOA, A. 2005. *Memoria de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en el tramo final del río Ibor y en el área del Alto Tajo a su paso por los términos municipales de Berrocalejo, El Gordo, Peraleda de San Román y Valdelacasa del Tajo*. Inédita.
- ALMAGRO BASCH, M. 1973. Las pinturas y grabados rupestres de la cueva de Chufín. Riclones (Santander). *Trabajos de Prehistoria* 30, pp. 9-67.
- 1958. *Origen y formación del pueblo hispano*. Editorial Bergara.
- ALMEIDA, C. A. B. de 1986. A paróquia e o seu território, *Cadernos do Noroeste*. Braga, pp. 113-130.
- 1995. Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização da Bacia Inferior do Rio Côa. *Boletim da Universidade do Porto*. 25: Junho, p. 26-27.
- ALMEIDA, C. A. F. e MOURINHO, M. M. 1981. Pinturas esquemáticas de Penas Róias, terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 43-48.
- ALMEIDA F., ANGEL LUCCI D., GAMEIRO C., COREIA J., PEREIRA T. 2004. Novos dados para o Paleolítico Superior final da Estremadura Portuguesa: Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 1997-2003 no Lapa dos Coelho (Casias Martanes, Torres Novas). *Promontoria*, Ano 2, n.º 2, pp. 157-192.
- ALMEIDA, F., MAURICIO, J., SOUTO, P., VALENTE, M. J. 1999. Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez da Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2-1, pp. 25-38.
- ALONSO, A. y GRIMAL, A. 1999. El arte levantino: una manifestación pictórica del epipaleolítico peninsular. *Cronología del Arte Rupestre Levantino. Serie Arqueológica* nº 17. Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 43-76.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. R. 2003. *Los señores del ganado: Arqueología de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia*. Madrid: Ediciones Akal AKAL Arqueología 2.
- 2004. Etnias y fronteras: Bases arqueológica para el estudio de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia. In LOPES, M. C. VILAÇA, R., ed. — *O Passado em cena: Narrativas e fragmentos*. Coimbra Porto: CEAUCP, pp. 299-327.
- ALVES, F. M. 1938. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo X – Arqueologia, Etnografia e Arte*, Porto.
- ALVES, L. B. 2001. Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia, in R. J. WALLIS and K. LYMER (eds.), *A Permeability of Boundaries? New Approaches to the Archaeology of Art, Religion and Folklore*, BAR International Series S936, Oxford, pp. 71-78.
- 2002. The architecture of the natural world: rock art in western Iberia, in C. SCARRE (ed.), *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*, chapter 4, London and New York: Routledge, pp. 51-69.
- 2003. *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (Tese de Doutoramento apresentada ao Dep. de Arqueologia da Universidade de Reading, Reino Unido) 2 vols. Policopiada.
- 2006. *IC-1 – Viana do Castelo/Caminha, Ligação a Caminha, Relatório técnico-científico da prospeção arqueológica entre Pks 1+800 e 2+300*. AMB&Veritas, Lda. Relatório dos trabalhos arqueológicos (IPA).
- ALTUNA, J. 1997. *L'art des cavernes en Pays Basque*. Seuil, 200. pp.
- ANATI, E. 1968. El arte rupestre galaico-português, *Simpósio Internacional de Arte Rupestre - Barcelona 1966*, Diputación provincial de Barcelona, Instituto de Prehistoria y Arqueología, Barcelona, pp. 195-256.
- ANDRADE, J. S. 1940. Vila Nova de Fozcoa. In CORDEIRO, J. Alcino (ed.), *Anuário da Região Duriense*, 1940, Imprensa do Douro, Régua, pp. 498-505.
- ANONYME. 2004. Renonciation par Guillaume Utalgar, vicomte de Castelnou, aux droits qu'il perçoit à

- Pezilla-la Rivière, au bénéfice de l'abbaye de Lagrasse (18 décembre 1003). *Perspectives. Les archives de l'Aude*, 19, p. 6.
- APELLANIZ CASTROVIEJO, J. M. 1982. *El arte prehistórico del Pais Vasco y sus vecinos*. Ed. Desclée de Brouwer, Bilbao, 227 pp.
- ARANDA, I. 2006. Cerámica ibérica [Em linha]. In *Contestania Ibérica: Guía arqueológica de los iberos contestanos*. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://contestania.com/Ceramica%20iberica.htm>>.
- ARAÚJO, A. C. 2003. O Mesolítico inicial da Estremadura. En GONÇALVES, V. Ed: *Muita gente, poucas antas*. Trabalhos de Arqueologia, Lisboa: 101-113.
- ARGOTE, P. J. C. de 1734. *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, tomo I, Lisboa Occidental.
- 1738. *De Antiquitatibus Conventus Bracaugustani*, Typis Silvanis, Ulyssipone Occidentali.
- ARIAS CABAL, P., CERRILLO CUENCA, E., GÓMEZ PELLÓN, E., e. p. A view from the edges: the Mesolithic settlement of the interior areas of the Iberian Peninsula reconsidered, MESO2005. Belfast.
- ARIAS CABAL, P., GONZÁLEZ SAINZ, C., MOURE ROMANILLO, A., ONTAÑÓN PEREDO, R., PEREDA SAINZ, E., SAURA, P. 1999. *La Garma. Un descenso al pasado*. Gobierno de Cantabria. Universidad de Cantabria.
- ARNAUD, J. M. 1982. Le néolithique ancien et le processus de néolithisation au Portugal. Le Néolithique ancien méditerranéen. *Archéologie en Languedoc*, n° spécial, pp. 29-48.
- AUBRY, T. 1998. Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, n° 1, pp. 5-26.
- 2001. L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 253-273.
- 2002. Le contexte archéologique de l'art. Paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme*. pp. 139-157. pp. 25-38.
- AUBRY T., BAPTISTA, A. M. 2000. Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors série n° 4, novembre 2000: 54-55.
- AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. DE. 1998. O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P. A. V. C. (1995-1997), *Côavisão*, N.º 0, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 23-34.
- AUBRY, T., CARVALHO, A. F., ZILHÃO, J. 1997. Arqueologia. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 77-209.
- AUBRY T., CHAUVIERE F. X., MANGADO LLACH X., SAMPAIO J. D. 2003. Constitution, territoires d'approvisionnement et fonction des sites du Paléolithique supérieur de la basse vallée du Côa. In: BAR S1122 2003: Perceived Landscapes and Built Environments *The cultural geography of Late Paleolithic Eurasia. Acts of the XIVth UISPP Congress, University of Liège, Belgium, 2-8 September 2001. Colloques / Symposia 6. 2 & 6. 5* edited by S. A. Vasil'ev, O. Soffer and J. Kozłowski, pp.
- AUBRY T., GARCÍA Díez M. 2001. Actualité sur la chronologie et l'interprétation de l'art de la vallée du Côa (Portugal). *Les Nouvelles de l'Archéologie*, n° 82: 52-57.
- AUBRY T., MANGADO-LLACH X. 2003 a. Interprétation de l'approvisionnement en matières premières siliceuses sur les sites du Paléolithique supérieur de la vallée du Côa (Portugal). In : *Actes de la table ronde d'Aurillac, "Les matières premières lithiques en Pré-histoire"*, 20-23/06/2002. Préhistoire du Sud-Ouest, Supplément n° 5, pp. 27-40.
- 2003b. Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas nos sítios do Paleolítico superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação. In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de Arqueologia* 29, pp. 340-342.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., FULLOLA, J. M., ROSSEL L., SAMPAIO J. D. 2004. The raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal); new data concerning modes of resource exploitation in Iberia. *The Use of Living Space in Prehistory, papers from a session at the E. A. A. 6th Annual*.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., SELLAMI F., SAMPAIO J. D. 2002. Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity* Vol. 76, n° 291, pp. 62-76.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- AUBRY, T. e J. SAMPAIO, J. D. 2003 a. O método das remontagens de vestígios líticos: aplicação ao nível de ocupação gravettense do sítio de Olga Grande 14 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)” in MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 19], pp. 327-330.
- 2003b. Remontagem de rochas termo-alteradas; um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa), In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de arqueologia* 29, pp. 331-335.
- AUBRY T., ZILHÃO J., ALMEIDA F. e. p. A propos de la variabilité technique et culturelle de l'entité gravettienne au Portugal: bilan des dernières découvertes et perspectives de recherche. Actes de la Table Ronde: «Entités régionales d'une paléoculture européenne: Le Gravettien». Les Eyzies-de-Tayac, juin 2005. Supplément à Paleo.
- AUJOLAT, N. 1993. La perspective. En “*L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude*”. *Documents Préhistoriques*, 5. Paris. pp. 281-288.
- AURA, J. E. 1995. *El Magdaleniense mediterráneo: la Cova del Parpalló (Gandía, Valencia)*. Trabajos Varios del S. I. P., 91. Valencia.
- BACHILLER GIL, J. A. 2004. Aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico: La piedra de los Siete Infantes de Lara (Cortos, Soria), *Celtiberia*, núm. 98, pp. 285-297, Soria.
- BAHN, P. G. 1985. Ice Age drawing on open rock faces in the Pyrenees, *Nature* vol. 313, n° 6003, pp. 530-531.
- 1992. Open air rock art in the Palaeolithic. En M. Lorblanchet Ed. *Rock Art in the Old World*. New Delhi. pp. 395-400.
- 1994. Lascaux: composition or accumulation? *Zephyrus XLVII*. pp. 3-13.
- 1995. Cave art without the caves. *Antiquity*, n° 69. pp. 231-237.
- BAHN, P. G., VERTUT, J. 1988. *Images of the Ice Age*. Windward. London.
- BALBÍN, R. de 1975. *Contribución al estudio del arte rupestre del Sahara español*. T. Doctoral extracto, Univ. Complutense, 39, pp. 1975.
- 1989a. El arte megalítico y esquemático del Cantábrico, en M. R. GONZÁLEZ MORALES (ed.): *Cien años después de Sautuola*, pp. 15-96, Santander.
- 1989b. Reflexiones en torno al Arte Levantino. *Rev. Arqueología*, n° 104, Diciembre 1989, pp. 6-7.
- 1989. L'Art de la grotte de Tito Bustillo (Ribadesella, Espagne). Une vision de Synthèse. *Rev. L'Anthropologie*. T. 93-2. París. pp. 435-462.
- 1995. L'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Douro. *Archéologia*, n° 313, Junio. pp. 34-41.
- 2002. Estado actual de la investigación del Arte Paleolítico en Guadalajara. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. T. I. pp. 187-228.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J. 1992a. La grotte de Los Casares et l'Art Paléolithique de la Meseta espagnole. *Rev. L'Anthropologie*. T. 96, 2-3. París. pp. 397-452.
- 1992b. Los Casares. En *El Nacimiento del Arte Europa. Catalogo de la Exposición de la Unión Latina*. París. pp. 311-314.
- 1994. Arte Paleolítico de la Meseta española. *Complutum*, 5. Madrid. pp. 97-138.
- 1999. Vie quotidienne et vie religieuse. Les sanctuaires dans l'Art Paléolithique. *Rev. de l'Anthropologie*, T. 103. París pp. 23-49.
- 2001. L'Art Paléolithique en plein air dans la Péninsule Ibérique: quelques précision sur son contenu, chronologie et signification. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 205-236.
- 2002. L'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire ibérique: une revision chronoculturelle d'ensemble. In: *Actes du Colloque "L'art Paléolithique à l'air libre: le Paysage modifié par l'image"*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 139-157.
- 2005a. Testigos del frío. La fauna en el Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. En M. Santonja, A. Pérez-González y M. J. Machado eds. *Geoarqueología y Patrimonio en la Península Ibérica y el entorno mediterráneo*. ADEMA. Soria 2005, pp. 547-566.
- 2005b. Espace d'habitation, espace d'enterrement, espace graphique. Les coïncidences et les divergentes dans l'Art Paléolithique de la Corniche Cantabrique.». En D. VIALOU, J. RENAULT-MISKOVSKY y M. PATOU-MATHIS Dirs. *Comportements des hommes du Paléolithique moyen et supérieur en Europe. Territoires et milieux*. Eraul 111. pp. 193-206.

- . 2006. Arte paleolítico en los confines de Europa: cuevas y aire libre en el sur de la Península Ibérica. *IV Simposio de Prehistoria Cueva de Nerja. La cuenca mediterránea durante el Paleolítico Superior. 38.000-10.000 años. Fundación Cueva de Nerja-UISPP*. pp. 118-136.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ PEREDA, M. A. 2003. El macizo de Ardines, Ribadesella, España. Un lugar mayor del arte paleolítico europeo. En: R. DE BALBÍN Y P. BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 91-152.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ, M. A., MOURE, J. A. 2002. Recherches dans le massif d'Ardines: nouvelles galeries ornées de la grotte de Tito Bustillo. *L'Anthropologie*, 106, pp. 565-602.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MOURE, A., GONZÁLEZ, M. 2000. Le Massif d'Ardines (Ribadesella. Les Asturies). Nouveaux travaux de prospection archéologique et de documentation artistique. *L'Anthropologie*, 104. París; pp. 383-414.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MORENO, F., CRUZ, L. A. 1995. Investigaciones arqueológicas en la cueva de La Hoz (Sta. María del Espino, Guadalajara). Una visión de conjunto actualizada. En R. DE BALBÍN, J. VALIENTE y M. MUSSAT Coord. "Arqueología en Guadalajara". *Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 37-53.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M. 1994. Siega Verde y el arte rupestre paleolítico al aire libre. *VI Coloquio Hispano-Ruso de Historia. Madrid*. pp. 5-19.
- . 1995. El yacimiento rupestre paleolítico al aire libre de Siega Verde (Salamanca, España): una visión de conjunto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (3). Porto. pp. 73-102.
- . 1996a. Siega Verde. Un art rupestre à l'air libre dans la vallée du Douro. *Dossiers d'Archéologie*, n° 209. Diciembre 1995-enero 1996. Dijon. pp. 98-105.
- . 1996b. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa. *Fundación Rei Afonso Henriques, Serie monografias y estudios. Zamora*.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M., PÉREZ, R. 1991. Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre. En "Del Paleolítico a la Historia". *Museo de Salamanca. Salamanca*. pp. 33-48.
- BALBÍN, R. DE y BUENO, P. 1994. Arte Postpaleolítico en Castilla-La Mancha. En: *La Edad del Bronce en Castilla-La Mancha. Simposio 1990. Diputación Provincial de Toledo*. pp. 87-110.
- . 2000. El análisis del contexto en el arte prehistórico de la Península Ibérica. La diversidad de las asociaciones. *Arkeos*, 10. pp. 91-128.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., ALCOLEA, J. J. 1995. Carta. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35 (4), pp. 872-873.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., JIMÉNEZ, P., ALCOLEA, J. J., FERNANDEZ, J. A., PINO, E., REDONDO, J. C. El yacimiento de Rillo de Gallo (Guadalajara) *Wad-Al-Hayara*, n° 16, 1989, pp. 31-73.
- . 1989b. El abrigo rupestre del Llano, Rillo de Gallo. Molina de Aragón. *XIX Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza. 1989. vol. II; pp. 179-194.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A. 1981a. La "Galería de los Caballos" de la cueva de Tito Bustillo. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979. Ministerio de Cultura*. pp. 85-117.
- . 1981b. Las pinturas y grabados de la cueva de Tito Bustillo: El Sector Oriental. *Studia Archaeologica*, 66. Valladolid.
- . 1982. El panel principal de la cueva de Tito Bustillo (Ribadesella, Asturias). *Ars Praehistorica*, t. I, pp. 47-97.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, N.º 87, Julio. pp. 16-24.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A., RIPOLL, E. 1982. Grabados esquemáticos de la comarca de Santa María de Nieva (Segovia). *Coloquio Internacional sobre Arte Rupestre Esquemático de la Península Ibérica. Resumen de Comunicaciones. Salamanca*. pp. 8-9.
- BALBÍN, R. DE, SANTONJA, M. 1992. Siega Verde (Salamanca). En *El Nacimiento del Arte Europa. Catálogo de la Exposición de la Unión Latina*. París. pp. 250-252.
- BALDELLOU, V. UTRILLA, P. 1999. Arte rupestre y cultura material en Aragón: presencias y ausencias, convergencias y divergencias. *Bolskan*, 16, pp. 21-37.
- BAPTISTA, A. M. 1980. Introdução ao estudo da arte pré-histórica do noroeste peninsular. 1. As gravuras rupestres do Gião. *Minia*. 2.ª série 3 (4), Braga, pp. 80-100.
- . 1981. A rocha F-155 e a origem da Arte do vale do Tejo. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. *Monografias Arqueológicas 1*. Porto.
- . 1981b. O complexo de arte rupestre da Bouça do Colado (Parada, Lindoso). *Notícia preliminar, Giesta 1* (4), Braga, pp. 6-16.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- 1983. O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, pp. 57-69.
- 1983-84. Arte rupestre do norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*. Porto. Nova série: 4-5 *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste*, Novembro de 1983, pp. 71-82.
- 1985. A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 3, Lisboa, pp. 7-44.
- 1986. Arte rupestre pós-glaciária: Esquematismo e abstracção. In ALARCÃO, J., ed. *História da Arte em Portugal*. 1. Lisboa: Editorial Alfa, pp. 31-55.
- 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro, *Brigantium*, 10, A Coruña, pp. 191-216.
- 1998. A arte do Côa e Alto-Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART). In LIMA, A.C.P.S., ed. *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, pp. 196-201.
- 1999a. *No tempo sen tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do vale do Côa*. Centro Nacional de Arte rupestre. Vila Nova de Foz Côa.
- 1999b. O ciclo quaternário do Vale do Côa. Copm algumas considerações do metodo sobre estilos, valoração estética e crono-estratigrafia figurativa. *Arkeos*. Tomar, 6:2m, pp. 197-277.
- 2000. Procés de Foz Côa (Portugal). *Història i arqueologia*, *Cota Zero*, 16, Dezembro 2000, Barcelona, pp. 96-110.
- 2001. Novas descobertas de arte paleolítica de aire libre no Alto Sabor (Tras-os-Montes, Portugal). *Site www.ipa.min-cultura.pt*, 3 págs.
- 2001a. The Quaternary Roc Arte of the Côa Valley (Portugal). In *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 237-252.
- 2001b. Ocreza (Envendos, Maçao, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, N° 11, 2001, pags. 163-192.
- 2002. Nuevos descubrimientos de Arte Paleolítico al aire libre en el río Sabor (Norte de Portugal). In *Libro Guía del Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, 2002, pp. 57-58.
- 2003. A fauna plistocénica na arte rupestre do Vale do Côa. *Tribuna da Natureza*. Porto. 13, pp. 14-20.
- 2004a. A Arte Proto-Histórica no Vale do Côa. *Comunicação apresentada nas 2.ªs Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, na Guarda, a 21 de Outubro, e não publicada nas respectivas actas*.
- 2004b. Arte paleolítica de ar livre no rio Zêzere (Barroca, Fundao). *Eburóbriga, Fundao*, N.º 1, Primavera/verao, pp. 9-16.
- BAPTISTA, A. M., GARCÍA, M. 2002. L'Art Paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In D. SACCHI ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. pp. 187-205.
- BAPTISTA, A. M., GOMES, M. V. 1995. Arte rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões. *Dossier Côa*. pp. 349-422.
- 1997. Arte Rupestre. In J. ZILHAO Coord. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Ministerio de Cultura. Lisboa. pp. 211-406.
- BAPTISTA, A. M., MARTINS, M. M., SERRAO, E. da C. 1978. Felskunst im Tejo-Tal. Sao Simao (Nisa, Portalegre) Portugal. *Madrider Mitteilungen* 19, pp. 89-11. 29 taf.
- BAPTISTA, A. M., REIS, M., 2006. *Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Do Paleolítico à Idade do Ferro. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 20 de Maio*.
- En prensa. *Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa: da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro*, In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- BAPTISTA A. M., SANTOS A. T., CORREIA D. 2006. Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº 8, pp. 156-184.
- BARANDIARAN, I. 1972a. *Arte Mueble del Paleolítico Cantábrico*. Monografias arqueológicas. Universidad de Zaragoza. 369 pp.
- 1972b. Algunas convenciones de representación en las figuras animales del Arte Paleolítico. *Santander Symposium. Santander-Asturias 1970. Santander-Madrid*. pp. 345- 381.
- BARRETT, J. C. 1999. The Mythical Landscapes of the British Iron Age. In ASHMORE, W. KNAPP, A. B., ed.

- Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*. Massachusetts Oxford: Blackwell Publishers, pp. 253-265.
- BÉCARES, J. 1974. Nuevas pinturas rupestres en Las Batuecas: El covacho del Pallón, *Zephyrus*, XXV, pp. 281-294, Salamanca.
- 1983. Hacia nuevas técnicas de trabajo en el estudio de la pintura rupestre esquemática, *Zephyrus*, XXXVI, p. 137-148, Salamanca.
- 1991. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Salamanca, *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salamanca, pp. 61-79.
- BEDNARIK, R. G. 1995 a. More news from Hell's Canyon. Portugal. *AURA Newsletter*, 12, pp. 7-8.
- 1995b. Côa Valley rock art analytical research program. *Internal report to Electricidade de Portugal*.
- 1995c. The Côa petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. *Antiquity* 69, pp. 877-882.
- 1997a. The Côa petroglyphs : an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 411-416.
- 1997b. European Art: the Palaeolithic Legacy? *Cambridge Archaeological Journal* 7:2 (1997). pp. 255-68.
- BÉGOUËN, H., BREUIL, H. 1958. *Les cavernes du Volp, Trois Frères-Tuc d'Audoubert*. Arts et Métiers Graphiques ed., Paris, 124 pp.
- BELLO DIÉGUEZ, J. M. 1994. Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabanas, A Coruña). Grupo de Viseu o Grupo Noroccidental? Aspectos taxonómico y cronológicos, in D. CRUZ (coord.) *O Megalitismo no Centro de Portugal*. *Actas do Seminário*. Estudos Pré-históricos, Vol. II, CEPBA, Viseu, pp. 287-304.
- 1995. Arquitectura, arte parietal y manifestaciones escultóricas en el Megalitismo noroccidental, in F. P. LOSADA and L. CASTRO PÉREZ (eds.), *Arqueoloxía e arte na Galicia Prehistórica e Romana*, Monografías 7, Museu Arqueolóxico e Histórico de A Coruña, A Coruña, pp. 29-98.
- 2003. Un siglo de arte megalítico en Galicia, in R. DE BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 341-350.
- BELTRÁN, A. 1986. Megalitismo y arte rupestre esquemático: problemas y planteamientos. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo peninsular*. Madrid, pp. 21-32.
- 1989a. Perduración en el arte prehistórico del “estilo paleolítico” durante el Mesolítico y los posibles enlaces: el “levantino”. *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7: 125-166.
- 1989b. Crónica da reunião e conclusões. *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7:303-306.
- 1989c. *El arte rupestre aragonés. Aportaciones de las pinturas prehistóricas de Albalate del Arzobispo y Estadilla*, Iber-Caja, Zaragoza.
- 1989d. *Ensayo sobre el origen y significación del arte prehistórico*, Universidad de Zaragoza, Col. “Ciencias Sociales”, 12, Zaragoza.
- 1989e. *Los parques culturales y el arte rupestre en Aragón*, Diputación General de Aragón, Zaragoza.
- 1996. La datación de los grabados de Foz do Côa, en Portugal y la importancia del yacimiento: síntesis de una polemica y planteamientos. In MACIEL, M. JUSTINO (coord.), *Miscellania de homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 45-54.
- BENDER, B. 1993. Introduction. Landscape – Meaning and Action, in B. BENDER (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 1-17
- BENITO DEL REY, L., GRANDE DEL BRÍO, R. 1992. *Santuarios Rupestres Prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca*, Gráficas Cervantes, Salamanca.
- 1993. Estaciones de grabados rupestre en la comarca cacereña de las Hurdes. *Zephyrus*, vol. XLVI, pp. 215-225.
- 1995. *Petroglifos prehistóricos en la comarca cacereña de las Hurdes*. Ed. Librería Cervantes, Salamanca. 89 págs.
- 2000. *Santuarios rupestres prehistóricos en el centro-oeste de España*, Librería Cervantes, Salamanca.
- 2002. Art Rupestre dans la Grotte du Parpalló (Gandía, Valencia). *Inora* 33, pp. 7-11. Foix.
- BERGMANN, L. 1995. Nuevas cuevas con pinturas rupestres en el término municipal de Tarifa. III Jornadas de Historia del Campo de Gibraltar, Octubre de 1994. Almoraima. *Revista de Estudios Campogibraltares*, 13: 51-61. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996a. Los grabados paleolíticos de la cueva del Moro (Tarifa, Cádiz): el arte rupestre del paleolítico

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- más meridional de Europa. *Almoraima. Revista de Estudios Campogibaltareños*, 16: 9-26. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996b. La Cueva del Moro (Tarifa). El arte paleolítico más meridional de Europa. *Aljaranda*, 21: 9-11. Ed. Ayuntamiento de Tarifa.
- BERGMANN, L., CARRERAS, A. M., GOMAR, A. M., RUIZ, A. En prensa. La fauna gaditana en el arte sureño. *III Jornadas de Historia Natural de Cádiz*. 2006.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F. 1994. Reflexiones en la cueva de Altamira, *Monografías*, nº 17, Museo y Centro de Investigación de Altamira, pp. 261-267.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA, A. 1991. Le Paléolithique supérieur dans le Bassin du Duero. En M. OTTE Ed. "Le Paléolithique supérieur européen. Bilan quinquennal. Etudes et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège. Liège. pp. 281-283.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA CAMPOS, A., FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. 1996. Panorama del Paleolítico Superior y Epipaleolítico en el Norte de la cuenca del Duero. R. DE BALBÍN BEHRMANN, P. BUENO RAMÍREZ, eds: *II Congreso de Arqueología Peninsular, T. I. Paleolítico y Epipaleolítico*. Zamora: 367-382.
- BETTENCOURT, A. M. S., REBLO, T. M. H. 1988/89. Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga-Vale de Cambra). Inventário preliminar, *Portugália*, nova série, Porto IX-X, pp. 7-30.
- BETTENCOURT, A. M. S., SANCHES, M. J. 1998. Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77. Edicions do Castro, A Coruña, pp. 13-45.
- BICHO, N. 2000. Technological change in the final upper Paleolithic of Rio Maior, Tomar, *Arkeos* 8, Thèse de Doctorat de la Southern Methodist University soutenue en 1992 (Dallas, U.S.A.).
- BICHO, N., STINER, M., LINDLY, J., FERRING, C. R. 2003. O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia. GONÇALVES, V. ed: *Muita gente, poucas antas. Trabalhos de Arqueologia*, 23. Lisboa:15-22.
- BLAS CORTINA, M. A. de 1997. El arte megalítico en el territorio Cantábrico: un fenómeno entre la nitidez y la ambigüedad, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 69-89.
- BOSCH-GIMPERA, P. 1954. La Edad del Bronce en la Península Ibérica, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVIII, nº 89-90, Madrid, pp. 45-92.
- BOVEDA, M. J., CAÑIZO, J. A., VILASECO, X. I. 2000. Places to Engrave, Places to Die: Rock Art and Burial Cists of the Bronze Age in the North-west Iberian Peninsula. In NASH, G., ed. *Signifying Place and Space: World Perspectives of Rock Art and Landscape*. Oxford: Archeopress, pp. 49-57.
- BOURDIEU, P. 2002. *Esboço de uma teoria da prática – Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- BRADLEY, R. 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing and the land*. Routledge.
- 1990. *The Passage of Arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*, Routledge, London/New York.
- 1998. *The significance of monuments. On shaping the human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Routledge, London/New York.
- 2000. *An Archaeology of Natural Places*. Routledge, London/New York.
- 2002. Access, style and imagery: the audience for prehistoric rock art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC, *Oxford Journal of Archaeology*, 21, Oxford, pp. 231-247.
- BRADLEY, R.-CRIADO, F., FÁBREGAS, R. 1993-1994. Petroglifos en el paisaje: nuevas perspectivas sobre el arte rupestre gallego, *Minius*, II-III, Ourense, pp. 17-28.
- 1994. Los petroglifos como forma de apropiación del espacio: alguns ejemplos gallegos, *Trabajos de Prehistoria*, 51 (2), Madrid, pp. 159-168.
- 1994-95. Arte rupestre y paisaje prehistórico en Galicia: resultados del trabajo de campo entre 1992 y 1994, *Castrelos*, 7-8, pp. 67-95.
- 1995. Rock art and the prehistoric landscape of Galicia. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 61:341-370.
- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R. 1996. Petroglifos Gallegos y Arte Esquemático : una propuesta de trabajo: *Complutum Extra*, 6 (II), pp. 103-110.
- 1998. Crossing the border: contrasting styles of rock art in the Prehistory of north-west Iberia, *Oxford Journal of Archaeology*, 17 (3), Oxford, pp. 287-308.
- 1999. La "Ley de Frontera": grupos rupestres Galaico y Esquemático y Prehistoria del Noroeste de la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 56, nº 1, Madrid, pp. 103-114.

- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R., VALCARCE, R., ALVES, L. B., VILASECO VÁZQUEZ, X. I. 2005. El Pedroso – A prehistoric cave in Castille, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 7, Porto, pp. 125-156.
- BRANDÃO, D. de P. 1959-60. Ara dedicada a Júpiter na Igreja de Vila Nova de Fozcoa. *Humanitas*. Coimbra. 11-12, pp. 66-70.
- 1961. Insculpturas do Monte de Eiró, Penha-Longa (Marco de Canaveses), *Lucerna*, vol. 1(2), pp. 45-58.
- BREUIL, H. 1921. Nouvelles cavernes ornées paleolithiques dans la province de Málaga. *L'Anthropologie*, Vol. 31: 239-253. París.
- 1933-1935: *Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Ibérique*, Lagny.
- 1934. Presidential address, *Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia*, 7, pp. 289-322.
- 1960. Les roches peintes paléolithiques de l'Espagne orientale. *Documentos preparatorios de la sesión Burg Warstenstein*.
- 1974. *Quatre cents siècles d'Art Pariétal*. Editions Max Fourny. París.
- BREUIL, H., BURKITT, M. C. 1929. *Rock Paintings of Southern Andalusia. A description of a Neolithic and Copper Age Art Group*. Clarendon Press, Oxford, XII, 88 págs., 54 figs. y XXXIII láms.
- BREUIL, H., OBERMAIER, H., VERNER, W. 1915. *La Pileta a Benaolán (Málaga)*. Institut de Paleontologie Humaine, Fondation Albert, I Prince de Monaco, Mónaco, 1915.
- BRITO, J. P. DE. 1992. Tesouros: o passado, o presente e o risco de desordem, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXII (1-4), Porto, 47-70.
- BRÜCK, J. 2005. Experiencing the past? The development of a phenomenological archaeology in British prehistory, *Archaeological Dialogues*, 12 (1), Cambridge University Press, pp. 45-72.
- BUENO RAMÍREZ, P. 2000. El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española. *Extremadura Arqueológica*, VIII. El Megalitismo en Extremadura. Homenaje a E. Dieguez: 35-80.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de. 1992. L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*, París, t. 96, n°s 2-3; pp. 499-572.
- 1998. The origin of the megalithic decorative system :graphics versus architecture. *Journal of Iberian Archaeology*, vol. O. Porto: 53-68.
- 2000a. Art mégalithiques art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 104. París : 427-458.
- 2000b. La grafía megalítica como factor para la definición del territorio. *Arkeos*, 10. pp. 129-178.
- 2000c. Arte megalítico en la Extremadura española. Homenaje a Elías Diéguez Luengo. *Extremadura Arqueológica*, VIII: El Megalitismo en Extremadura: 345-379.
- 2001. Le sacré et le profane: notes pour l'interprétation des graphies préhistoriques péninsulaires. *Revue Archéologique de l'Ouest, supplé. N° 9*. pp. 141-148.
- 2002. L'Art mégalithique péninsulaire et l'art mégalithique de la façade atlantique: un modèle de capillarité appliqué à 'art post-paléolithique européen, *L'Anthropologie*, t. 106, París, pp. 603-646.
- 2003a. Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales". In: BALBÍN, R. DE BUENO, P., Eds. *Primer Symposium internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella. El arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella: 291-313.
- 2003b. Grafías y territorios megalíticos en Extremadura. Muita gente, poucas antas? Orígens, espaços e contextos do megalitismo. *Trabalhos de Arqueología*, 25. Lisboa: 407-448
- 2006a. Between power and mythology: evidence of social inequality and hierarchisation in Iberian megalithic art. En P. DIAZ DEL RÍO y L. GARCÍA SAN JUAN eds.: *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*. Bar International Series, XXX.
- 2006b. Arte megalítico en la Península Ibérica: contextos materiales y simbólicos para el arte esquemático. En J. MARTÍNEZ GARCÍA y M. HERNÁNDEZ PÉREZ eds.: *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de Los Vélez*. 2006, 57-84.
- 2006c. Arte parietal megalítico en la Península Ibérica. En F. CARRERA RAMÍREZ y R. FÁBREGAS VALCARCE: *Arte Parietal Megalítico en el Noroeste peninsular. Conocimiento y conservación*. Santiago de Compostela: 153-212.
- 2006d. Cervidés et serpents dans la mythologie funéraire du mégalithisme ibérique. *Anthropozoologica*, 41: 85-102.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de, ALCOLEA, J. J. 2003. Prehistoria del lenguaje en las sociedades cazadoras y productoras del sur de Europa. En: R. DE BALBÍN y P.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella 2003. pp. 13-22.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO. 2004a. Application d'une méthode d'analyse du territoire à partir de la situation des marqueurs graphiques à l'intérieur de la Péninsule Ibérique: le Tago International. *L'Anthropologie* 108, pp. 653-710.
- 2004b. Arte Megalítico en Andalucía: una propuesta para su valoración global en el ámbito de las grafías de los pueblos productores del Sur de Europa. *Mainake*, XXVI. Málaga, 29-62.
- 2005a. *El dolmen de Azután (Toledo) Áreas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo*. UAH. Diputación de Toledo. Monografías 02.
- 2005b. Hierarchisation et métallurgie. Les statues armées de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 109. París, 577-640.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A. 2000. Arte megalítico en el Tajo: los dólmenes de Alcántara. Cáceres. España. *Pré-historia Recente da Península Ibérica*. Porto: 481-496, VI láms.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., VILLA, R., MORALEDA, A. 1999a. *El dolmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyybas*. Diputación de Toledo. 136 p.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A., GILES, F., GUTIÉRREZ, J. M. CARRERA, F., 1999b. Estudios de arte megalítico en la necrópolis de Alberite. *Papeles de Historia*. Ubrique, 4: 35-60.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de., DÍAZ-ANDREU, M., ALDECOA, A. 1998. Espacio habitacional/espacio gráfico. Grabados al aire libre en el término de la Hinojosa (Cuenca). *Trabajos de Prehistoria* 55 (1): 101-120.
- BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE., CARRERA, F. 2006. *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R., JIMÉNEZ SANZ, P. 2002. Culturas productoras, culturas metalúrgicas y grafías en la provincia de Guadalajara. Una revisión historiográfica. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. Guadalajara, 2002; pp. 47-64.
- BUENO, P., JIMÉNEZ, P., BARROSO, R. 1995. Prehistoria Reciente en el Noreste de Guadalajara. *Arqueología en Guadalajara*. Toledo, 1995; pp. 72-95.
- CABRAL, A. A. D. 1963. *História da cidade de Calábria em Almendra (Subsídios)*. Porto: Casa da Beira Alta.
- CABRÉ ACUILÓ, J. 1912-1916. *Catálogo arqueológico, histórico, artístico y monumental de la provincia de Soria*, "II: Neolítico y Edad del Cobre". (Inédito).
- 1915. *El arte rupestre en España*, Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas, 1, Madrid.
- 1934. Las cuevas de los Casares y de la Hoz. *Archivo Español de Arte y Arqueología*, nº 30. pp. 225-254.
- 1941. Pinturas y grabados rupestres, esquemáticos, de las provincias de Segovia y Soria, *Archivo Español de Arqueología*, XLIII, pp. 316-344, Madrid.
- CACHO, C., PÉREZ, S. 1997. El Magdaleniense de la Meseta y sus relaciones con el Mediterráneo Español: El abrigo de Buendía (Cuenca). En *El Món Mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)*. Col. loqui. Banyoles. pp. 263-274.
- CACHO, C., RIPOLL, S. 1987. Nuevas piezas de arte mueble en el Mediterráneo Español. *Trabajos de Prehistoria*, 44: 35-62.
- CACHO, C., RIPOLL, S., MUNICIO, L. 2001. L'art mobilier d'Estebanvela (Segovia, Espagne). En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 263-278.
- CACHO, C., RIPOLL, S., JORDÁ, J. F., MUÑOZ, F., YRAVEDRA, J., MAICAS, R. 2003. El registro arqueológico del Pleistoceno Superior Final en el abrigo de la Peña de Estebanvela (S. de la cuenca del Duero, Segovia, España). *XI Reunión nacional de Cuaternario, Oviedo, 2003, AEQUA*, pp. 191-198.
- CALADO, M. 1997. Cromlechs alentejanos e a arte megalítica. *Brigantium*, 10. La Coruña, 289-297.
- 2004a. *Menires do Alentejo Central genese e evolução da paisagem megalítica regional*. Tesis doctoral. Lisboa.
- 2004b. Entre o ceu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. *Sinais da pedra*. Cd. Rom.
- CALADO, M., ROCHA, L. 2004. Relatorio da escavação do povoado pré-histórico de Aguas Frias-Rosario. Campanha 1. Recogido en M. Calado, *Menires do Alentejo Central*. Tesis Doctoral. Universidad de Lisboa.
- CALADO, D., NIETO, J. M., NOCETE, F. 2004. Menires, símbolos e organização social. O extremos SW peninsular. *Sinais da Pedra*. Cdrom.

- CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C., BATISTA, A. 2004. Novos dados sobre a Pré-história Recente da Beira interior Sul. Megalitismo e arte rupestre no concelho de Oleiros. *Estudos "Castelo Branco"*, nova serie, nº 3. pp. 3-30.
- CANTALEJO, P. La cueva de Malalmuerzo (Moclín, Granada): nueva estación con arte rupestre paleolítico en el área mediterránea. *Antropología y Paleoeología Humana*, 3: 59-99. Granada.
- CÁMARZ POZA, A. 1997. Por las sendas pinariegas de Urbión, *Revista de Soria*. II época, núm. 18, pp. 21-28. Soria.
- CARRASCO RUS, J., NAVARRETE ENCISO, M. S., PACHÓN ROMERO, J. A. 2006. Las manifestaciones rupestres esquemáticas y los soportes muebles en Andalucía, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 85-118.
- CARRERA, F., BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE. 2007. *Recuperación patrimonial de arte prehistórico: los abrigos de El Buraco y La Grajera, Santiago de Alcántara*, (Cáceres). Ayuntamiento de Santiago de Alcántara ISBN-10:84-611-4500-3, ISBN -13:978-84-611-4500-3.
- CARTAILHACC, E. 1885. Oeuvres inédites des artistes chasseurs de rennes. *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'Homme*, XIX, pp. 63-75.
- CARVALHO, A. F. de, ZILHÃO, J., AUBRY, T. 1996. Vale do Côa. Arte Rupestre e Pré-História. *Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Ministério da Cultura. Lisboa.
- CASABO BERNARD, J. 2004. *Paleolítico Superior Final y Epipaleolítico en la Comunidad Valenciana*. MARQ. Serie mayor 3.
- CASEY, E. S. 1996. How to get from space to place in a fairly short stretch of time. Phenomenological prolegomena in FELD S. e BASSO, K. H. (eds.) *Senses of Place*, School of American Research Advanced Seminar Series, pp. 13-52.
- CASSEN, S., VAQUERO LASTRES, J. 2004. El deseo pasmado. *Sinais de Pedra*. Evora. CdRom.
- CERRILLO CUENCA, E. 2005. *Los primeros grupos neolíticos de la cuenca extremeña del Tajo*. BAR International Series 1393.
- CERRILLO CUENCA, E., PRADA GALLARDO, A., GONZÁLEZ CORDERO, A., HERAS, F. J. 2002. La secuencia cultural de las primeras sociedades productoras en Extremadura: una datación absoluta del yacimiento de Los Barruecos (Malpartida de Cáceres, Cáceres). *Trabajos de Prehistoria*, 59, 2:101-111.
- CHIPPINDALE, C., NASH, G. 2004. *The Figured Landscapes of Rock-Art. Looking at Pictures in Place*. Cambridge University Press, Cambridge.
- CHOLLET, A., DUJARDIN, V. 2005. *La grotte de Bois-Ragot à Goux (Vienne). Magdalénien et Azilien. Essais sur les hommes et leur environnement*. Société Préhistorique Française. Mém. XXXVIII.
- CHOLLOT, M. 1964. *Musée des Antiquités Nationales. Collection Piette, art mobilier préhistorique*. Éditions des Musées nationaux, 479 pp.
- CLOTTES, J. 2002. *World Rock Art*. Los Angeles. Getty Publications.
- CLOTTES, J., ALTEIRAC, A., SERVELLE, C., 1981. Oeuvres d'art mobilier magdaléniennes des anciennes collections du Mas d'Azil. *Bulletin de la Société Préhistorique de l'Ariège*, XXXVI, pp. 37-70.
- CLOTTES, J. e J. COURTIN, J. 1992. *La Grotte Cosqueur. Peintures et Gravures de la Caverne Engloutie*, Paris, Éditions du Seuil.
- CLOTTES, J., LEWIS-WILLIAMS, J. D. 1996. *Les chamanes de la préhistoire. Transe et magie dans les grottes ornées*. Paris, Ed. Le Seuil.
- COIXÃO, A. do N. S. 2000. *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COLECTIVO BARBAÓN. 1998. Nuevas pinturas rupestres en la provincia de Cáceres: 42 nuevos abrigos en el Parque Natural de Monfragüe. *Revista de Arqueología*, año XIX, nº 212, pp. 12-17.
- COLLADO, H. 2003. Nuevas representaciones de Arte Paleolítico en Extremadura. C.A.E.A.P. *Veinticinco años de investigaciones sobre el patrimonio cultural de Cantabria*, pp. 111-121.
- 2004. Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. *Sinais da Pedra*. Evora. Cdrom.
- 2006. *Manifestaciones rupestres de estilo levantino en Extremadura*. (en prensa).
- COLLADO, H., FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M. 2001. Paleolithic Rock Art in Manzaner Mill Area (Alconchel-Cheles, Badajoz) *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº 12, 2001, pp. 29-64.
- COLLADO, H., RIPOLL, S. 1996. Una nueva estación paleolítica en Extremadura. Los grabados de la cueva de la

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- Mina de Ibor (Castañar de Ibor, Cáceres). *Revista de Estudios Extremeños*. Tomo LII, nº 2, pp. 383-399.
- COMPÓSITO 2004. *Conservação das rochas com gravuras do Vale do Côa: estudo e proposta de intervenção (Núcleo da Canada do Inferno)*. Relatório entregue pela Compósito, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- CONDE BERDÓS, M. J. 1998. Estado actual de la investigación sobre la cerámica ibérica pintada de época plena y tardía [Em linha]. In *Revista de Estudios Ibericos*, 3 El mundo Ibérico: una década de investigaciones [1985-1995] 2.ª parte. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/reib3/>>.
- CORCHÓN, M. S. 1985. Características técnicas y culturales del arte parietal paleolítico: su proyección en la Meseta. *Studia Zamorensia Historica*, vol. VI. pp. 223-271.
- 1986. *El Arte Mueble Paleolítico Cantabro: Contexto y Análisis Interno*, Madrid, Centro de Investigación y Museo de Altamira [Monografías, 16].
- 1989. Datos sobre el epipaleolítico en la Meseta Norte: la cueva del Nispero (Burgos/España). *Zephyrus*, XLI-XLII:85-100.
- 2002. El Tardiglacial y la transición al Postglacial en la Meseta Norte española: Una visión de síntesis. *Zephyrus*, LV, pp. 85-142.
- 2006. Las cuevas de La Griega y Palomera (Ojo Guareña) y la cuestión de la cronología del Arte Paleolítico en la Meseta. En: DELIBES DE CASTRO, G., y DIEZ MARTÍN, F., eds: *El Paleolítico Superior en la Meseta Española*, *Studia Archaeologica* nº 94, Valladolid, pp. 75-111.
- CORCHÓN, M. S. Coord. 1997. *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. *Arqueología en Castilla y León*, 3. *Junta de Castilla y León*.
- CORCHÓN, S., LUCAS, R., GONZÁLEZ TABLAS, F., BECARES, J. 1991. El arte rupestre prehistórico en la región castellano-leonesa. *Zephyrus*, XLI-XLII, *Salamanca*. pp. 7-18.
- CORCHÓN, M. S., VALLADAS, H., BECARES, J., ARNOLD, M., TISNERAT, N., CACHIER, H. 1996. Datación de las pinturas y revisión del Arte Paleolítico de Cueva palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). *Zephyrus*, 49, 1996, pp. 37-60.
- CORDEIRO, A. M. R., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cader-nos de Geografia*. Coimbra. 15, pp. 11-33.
- CORREIA, V. H., RECAREY, M. A. 1988. Insculturas rupestres da Serra da Gávea, Sra da Encarnação, *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura –1985– Arqueologia*, Esposende, pp. 93-111.
- COSME, S. 1998. Projecto de investigação arqueológica do território do Monte do Castelo (Almendra). In LIMA, A. C. P. S., ed. - *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, p. 208-214.
- 2006. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. *Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa*, em Pinhel, a 17 de Maio.
- En prensa. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., NOVOA ÁLVAREZ, P., PEÑA SANTOS, A. de la. 1997. Aproximación a las representaciones de cuadrúpedos en el grupo galaico de arte rupestre, in F. J. COSTAS GOBERNA e J. M. HIDALGO CUÑARRO, *Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos del continente europeo*, Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa, nº 3, Vigo, pp. 53-84.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., PEÑA SANTOS, A. 1999. *Arte Rupestre no sur da Ría de Vigo*. Instituto de Estudios Vigueses, Vigo.
- COUREAUD, C. 1985. *L'Art Azilien. Origine et survivance*. XX Supplé. Gallia Préhistoire. CNRS. Paris.
- COUTURIER, Dr. 1962. *Le bouquetin des Alpes*. Impr. Allier, Grenoble, 2 vol. 1564 pp.
- CRIADO BOADO, F. 1993. Espacio monumental y paisajes prehistóricos en Galicia. *Concepcions espaciais e estrategias territoriais na historia de Galicia*. Asociación Galega de Historiadores. Santiago de Compostela: 23-54.
- CRIADO BOADO, F., SANTOS ESTÉVEZ, M. 2006. Paisajes domésticos, Espacios Cerrados: los Espacios de la representación y la Domesticación del Paisaje en la Edad del Bronce, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 173-192.
- CUNHA, A. L., SILVA, E. J. L. 1980. Gravuras rupestres do Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião),

- Tapada do Ozão, Monte da Laje, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, Guimarães, pp. 121-131.
- CRUZ, D. 1995. Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta *Estudos Pré-históricos* 3, CEPBA, Viseu, pp. 81-112.
- 1998. Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira. In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Estudos Pré-históricos 8, pp. 149-166.
- CURA, M. 1997. Cuestiones generales en torno al neolítico y megalitismo. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 141-149.
- CURADO, F. P. 1988-94. A propósito de Conimbriga e de Coniumbriga. *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 6 I Congresso do Rio Douro, pp. 213-234.
- DAVIDSON, I. BAILEY, G. N. 1984. Los yacimientos, sus territorios de explotación y la topografía. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. 2, pp. 25-31.
- DELIBES, G. 1985. El Paleolítico. Los primeros asentamientos humanos en el valle del Duero. En *"Historia de Castilla y León I. La Prehistoria del valle del Duero"*. Ambito. Valladolid. pp. 8-21.
- DELIBES, G., SANTONJA, M. 1986. *El fenómeno megalítico en la provincia de Salamanca*, Diputación Provincial, Salamanca.
- DELLUC, B. G. 1978. Les manifestations graphiques aurignaciennes sur support rocheux des environs des Eyzies (Dordogne). *Gallia Préhistoire*, 21, 1 y 2. París. pp. 213-438. 96 figs.
- 1991. *L'art pariétal archaïque en Aquitaine*. XXVII supplément à Gallia Préhistoire. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique. París. 393 págs. 235 figs.
- 1999. El arte paleolítico arcaico en Aquitania de los orígenes a Lascaux. En *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 145-166.
- 2003. L'art pariétal archaïque du sud-ouest de la France à la lumière des découvertes récentes. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp. 23-39.
- DELPORTE, H. 1990. *L'image des animaux dans l'art préhistorique*. Paris, Picard, 254 pp.
- DEL RIEGO, C. 2005. Arqueología. Los primeros bercianos también dejaron documentos gráficos, *El Mundo*. Jueves científico, 16 de junio de 2005, p. 6.
- DENDALETCHÉ, C. 1990. *Animaux sauvages des Pyrénées*. Milan ed. 168 pp.
- D'ERRICO, F. 1994. *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*. XXXI^o supplément à Gallia Préhistoire. Edition du C. N. R. S.
- D'ERRICO, F., CACHO, C. 1994. Notation versus decoration in the Upper Palaeolithic. A case study from Tossal de la Roca. Alicante (Spain). *Journal of Archaeological Science*, 21:185-200.
- D'ERRICO, F., POSSENTI, L. 1999. L'art mobilier épipaléolithique de la Méditerranée occidentale: comparaisons thématiques et technologiques. XXIV Congrès Préhistorique de France. *Les Facies leptolithiques du Nord-Ouest Méditerranéen : milieux naturels et culturels*. París: 93-116.
- D'ERRICO, F., SACCHI, D., VANHAEREN, M. 2002. Analyse technique de l'art gravé de Fornols-Haut, Campôme-France. Implications dans la datation des représentations de style paléolithique à l'air libre. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme*. pp. 75-86.
- DIEZ CORONEL I MONTULL, L. 1987. La roca con grabados de Mas de N'Olives, en Torreblanca (Lérida). *Ars Praehistórica*, V/VI:71-102.
- DOMÍNGUEZ, A. 2005. *Memoria final de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en la ZEPA de la Serena: términos municipales de Puebla de Alcocer, Esparragosa de Lares y Campanario*. Inédita.
- DOMINGO, I. 2005. Las formas de representación de la figura humana. *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*, pp. 279-291.
- DORN R. I. 1997. Constraining the age of the Côa valley (Portugal) engraving with radiocarbon dating. *Antiquity* 71 pp. 105-115.
- ECO, U. 1990. *Os Limites da Interpretação*, Lisboa, Difel.
- ESCUDERO LACUSSANT, G. 1900. Los Infantes de Lara. Historia y tradición, *Recuerdo de Soria*, núm. 7 (2^a ép.), pp. 13-17, Soria.
- ESPARZA ARROYO, A. 1977. El castro zamorano del Pedroso y sus insculturas, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*, XLIII, pp. 27-39, Valladolid.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- ESTEVEZ ESCALERA, J., GASSIOT BALLBÉ, E. 2002. El cambio en sociedades cazadoras litorales: tres casos comparativos. *Rampas*, V. Cádiz: 43-83.
- FABIÁN GARCÍA J. F. 1985. El cerro del Berrueco. *Revista de Arqueología*. N.º 56. pp. 6-17.
- 1986. La industria lítica del yacimiento de la Dehesa en El Tejado de Béjar (Salamanca). Una Industria de tipología magdalenense en la Meseta. *Numantia* n.º 2, pp. 101-143.
- 1997. La difícil definición del Paleolítico Superior en la Meseta. El yacimiento de la Dehesa (Salamanca) como exponente de la etapa Magdalenense final. In R. DE BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ. Eds.: *II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo I – Paleolítico y Epipaleolítico*, Zamora, 24-27/09/1996. pp. 219-237.
- FÁBREGAS VALCARCE, R., VILASECO VÁSQUEZ, X. I. 2004. El megalitismo gallego a inicios del siglo XXI, *Mainake*, XXVI, Málaga, pp. 63-87.
- FERNANDES, A. P. B. 2003. O sistema de visita e a preservação da arte rupestre em dois sítios de ar livre do Nordeste português: o Vale do Côa e Mazouco. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 5-47.
- 2004. O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Filosofia, objetivos e ações concretas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 5-37.
- 2005. Programa de conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), pp. 159-166.
- 2006. Understanding an Unique Conservation Work Environment: The Case of the Côa Valley Rock Art Outcrops. In RODRIGUES, J. D. ; MIMOSO, J. M., (ed.), *Theory and Practice in Conservation: A Tribute to Cesare Brandi (Proceedings of the International Seminar)*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, p. 323-332.
- FERNANDES, A. P. B., MARQUES, M. L., RODRIGUES, M., BLANES, F., COSTA, C. En prensa. Estudo das formas de degradação de filitos com gravuras rupestres no Vale do Côa. In *Actas do VII Congresso Nacional de Geologia*, Universidade de Évora, Évora, 2006.
- FERNÁNDEZ, M. 2006. *Memoria final de la prospección en el área interior del Tajo Internacional*. TT. MM.: Ceclavín, Zarza la Mayor y Acehuche. Inédita.
- FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M., CRIADO, A. 2004. *Memoria de los trabajos de prospección en el Parque Natural de Monfragüe*. Inédita.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., GARCÍA, R. M. 2002. El contexto arqueológico de la Cova dels Cavalls: poblamiento prehistórico y Arte Rupestre en el tramo superior del Riu de les Coves. En R. MARTÍNEZ y V. VILLASVERDE (Coord.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre. Museu de la Valltorta, 1, 49-73. Valencia: Generalitat Valenciana.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., PÉREZ, R. 2005. Nuevos datos sobre el Neolítico en el Maestrazgo: el Abric del Mas de Martí (Albocàsser). *III Congresos del Neolítico en la Península Ibérica*: 879-887. Santander. 2003.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., LÓPEZ FERNÁNDEZ, M.ª T. 1990. Secuencia cultural de El Raso de Candelada (Ávila), *Nvmantia*, III, pp. 95-124, Valladolid.
- FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, V. M., RUIZ ZAPATERO, G. 1984. El análisis de territorios arqueológicos: una introducción crítica. *Arqueología Espacial*. Teruel. 1, pp. 55-71.
- FERNÁNDEZ-TRESGUERRAS, J. 1980. *El aziliense en las provincias de Asturias y Santander*. Santander.
- FERREIRA, A. de B. 1978. *Planaltos e montanhas do Norte da Beira: Estudo de geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FERREIRA DA SILVA, A., RIBEIRO, M. L. 1991. Carta geológica de Portugal. *Notícia explicativa da folha 15-A, Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- FINN, P.; HALL, N. 1996. Removal of iron fastenings and iron stains from sites in the Grampians. In THORN, A.; BRUNET, J., eds. - *Preservation of Rock Art*. Melbourne. Australian Rock Art Research Association, pp. 65-71.
- FORTEA, F. J. 1975. *Los complejos microlaminares y geométricos del Levante español*. Universidad de Salamanca.
- 1978. Arte Paleolítico del Mediterráneo español. *Trabajos de Prehistoria*. 35. pp. 99-149.
- 1981. Investigaciones en la cuenca media del Nalón, Asturias (España). Noticia y primeros resultados. *Zephyrus*, XXXII-XXXIII, pp. 5-16.

- . 1989. Cuevas de La Lluera. Avance al estudio de sus artes parietales. En M. R. GONZÁLEZ MORALES ed. “Cien años después de Sautuola. Estudios en homenaje a Marcelino Sanz de Sautuola en el Centenario de su muerte”. Diputación Regional de Cantabria. Santander. pp. 189-202.
- . 1990. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1980-1986. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 55-68.
- . 1992. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1987-1990. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 19-28.
- . 1994. Los “santuarios” exteriores en el Paleolítico cantábrico. *Complutum*, nº 5. pp. 203-220.
- FORTEA PÉREZ, F. J., GIMÉNEZ GÓMEZ, M. 1972-73. La cueva del Toro. Nueva estación malagueña con arte paleolítico. *Zephyrus*, XXIII-XXIV: 5-17. Salamanca.
- FOSSATI, A. 1996. The Iron Age in the Rock Art of Vermelhosa, Portugal [em linha]. In *Tracce*. 5. 26 de Outubro de 1996. [citado em 17 de Fevereiro de 2003]. Disponível em <<http://www.geocities.com/RainForest/3982/coaferro.html>>.
- FRADE, H. 1998. Ara a Júpiter da *Civitas Coberlcorum*. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 58, p. nº 266.
- FRADKIN, A., ANATI, E. 2001. *Valcamonica preistorica: Guida ai parchi archeologici*. Capo di Ponti: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- FREITAS, A., SANTOS, M. F., ROLÃO, J. M. F. 1994. Notícia preliminar sobre “Fraga das Passadas” (Valpaços, Portugal), *Zephyrus*, vol. XLVIII, Salamanca, pp. 353-363.
- FULLOLA, J. M., VIÑAS, R. 1985. El primer grabado parietal naturalista en cueva de Cataluña: la Cova de la Taverna (Margalef de Montsant, Priorat, Tarra-gona). *Caesaraugusta*, 61-62: 67-78.
- FULLOLA PERICOT, J. M., VIÑAS R., GARCÍA ARGUELLES, P. 1990. La nouvelle plaquette gravée de Sant Gregori (Calatogne, Spagne). *L'Art des Objets au Paléolithique*. Tome 1. *L'art mobilier et son contexte*. pp. 279-286.
- GARCÍA, J. J. 1997. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Cáceres. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 119-140.
- GARCÍA, N., ARSUAGA, J. L. 2003. Last Glaciation cold-adapted faunas in the Iberian Peninsula. En J. REUMER, J. de Vos y D. MOL eds. *Advances in Mammoth Research*. Róterdam. pp. 159-170.
- . 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En 32. 000 BP: *Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 123-144.
- GARCÍA DÍEZ M., AUBRY T. 2002. Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus* 55, 2002, pp. 157-182.
- GARCÍA DÍEZ, M., ABARQUERO MORAS, J. L., GÓMEZ-BARRERA, J. A., PALOMINO LÁZARO, A. e. p. Las pinturas rupestres de la Covacha de Las Cascarro-nas (Becerril del Carpio, Palencia), *Sautuola*, en prensa.
- GARCÍA DÍEZ, M., LUÍS, L. 2003. José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia, *Estudos Pré-Históricos*, Vol. X-XI, 2002-2003, CEPBA, Viseu, pp. 199-223.
- GARCÍA DÍEZ, M., MARTÍN I UIXAN, J., GENE, J., VAQUERO, 2002. La plaqueta grabada del Molí del Salt (Vim-bodí, conca de Barberá) i el grafisme paleolitic/epi-paleolitic a Catalunya. *Cypsela*, 14; pp. 159-173.
- GARCÍA DÍEZ, M., RODRIGUES, A. F. C., MAURÍCIO, J. M. G. 2001. *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*, Crivarque (Relatório não publicado, entregue ao IPA em Dezembro de 2001).
- GARCÍA ROBLES, M.^a R. 2003. *Aproximación al territorio y el hábitat del Holoceno inicial y medio. Datos arqueológicos y valoración del registro gráfico en dos zonas con Arte levantino. La Rambla Carbonera (Castellón) y la Rambla Seca (Valencia)*. Tesis doctoral inédita. Universitat de Valencia.
- GARCÍA ROBLES M. R., VILLAVARDE BONILLA, V. 2002. Quelques conventions caractéristiques des niveaux anciens du Parpalló. Les graphismes du Gravettien et du Solutréen ancien, comparaison avec l'art rupestre du Côa. In: *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel- Campôme, 7-9 octobre 1999*, UMR 5590 du CNRS – Tautavel. D. Sacchi (dir.). GAEP & GÉOPRÉ (ed.). pp. 59-64.
- GARRIDO, R., GUTIÉRREZ, E., RODRÍGUEZ, F. J. 2000. Grabados rupestres al aire libre en el entorno de Tiermes. Algunas consideraciones respecto a su cronología y contexto cultural. *Actas Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo, ed. en Cd-Rom, ponencia 23.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GARRIDO PENA, R.-MUÑOZ LÓPEZ-ASTILLEROS, K. 2000. Visiones sagradas para los líderes. Cerámicas campaniformes con decoración simbólica en la Península Ibérica. *Complutum*, 11:285-300.
- GEERTZ, C. 1973. *The Interpretation of Cultures*, Basic Books, New York
- GIRÓN, M., FERNÁNDEZ, M. 2003. *Prospección, catalogación e inventario de pintura rupestre en la Siberia Extremeña (Sector Sur)*. Inédita.
- GIRY, A. 1894. Manuel de diplomatique: diplômes et chartes, chronologie technique, éléments critiques et parties constitutives de la teneur des chartes, les chancelleries, les actes privés. Hachette, Paris, p. 944.
- GOMES, M. V. 1983. Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 277-285.
- 1989a. A arte rupestre do Vale do Tejo. Um santuario pré-histórico. *Cuadernos de San Benito*, vol. 2; pp. 49-75.
- 1989b. Arte rupestre e contexto arqueológico, *Almonsor*, vol. 7, Montemor-o-Novo: 225-269.
- 1990. A rocha 49 de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinámico da arte do Vale do Tejo. *Homenagen a J. R. dos Santos Junior*. Lisboa, vol. I:151-177.
- 1997. Megalitismo do Barlovento algarvio. Nova síntese. *Setúbal Arqueológica*, vols. 11-12. 1997; pp. 147-190.
- 1999. *Gruta do Escoural*. IPAR, Lisboa.
- 2000. A Rocha 175 de Fratel-Iconografía e interpretação. *Estudos Pré-históricos*, vol. VIII;81-112.
- 2001. Arte rupestre do vale do Tejo (Portugal). Antropomorfos (estilos, comportamientos, cronologías e interpretações). *Semiótica del arte prehistórico. Servicio de estudios valencianos. Serie Arqueológica* nº 18, pp. 53-88
- 2002. Arte rupestre em Portugal, perspectiva sobre o último século, *Arqueologia & História*, 54, Lisboa, pp. 139-194.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L., 1989. A mais antiga representação de Equus do Vale do Tejo. *Almonsor. Revista de Cultura*, nº 7: 167-210.
- GÓMEZ BARRERA, J. A. 1982. *La Pintura Rupestre Esquemática en la Altiimeseta Soriana*, Excmo. Ayuntamiento de Soria, Soria.
- 1984-1985. El abrigo de La Peña de los Plantíos: nuevo hallazgo de pinturas rupestres esquemáticas en Fuentetoba (Soria), *Ars Praehistorica*, t. III-IV, pp. 139-180, Sabadell.
- 1988. D. Teógenes Ortego Frías y su aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico en la Península Ibérica, *Celtiberia*, 75, pp. 47-77, Soria.
- 1989. Las pinturas rupestres del Abrigo II del Barranco de Valdecaballos (Valonsadero, Soria), *Boletín de la Asociación Española de Arte Rupestre*, 2, pp. 3-10, Barcelona.
- 1990. Pintura Rupestre Esquemática en Soria, significado e interpretación, en J. L. Argente Oliver (Coord.), *Arte Prehistórico de la Provincia de Soria*, Museo Numantino-Junta de Castilla y León, Soria, 1990, p. 59-78.
- 1992. *Grabados Rupestres Postpaleolíticos del Alto Duero*, Serie de Investigación, 1, Museo Numantino, Caja Salamanca y Soria-Junta de Castilla y León, Soria, 408 págs.
- 1993. *Arte Rupestre Prehistórico en la Meseta Castellano-Leonesa*, Junta de Castilla y León, Valladolid, 263 págs.
- 1997. Arte Rupestre en Castilla y León: catalogación, gestión y nuevas investigaciones, *Extremadura Arqueológica*, VII, p. 53-71, Cáceres-Mérida.
- 1997b. El problema de la autenticidad de los grabados de la cueva de Las Salinas, en San Esteban de Gormaz (Soria), *II Congreso de Arqueología Peninsular*, Zamora (1996), t. II, pp. 647-659.
- 1999. *La Cueva de Las Salinas de San Esteban de Gormaz. Documentación y estudio de sus grabados rupestres*, Ayuntamiento de San Esteban de Gormaz, Salamanca.
- 2000. Arte Rupestre Esquemático en la Meseta Castellano-Leonesa, *Actas do 3.º Congresso de Arqueología Peninsular*, vol. IV, pp. 503-523, Porto.
- 2001a. Las pinturas rupestres esquemáticas de La Cerrada de la Dehesa y de Los Callejones (Fuentetoba, Soria), *Quaderns de Prehistoria I Arqueologia de Castelló*, 22, pp. 73-87, Castellón.
- 2001b. *Ensayos sobre el Significado y la Interpretación de las Pinturas Rupestres de Valonsadero*, Excmo. Diputación Provincial, Soria, 295 págs.
- 2001c. *Pinturas Rupestres de Valonsadero y su entorno*, Caja Rural, Soria, 255 págs.
- 2004. El grabado como manifestación artística en la Prehistoria peninsular, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 1, Murcia, pp. 25-55.

- 2005. La pintura rupestre esquemática como acción social de los grupos agroganaderos en la meseta castellano-leonesa, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 2, Murcia, pp. 11-58.
- 2006. Grabados rupestres en el interior peninsular. Galería del Sílex, Cueva Maja y La Sala de la Fuente como paradigmas de investigación, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, Almería, mayo de 2004.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., FERNÁNDEZ MORENO, J. J. 1991. Dos nuevos abrigos con pinturas rupestres esquemáticas en El Cubillejo (Valonsadero, Soria). *Soria Arqueológica*, 1, pp. 103-120, Soria.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., ROJO GUERRA, M., GARCÍA DÍEZ, M. 2005. Las pinturas rupestres del Abrigo de Carlos Álvarez o Abrigo de la Dehesa (Miño de Medinaceli, Soria), *Zephyrus*, LVIII, pp. 223-244.
- GONÇALVES, M. E. (coord.) 2001. *O Caso de Foz Côa: Um Laboratório de Análise Sociopolítica*, Edições 70, Lisboa, 271 p.
- GONZALEZ CORDERO, A., ALVARADO GONZALO, M. 1992. Nuevas pinturas rupestres en Extremadura. Pintura naturalista en el entramado esquemático de Las Villuercas –Cáceres– *Revista de Arqueología*, 143, Madrid, 18-25.
- GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Las pinturas rupestres de Peña Mingubela (Ávila), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 43-62, Salamanca.
- GONZÁLEZ SAINZ, C. 1989. *El Magdalenense Superior. Final de la región cantábrica*. Tantín-Universidad de Cantabria. Santander.
- 1993. En torno a los paralelos entre el Arte Mobiliario y el Rupestre. *Veleia*, T. 10. Vitoria, pp. 39-56.
- 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En R. CACHO y N. GÁLVEZ, *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 123-144.
- 2005. Actividad gráfica magdaleniense en la región cantábrica. Datación y modificaciones iconográficas. En N. F. BICHO ed. *O Paleolítico. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. pp. 157-181.
- GONZÁLEZ SAINZ, C., SAN MIGUEL, C. 2001. *Las cuevas del Desfiladero. Arte rupestre paleolítico en el valle del río Carranza (Cantabria-Vizcaya)*. Santander.
- GONZALO, F. 1970. Arte rupestre en la provincia de Segovia. *Revista Ejército*, nº 370. pp. 5-9.
- GRANDE DEL BRÍO, R. 1978. Las pinturas rupestres del Risco de los Altares (Salamanca), *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 235-248.
- 1979. Las pinturas rupestres de la Sierra de las Quilamas (Salamanca), *Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano*, Cáceres, pp. 371-378.
- 1982. Descubrimiento de pinturas rupestres en la Sierra de la Culebra *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, pp. 145-148.
- 1987. *La pintura rupestre esquemática en el Centro-Oeste de España (Salamanca y Zamora)*. Ensayo de interpretación del arte esquemático, Diputación de Salamanca, Salamanca.
- 1997. *Eremitorios altomedievales en las provincias de Salamanca y Zamora. Los monjes solitarios*, Librería Cervantes, Salamanca.
- GRANDE DEL BRÍO, R., GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Hallazgo de pinturas rupestres en el valle de Lera (Salamanca), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 63-72.
- GRAZIOSI, P. 1964. L'Art paleolithique de la Province Méditerranéenne et ses influences dans les temps post-paleolithiques. *Prehistoric art of the western mediterranean and the sahara*. Viking Fund Publications in Anthropology, nº 39, pp. 35-46.
- GROUPE DE RÉFLEXION sur les méthodes d'étude de l'art pariétal paléolithique, 1993. *L'art pariétal paléolithique : Techniques et Méthodes d'Etude*. Comité des travaux Historiques et Scientifiques, Paris, Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche.
- GUERRA, A. M. R. 1998. *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (tese de dissertação de doutoramento).
- GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., MELIÀ, F. 2001. Hallazgo de grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de la provincia de Castellón: el Abric d'en Melià (Serra d'en Galceran). *Saguntum-PLAV*, 33: 133-140.
- GUIMARÃES, J. A. G. 1995. Arqueologia do Vale do Côa: a estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:4 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular: Actas 8, pp. 569-575.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GUSI, F. 1975. Un taller bajo abrigo en la 2.^a cavidad del Cingle de l'Ermita (Albocàsser). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*, 2: 39-63.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A., AVELLÓ ÁLVAREZ, J. L. 1986. *Las pinturas rupestres esquemáticas de Sésamo, Vega de Espinareda (León)*, Monografías del Centro de Investigación y Museo de Altamira, 12, Madrid.
- GUY, E. 1993. Enquête stylistique sur l'expression figurative épipaléolithique en France: de la forme au concept. *Paleo*, 5: 333-373.
- 1997. Enquête stylistique sur cinq composantes de la figuration Epipaléolithique en France. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94. 3, 309-313.
- 2002. Contribution de la Stylistique à l'Estimation Chronologique des Piquetages Paléolithiques de la vallée du Côa (Portugal) in SACCHI, D. (dir.), *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 octobre 1999)*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 65-72.
- HEIDEGGER, M. 1998. *El Ser y el Tiempo*, Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- HELSKOG, K. 1999. The Shore Connection. Cognitive Landscape and communication with Rock Carvings in Northernmost Europe, *Norwegian Archaeological Review*, vol. 32, n° 2, pp. 73-93
- HERNÁNDEZ PÉREZ, M. S. 2006. Artes esquemáticos en la Península Ibérica: el paradigma de la pintura esquemática, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 13-32.
- HERNÁNDEZ, M. S., FERRER, P., CATALÁ, E. 1988. *Arte rupestre en Alicante*. Alicante.
- HERNÁNDEZ PACHECO, E. 1919. *La caverna de la Peña de Candamo (Asturias)*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 24, Madrid, 281 pp.
- HESJEDAL, A. 1995. Rock art, time and social context, in K. Helskog e B. Olsen (eds.), *Perceiving Rock Art: Social and Political Perspectives*. Instituttet for sammenlignende Kulturforskning, Oslo, pp. 200-206.
- HOCKETT, B. S., BICHO, N. F. 2000. Small mammal hunting during the late upper paleolithic of central Portugal. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto: 415- 424.
- IACOLEVA, L., PINÇON, G. 1997. *La frise sculptée du Roc-aux-Sorciers*. CTHS, 168 pp.
- IBERO, J. M. 1923. El Paleolítico de Oña y sus alrededores. *Razón y Fé*, t. 67.
- INGOLD, T. 1993. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, vol. 25, n° 2, pp. 152-174.
- IN SITU 2005. *Estudo prévio de conservação das rochas gravadas do núcleo de arte rupestre da Penascosa - Parque Arqueológico do vale do Côa (PAVC)*. Relatório entregue pela In Situ, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- JIMÉNEZ GUIJARRO, J. 2001. El Parral (Segovia). Caracterización del epipaleolítico del interior peninsular. *Estudios de Prehistoria y Arqueología madrileñas*, 11:37-44.
- JIMENO MARTÍNEZ, A. 1985. Prehistoria, en J. A. Pérez Rioja (Coord.): *Historia de Soria*, vol. I, pp. 85-121, Soria.
- JORDA, F. 1955. Sobre la edad solutrense de algunas pinturas de la cueva de la Pileta. *Zephyrus*, VI: 131-143. Salamanca.
- 1964. El arte rupestre paleolítico en la región cantábrica: nueva secuencia cronológica cultural. En PERICOT, I. y RIPOLL, E. eds. *“Prehistoric Art of the Western Mediterranean and the Sahara”*. Wenner-Gren Foundation, New York. Barcelona. pp. 47-82.
- 1965. Sobre técnicas, temas y etapas del Arte Paleolítico de la Región Cantábrica. *Zephyrus*, XV. Salamanca. pp. 5-25.
- 1978a. Los estilos en el arte parietal del magdalense cantábrico. *Curso de Arte Rupestre Paleolítico*. Univ. Intern. Menéndez Pelayo, Santander. pp. 79-130.
- 1978b. El arte de los pueblos agricultores, ganaderos y metalúrgicos, en *Historia, I: La Antigüedad*, Ed. Alambra, pp. 144-148, Madrid.
- JORDA PARDO, J. F., GARCÍA, M. A., PÉREZ, C., SÁNCHEZ-MONGE, M., ESTRADA, R., BENITO, F., SÁNCHEZ, B. 1989. Investigaciones Prehistóricas en el Alto Valle del Jarama (Valdesotos, Guadalajara). *Revista de Arqueología*. n° 94, pp. 61-62.
- JORDA PARDO, J., PASTOR MUÑOZ, F., RIPOLL LÓPEZ, S. 1999. Arte rupestre paleolítico y postpaleolítico al aire libre en los Montes de Toledo occidentales (Toledo, Castilla-La Mancha): noticia preliminar. *Zephyrus*, 52. Salamanca: 281-296.
- JORGE, S. O. 1991. A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o IIIº - inícios do IIº milénio A. C., in V. O. JORGE and S. O. JORGE (eds), *Incursões na Pré-história*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, pp. 299-380.
- JORGE, V. O. 1983: Gravuras portuguesas. *Zephyrus*, XXXVI. Salamanca; pp. 53-61.

- 1987. Arte Rupestre en Portugal. *Revista de Arqueología*, nº 76, Agosto. pp. 10-19.
- JORGE, S. O. 1999. *Domesticar a Terra*. Trajectos Portugueses, Gradiva, Lisboa.
- JORGE, V. O. Ed. 1995. Dossier Côa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXXV-4*. Porto. pp. 311-896.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., SANTOS SILVA, M., LEITE DA CUNHA, A. 1988. O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – notícia preliminar, *Arqueologia*, 18, Porto, pp. 109-130.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., SANCHES, M. J. 1988b. A Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – Arte rupestre e ocupação Pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28 (1-2), SPAE, Porto, pp. 201-233.
- JORGE, S. O., JORGE, V. O., ALMEIDA, C. A. F. DE., SANCHES, M. J., SOEIRO, M. T. 1981. Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo da Espada a Cinta). *Arqueologia*, Porto, nº 3. pp. 3-12.
- 1982. Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo da Espada a Cinta (Portugal). *Zephyrus XXXIV-XXXV*. pp. 65-70.
- JORGE, V. O., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., RIBEIRO, J. P. 1981-82. Mazouco (Freixo-de-Espada à Cinta). *Nótula arqueológica. Portugalia, nova serie, II/III*. pp. 143-145.
- KNAPP, A. B., ASHMORE, W. 1999. *Archaeologies of Landscape. Contemporary Perspectives*. Blackwell Publishers, Oxford.
- LALANNE, G., BREUIL, H. 1911. L'Abri sculpté de Cap-Blanc à Laussel (Dordogne). *Rev. L'Anthropologie*, t. 22. pp. 385-402.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1962. *La signification de l'art rupestre paléolithique: Méthodes et applications*. Impr. Picard et Cie. París.
- LANHAS, F. 1969. As gravuras rupestres de Montedor. *Revista de Etnografia*, 13 (2), pp. 367-386.
- LARRÉN, H. 1986. *Informe preliminar sobre las pinturas rupestres del Risco de La Zorrera (Candelada, Ávila)*, Museo de Ávila-Delegación Territorial de Cultural.
- LAYTON, R. 1991. *The Anthropology of Art*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 2001. Ethnographic study and Symbolic Analysis, in Whitley, D. S. (ed.), *Handbook of Rock Art Research*, Altamira Press, Walnut Creek e Oxford, pp. 311-331.
- LEAL, A.S.A.B.P. 1886. s. v. Villa Nova de Foscoa. In *Portugal antigo e moderno*. 11. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, pp. 829-849.
- LEJEUNE, M. 1996. L'art pariétal de la grotte d'Escoural. M. Otte y C. da Silva : *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural, Portugal*. ERAUL, 65 :135-240.
- LEMONS, F. S. 1993. *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Tese de dissertação de doutoramento, Universidade de Braga.
- 1995. Dossier Côa I: O relatório de impacte patrimonial (1989), *Forum*, 15/16, Jan.-Jun. 1994, Universidade do Minho, Braga, p. 141-156.
- LEMONS, F. S., CRUZ, G. 2006. *Muralhas e guerreiros na Proto-histórica do Norte de Portugal e Beira Interior Norte*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- LEROI-GOURHAN, A. 1958a. La fonction des signes dans les sanctuaires paléolithiques. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 307-321.
- 1958b. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 384-398.
- 1958c. Répartition et groupement des animaux dans l'Art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 515-522.
- 1965. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 1.^a edición, Mazenod. París.
- 1968. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 55 (7-8), Paris, pp. 384-398.
- 1970. Résumé des cours 1969-70: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. París. pp. 367-376.
- 1971. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 2.^a edición aumentada, Mazenod. París.
- 1972. Considerations sur l'organisation spatiale des figures animales dans l'art pariétal paléolithique", *Santander Symposium – Actas del Symposium Internacional de Arte prehistórico*, Santander, UISPP, pp. 281-308.
- 1974. Résumé des cours 1973-74: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. París. pp. 381-388.
- 1981. Les signes pariétaux comme marqueurs ethniques. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979*. Ministerio de Cultura. Madrid, pp. 164-168.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- . 1984. Reflexiones Metodológicas en Torno al Arte Paleolítico”, *Simbolos, Artes y Creencias de la Prehistoria*, Madrid, Ediciones Istmo [Artes, Técnicas, Humanidades, 3], pp. 414-436.
- . 1992. *L’art parietal. Langage de la préhistoire*. Grenoble. Jérôme Millon.
- . 1995. *Préhistoire de l’Art Occidental*, Paris, Citadelles et Mazenod [primeira edição: 1965].
- LEWIS-WILLIAMS, J. D., DOWSON, T. A. 1988. Entoptic phenomena in Upper paleolithic art. *Current Anthropology*, 29. 2:201-245.
- . 1993. On vision and power in the Neolithic: evidence from decorated monuments. *Current Anthropology*, 34. 1:55-65.
- LOMBA, J., MARTÍNEZ, M., MONTES, R., SALMERON, J. 1995. *Historia de Cieza. Cieza prehistórica. De la depredación al mundo urbano*. Ed. Campobell. Volumen I. Murcia. 235 págs.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1943. Las insculturas de Outeiro da Cruz, *Boletín del Museo Arqueológico Provincial de Orense*, vol. I, pp. 95-101.
- . 1951. La clasificación tipológica del arte rupestre del Noroeste Hispánico y una hipótesis sobre la cronología de alguno de sus tipos, *Zephyrus*, vol. II, Salamanca, pp. 73-81
- LÓPEZ JIMÉNEZ, O. BENET, N. 2005. La edad del Hierro en el área Sudoccidental de la meseta Norte: Organización social, explotación y ocupación del territorio. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 95-116.
- LORBLANCHET M. 1995. *Les grottes ornées de la Préhistoire*. Nouveaux regards. Eds Errance, Paris, 1995.
- . 2002. De l’art des grottes à l’art de plein air au Paléolithique. *L’art paléolithique à l’air libre. Le paysage modifié par l’image*. Carcassonne: 97-112.
- LORBLANCHET, M., BAHN, P. 1993. *Rock art studies. The Post-Styletic era or were do we go from here?* Oxford Monographs. 35.
- LORENZO-RUZA, R. S. 1951. Petroglifos e labirintos, *Revista de Guimarães*, vol. 61 (3-4), Guimarães, pp. 378-393.
- LOUREIRO, L. F. 2006. O santuário rupestre do Penedo da Moura, *Al-madam. Adenda electrónica*, nº 14, IV, pp. 1-6, disponível em Maio de 2007, no site www.almadam.cidadevirtual.pt ou www.almadam.publ.pt.
- LUCAS PELLICIER, R. 1971. Pinturas rupestres del Solapo del Águila (Río Duratón, Segovia), *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 119-152, Madrid.
- . 1981. Aproximación al conocimiento de las estaciones rupestres y de la pintura esquemática en el Barranco de Duratón (Segovia), *Altamira Symposium*, pp. 505-526.
- LUÍS, L. 2000. Patrimoine archéologique et politique dans la vallée du Côa au Portugal, *Les Nouvelles de l’Archéologie*, 82: 4e trimestre, Paris, pp. 47-52.
- . 2005. Arte rupestre e ocupação humana no Vale do Côa: Balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 31-60.
- MACWHITE, E. 1951. *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*, Seminario de Historia Primitiva del Hombre, Madrid.
- MAESTRO GONZÁLEZ, A. 2004. *Estructura y evolución alpina de la Cuenca de Almazán (Cordillera Ibérica)*, Excma. Diputación Provincial de Soria, Col. “Temas Sorianos”, núm. 48, Soria, 410 págs.
- MAESTRO ZALDIVAR, E. M. 1989. *Cerámica ibérica decorada con figura humana*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza Monografías arqueológicas 31.
- MARCO SIMÓN, F. 2005. Religion and Religious Practices of the Ancient Celts of the Iberian Peninsula. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 287-345. [Disponível em http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_6].
- MARQUES, J. A. M. 1986. As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre no concelho de Monção. *Revista de Ciências Históricas*, vol. 1. Universidade Portucalense, Porto, pp. 11-29.
- MARTÍN, E. 1981. Arte rupestre paleolítico en la Meseta. *Memoria de Licenciatura inédita*, Valladolid.
- MARTÍN VALLS, R. 1983. Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 217-231, Salamanca.
- MARTÍN, E., MOURE, J. A. 1981. El grabado de estilo paleolítico de Domingo García (Segovia). *Trabajos de Prehistoria*. 38. pp. 97-108.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, nº 87, Julio. pp. 16-24.

- MARTÍN, E., ROJO, A., MORENO, M. A. 1986. Hábitat postmusteriense en Mucientes (Valladolid). *Numantia*, II. pp. 87-100.
- MARTÍNEZ GARCÍA, J. 1986-87. Un grabado paleolítico al aire libre en Piedras Blancas (Escullar, Almería). *Ars Praehistorica*, V- VI. pp. 49-58.
- 1987. Reproducción y estudio directo del arte rupestre en la vertiente meridional de la Sierra de los Filabres. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1987, T. II. Sevilla. pp. 395-397.
- 1992. Arte Paleolítico en Almería. Los primeros documentos. *Revista de Arqueología*, nº 130. pp. 24-33.
- 1995. Grabados prehistóricos, grabados históricos: reflexiones sobre un debate a superar, *Revista de Arqueología*, 172, pp. 14-23, Madrid.
- 1998. Abrigos y accidentes geográficos como categorías de análisis en el paisaje de la pintura rupestre esquemática. El sudeste como marco, *Arqueología Espacial* 19-20, pp. 543-561, Teruel.
- 2002. Pintura rupestre esquemática: el panel, espacio social”, *Trabajos de Prehistoria* 59-1, pp. 65-87, Madrid.
- 2003. Arte rupestre levantino: la complejidad de una confluencia espacio-temporal con el arte macroesquemático y esquemático en el proceso de “neolitización. *III Congreso Neolítico de la Península Ibérica*. 2003, Santander.
- 2005. Compartir el tiempo y el espacio: pinturas rupestres postpaleolíticas del levante peninsular. En *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*. Ed. Generalitat Valenciana. 179-193. Valencia.
- MARTÍNEZ, M. I., COLLADO, H. 1997. Arte rupestre en la provincia de Badajoz. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 151-173.
- MARTÍNEZ SANCHEZ, C., NICOLÁS DEL TORO, M., GARCÍA BLÁNQUEZ, L. A., PONCE GARCÍA, J. 2006, Figuras esquemáticas pintadas procedentes de una sepultura de finales del III milenio en Lorca (Murcia), in J. Martínez García e M. S. Hernández Pérez (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 513-520.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM CALATAYUD, P. M. 2005. Arte rupestre de l'Alt Maestrat; las cuencas de la Valltorta y de la Rambla Carbonera. En M. S. Hernández Pérez y J. A. Soler Díaz (Eds.) *Arte rupestre en la España mediterránea: actas del Congreso Alicante (25-28 de octubre de 2004)*: 71-88. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”, Caja de Ahorros del Mediterráneo.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM, P. M., CUEVAS, R. (e. p.). Arte rupestre y poblamiento prehistórico en el territorio de Valltorta-Gassulla. *IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. 27 al 30 de Noviembre 2006. Alicante.
- MARTÍNEZ VALLE, R., CALATAYUD, P. G., VILLAVERDE, V. 2003. Las figuras grabadas de estilo paleolítico del Abric D'en Meliá (Castelló). En: R. de Balbín y P. Bueno eds: *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. pp. 279-290.
- MARTÍNEZ VALLE, R., VILLAVERDE, V. 2002 *La cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Museu de la Valltorta.
- MARTINS, A. 2006. Gravuras rupestres do Noroeste peninsular: a Chã da Rapada, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, nº 1, Lisboa, pp. 47-70.
- MARTINS, C. M. B. 2006. *Proto-história e romanização no monte da Sra. do Castelo (Urros, Torre de Moncorvo*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- MARTZLUFF, M., JOUY-AVANTIN, F., FABRE, B., BLAIZE. 2005. Nouvelles gravures rupestres au Pla de Vall en So (Conflent, P-O). *Roches ornées, roches dressées: colloque en homage à Jean Abélanet*. Perpignan, 24-25 Mai 2001, A. A. P-O, Presses Universitaires, Perpignan. pp. 171-184.
- MAS CORNELLÀ, M. 1986-1987. Los grabados de la cueva del Arco (Conjunto rupestre del Tajo de las Figuras) y el abrigo del Tajo de Albarianes (Medina Sidonia, Cádiz). *Ars Praehistorica*, V-VI: 247-252. Vic.
- 1991. Documentación e investigación de las manifestaciones artísticas de las Cuevas de las Palomas. Abrigos de Bacinete y conjunto rupestre del Tajo de las Figuras (Cádiz). *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1991, II: 99-104. Sevilla.
- MAS, M. et alii. 1997. Arte rupestre en Andalucía. Nuevas investigaciones. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 33-51.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S. 2002. Technologie et thématique de l'art rupestre paléolithique sous abris rocheux dans le sud de la péninsule ibérique (Andalousie-Espagne) . *L'art paléolithique à l'air libre*, le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 87-94. Tautavel.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S., MARTOS ROMERO, J. A., PANIAGUA PÉREZ, J. P., LÓPEZ MORENO DE

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- REDROJO, J. R., BERGMANN, L. 1995. Estudio preliminar de los grabados rupestres de la Cueva del Moro (Tarifa, Cádiz) y el arte paleolítico del Campo de Gibraltar. *Trabajos de Prehistoria*. Vol. 52, nº 2: 61-81. Madrid.
- MAS, M., RIPOLL, S., BERGMANN, L., PANIAGUA, J. P., LÓPEZ, J. R., MARTOS, J. A. 1996. La Cueva del Moro. El arte paleolítico más meridional de Europa. *Revista de Arqueología*, 177: 14-21.
- MATEO, M. A. 2002. La llamada fase pre-levantina y la cronología del arte rupestre levantino. Una revisión crítica. *Trabajos de Prehistoria*, 59 nº 1, pp. 49-64.
- 2003. *Arte rupestre prehistórico en Albacete. La cuenca del río Zumeta*. Estudios, nº 147. Instituto de Estudios Albacetenses Don Juan Manuel. Diputación Provincial de Albacete, 236 págs.
- MATEU BELLÉS, J. F. 1982. *El norte del País Valenciano. Geomorfología litoral y prelitoral*. Universitat de Valencia.
- MEIRELES, J. 1997. Quaternário do Vale do Côa in ZILHÃO (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, pp. 41-54.
- MEIRELES, J. ALMEIDA, F. 1998. Geologia. In ZILHÃO, J., ed. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 41-73.
- MENÉNDEZ, M. 2003. Arte prehistórico y territorialidad en la cuenca del río Sella. En: R. de Balbín y P. Bueno Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 185-200.
- MERCIER N., VALLADAS H., AUBRY, T., ZILHÃO J., JORONS, J. L., REYSS J. L., SELLAMI, F. e. p. Fariseu: first confirmed open-air paleolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*.
- MERCIER N., VALLADAS H., FROGET L., JORONS, J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la vallée du Côa. *Actes du Colloque: "Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique"*, Vila Nova de Foz Côa, 22-24/10/1998, pp. 275-280.
- MITHEN, S. 1998. *Arqueología de la mente*. Barcelona.
- MOLINEAUX, B. L. 1997. Introduction. The Cultural life of images, in B. L. Molineaux (ed.), *The Cultural life of Images. Visual representation in Archaeology*, Routledge, London/New York, pp. 1-10.
- MONTANO, C., IGLESIAS, M. 1988. *Grabados rupestres de Alcántara*. Excmo. Ayuntamiento de Alcántara. Cáceres.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. 2002. Estação pré-histórica do Prazo-Freixo de Numão. *Coavisao: Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Coa, 4: pp. 113-126.
- MONTEIRO-RODRIGUES S., ANGELUCCI D. 2004. New data on the stratigraphy and chronology of the prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, nº 1, pp. 39-60.
- MONTES BERNÁRDEZ, R., SALMERON JUAN, J. 1998. *Arte Rupestre Prehistórico en Murcia*, Murcia.
- MORENO, M. 1996. La mesa de los Infantes en la Sierra del Almuerzo, *Diario de Soria*, martes 30 de julio, p. 11.
- MORPHY, H. 1991. *Ancestral Connections*, Chicago University Press, Chicago.
- 1994. The Anthropology of Art, in T. Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Routledge, London/New York, pp. 648-685.
- 1998. *Aboriginal Art*, Phaidon, London/New York.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C. 2000. Cronología del arte paleolítico cantábrico: últimas aportaciones estado actual de la cuestión. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto:461-473.
- MOURE ROMANILLO, A., GONZÁLEZ SAINZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F., CABRERA VALDÉS, V. 1996. Dataciones Absolutas de Pigmentos en Cuevas Cantábricas: Altamira, El Castillo, Chimeneas y Las Monedas" in MOURE ROMANILLO (ed.), "El Hombre Fósil" 80 Años Después. *Homenaje a Hugo Obermaier*, Santander, Universidad de Cantabria, Fundación Marcelino Botín e Institute for Prehistoric Investigations, pp. 295-324.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C., GONZÁLEZ MORALES, M. R. 1987. La cueva de La Haza (Ramales, Cantabria) y sus pinturas rupestres. *Veleia*, 4. Vitoria. pp. 67-92.
- MOURE, A., LÓPEZ, P. 1979. Los niveles preneolíticos del abrigo del Verdelpino (Cuenca). *XV Congreso Nacional de Arqueología*; pp. 11-124.
- MUÑOZ IBÁÑEZ, F. J., RIPOLL LÓPEZ, S., BALDELLOU MARTÍNEZ, V., AUSO, P. 2001. La Fuente del Trucho. *Bolskan* nº 18, 2001, pp. 211-224
- MURILLO, M. 1977. Hallazgos arqueológicos en Aldeacentenera. *Rev. Alcántara*, nº 188, pp. 46-48.
- NEIRA CAMPOS, A., FUERTES PRIETO, N., ERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F. 2006. Paleolítico Superior y Epipaleolítico de la provincia de León. En G. Delibes y F. Díez (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española. Studia Archaeologica*. nº 54; pp. 113-148.

- NOVA CONSERVAÇÃO 2004. *Análise e projecto de conservação da rocha nº 1 (com gravuras) e de uma rocha-tipo no núcleo da Ribeira de Piscos*. Relatório entregue pela Nova Conservação, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. e COSTAS GOBERNA, F. J. 2004. La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño, *Boletín del Instituto de Estudios Vigueiros*, ano X, nº 10, Vigo, pp. 177-204.
- NOVOA ÁLVAREZ, P., Sanromán Veiga, J. 1999. Nuevos aportes al arte rupestre de Portugal, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europeia*, Vigo (texto da comunicação policopiado).
- NUÑEZ SOBRINO, A. 2000. Estudio preliminar, in R. SOBRINO BUHIGAS. 1935 [2000] *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*, Fac Similae, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 13-67.
- OBERMAIER, H. 1916. El Hombre Fósil. *Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas*, nº 9. Madrid.
- 1923. Impresiones de un viaje prehistorico por Galicia, *Separata del Boletim de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, tomo VII, nº 148-149, Ourense, pp. 1-21.
- 1925. Die Bronzezeitlichen Felsgravierungen von Norwestspanien (Galicien), *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, 1. Berlin: 51-59.
- ODDY, A., CARROLL, S. eds. 1999 - *Reversibility – Does It Exist?* London: British Museum.
- OLARIA PUYOLES, C. 1988. *Cova Fosca. Un asentamiento meso-neolítico de cazadores y pastores en la serranía del Alto Maestrazgo*. Monografies de Prehistòria i Arqueologia Castellonenques, 3. Castellón.
- 1999. *Cova Matutano*. (Villafamés, Castellón). Monografías de Prehistoria i Arqueología Castellonenses, 5.
- OLÀRIA, C., GUSI, F., DÍAZ, M. 1990. El asentamiento neolítico del Cingle del Mas Nou (Ares del Maestre, Castellón). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*, 13, 1987-88: 95-170.
- ORTEGO FÍAS, T. 1951. Las estaciones de arte rupestre en el Monte Valonsadero de Soria, *Celtiberia*, 2, pp. 275-305, Soria.
- 1956. Los grabados prehistóricos de la Cueva de Santa Cruz, en el término de Conquezueta (Soria), *Libro Homenaje al Conde de la Vega del Sella*, Oviedo, pp. 219-229.
- 1960. Excavaciones arqueológicas en la provincia de Soria, *Caesaraugusta*, 15-16, pp. 107-132, Zaragoza.
- PARAFITA, A. 2003. O paradoxo do Vale do Côa, *Tribuna Douro*, 2, Junho 2003, Régua, p. 37.
- PAZ PERALTA, J. A. 2000. Consideraciones en la identificación de los grabados rupestres históricos-medievales en Aragón (siglos XI-inicios del XIII), *Bara*, 3, pp. 141-162, Zaragoza.
- PEÑA SANTOS, A. DE LA. 1998. Para una aproximación historiográfica a los grabados rupestres galaicos, in F. J. Costas Goberna e J. M. Hidalgo Cuñarro (eds.), *Reflexiones sobre el arte rupestre prehistórico de Galicia*, Asociación Arqueológica Vigueira, Serie Arqueología Divulgativa, nº 4, Vigo, pp. 7-37.
- 2003. Un acercamiento historiográfico a los grabados rupestres galaicos, in R. de BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 351-390.
- 2005. Arte rupestre en Galicia, in J. M. Hidalgo Cuñarro (ed.), *Arte rupestre Pré-histórica do Eixo Atlântico*, Eixo Atlântico, pp. 3-82.
- PEÑA, A. DE LA, REY, J. M. 1993. El espacio de la representación. El arte rupestre gallego desde una perspectiva territorial. *Pontevedra. Revista de Estudios Provinciais*, 10:11-50.
- 1997a. Arte parietal megalítico y grupo galaico de arte rupestre: una revision crítica de sus encuentros y desencuentros en la bibliografía arqueológica, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 299-300.
- 1997b. Sobre las posibles relaciones entre el arte parietal megalítico y los grabados rupestres galaicos, in A. A. RODRÍGUEZ CASAL (ed) *O Neolítico Atlántico e as orixes do megalitismo*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, pp. 829-838.
- 1998. Perspectivas actuales de la investigación del arte rupestre Galaico, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 221-242.
- 2001. *Petroglifos de Galicia*. Ed. Viá Láctea.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- PEÑA SANTOS, A. DE LA, VÁZQUEZ VARELA, J. M. 1979. *Los Petroglifos Gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia*. Cuadernos del Seminario de estudios Cerámicos de Sargadelos 30, Edicions do Castro, A Coruña.
- PERESTRELO, M. S. G. 2003. *A Romanização na bacia do rio Côa*. [s. l.]: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- 2005. O Castelo dos Mouros de Cidadelhe e a Idade do Ferro no Médio Côa. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 67-92.
- PERESTRELO, M. S., SANTOS, A. T. OSÓRIO, M. 2003. Estruturas em fossa no sítio do Picoto (Guarda, Portugal). In *Pré-Actas do "Encuentro de Jóvenes investigadores sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica" Salamanca, 20 a 22 de Octubre de 2003*. Salamanca: Cátedra Condes de Barcelona Fundación Duques de Soria, pp. 156-176.
- PERICOT GARCÍA, L. 1942. *La cueva del Parpalló (Gandía)*. Excavaciones del Servicio de Investigación Prehistórica de la Excm. Diputación Provincial de Valencia. Instituto Diego Velázquez, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 349 págs., Madrid.
- PETERSON, R., MOUNTFORT, G., HOLLOM, P., GEROUDET, P. 1981. *Guides oiseaux d'Europe*. Delachaux et Niestlé. 451 pp.
- PHILLIPS, F. M., MONTGOMERY, F., ELMORE, D., SHARMA, P. 1997. Maximum Ages of the Côa Valley (Portugal) Engravings Measured with Chlorine-36. *Antiquity*. Cambridge. 71, pp. 100-104.
- PIETTE, E. 1907. *L'art pendant l'age du renne*. Masson, Paris, 11 pp.
- PIGEAUD, R. 2004. La Grotte Ornée Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne), *Gallia Préhistoire*, 46, Paris, CNRS Éditions, pp. 1-154.
- PIGEAUD, R., VALLADAS, H., ARNOLD, M., CACHIER H. 2003. Deux datations carbone 14 en spectrométrie de masse par accélérateur (SMA9 pour une représentation pariétale de la grotte Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne): émergence d'un art gravettien en France septentrionale? *C. R. Palevol* 2 (2003), pp. 161-168.
- PINA CABRAL, J. de 1987. Paved roads and enchanted moorlands: the perception of the past amongst the peasant population of the Alto Minho, *Man*, 22, pp. 715-735.
- 1991. *Os contextos da Antropologia*, Memória e Sociedade, Difel.
- PINTO, R., 1929. Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, ano IX, nº 62, pp. 19-26.
- PIÑÓN VARELA, F. 1982. *Las pinturas rupestres de Albarraçín (Teruel)*. Centro de Investigación y Museo de Altamira. Monografía nº 6: 241 págs. Santander.
- PIÑÓN, F., BUENO, P., PEREIRA, J. 1984. La estación de arte rupestre esquemático de la Zorrera (Mora) *Anales Toledanos*, XIX. Toledo; pp. 11-36.
- PYE, E. 2001. *Caring for the past. Issues in conservation for archaeology and museums*. London. James&James.
- QUEIROGA, F. M. V. R. 1999. Breia, EIA IC/28 (Viana do Castelo, Estorãos) Relatório dos Trabalhos Arqueológicos, IPA (súmula dos resultados disponível, em Maio de 2007, na base de dados do IPA – Endovélico – no site www.ipa.min-cultura.pt).
- RAPHAEL, M. 1945. *Prehistoric Cave Paintings*, New York, Pantheon Books [The Bollingen Series, IV].
- RASILLA, M. DE LA, HOYOS, M. CAÑAVÉRAS, JIMÉNEZ, J. C. 1996. El abrigo de Verdelpino (Cuenca). Revisión de su evolución sedimentaria y arqueológica. *Complutum Extra* 6 "Homenaje al Dr. Fernández Miranda", Vol. 1:75-82.
- REBANDA, N. 1995a. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa. *Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico*. Lisboa.
- 1995b. Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre, *Boletim da Universidade do Porto*, 25, Junho, Porto, pp. 11-16.
- REYNOSO, C. 2000. Interpretando a Clifford Geertz, in C. Geertz, *La interpretación de las culturas*, Editorial Gedisa, Barcelona, pp. 9-12.
- RIBEIRO, M. L. 2001. *Notícia explicativa da carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RIBEIRO, O. 1987. *A formação de Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Coleção Identidade série Cultura Portuguesa.
- RIBEIRO, A. T., ALVES, L. B., BETTENCOURT, A., MENEZES, R. T. (En prensa): Space of memory and representation: Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northwestern Portugal), in A. BETTENCOURT e L. B. ALVES (eds.) *Places, Memory and Identity in the European Bronze Age*, Lisbon.

- RICOEUR, P. 2000. *Teoria da interpretação*, Lisboa, Edições 70.
- RINCÓN VILA, R. 1993. El abrigo de La Calderota, Olleros de Paredes Rubia, Palencia. Avance al estudio de los esquematismos rupestres en la Cantabria Antigua y las montañas de Palencia y Burgos, *Institución Tello Téllez de Meneses*, 64, p. 37-179, Palencia.
- RIPOLL PERELLÓ, E. 1961-62. La cronología relativa del santuario de la Cueva de la Pileta y el arte solutrense. *Homenaje al Prof. C. de Mergelina*. 739-751. Murcia.
- 1965. Una pintura de tipo Paleolítico en La Sierra del Montsiá (Tarragona) y su posible relación con los orígenes del arte levantino. *Miscelánea en Homenaje al abate Henri Breuil*, t. II. Barcelona, 297-305.
- 1981. Los grabados rupestres del Puntal del Tío Garrillas (término de Pozondón, Teruel), *Teruel*, 66, pp. 147-155.
- 1997. Historia de la investigación del arte rupestre en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 13-21.
- RIPOLL, S., COLLADO, H. 1997. La Mina de Ibor (Cáceres): Nueva estación con arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Revista de Arqueología (Madrid)* núm. 196, Agosto de 1997, pp. 24-29.
- RIPOLL, S., CACHO, C., MUNICIO, L. 1997. El Paleolítico Superior en la Meseta. *Espacio, tiempo y forma. Serie I, Prehistoria y arqueología*, n° 10, 1997, pp. 55-88.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M. 1999. La grotte d'Atlanterra (Cádiz, Espagne). *International Newsletter on Rock Art*, 23: 3-5. Foix.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., MUÑOZ, J. F. 2002. Dix années de recherches sur l'art rupestre paléolithique dans la péninsule ibérique. *L'art paléolithique à l'air libre, le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 159-174. Tautavel.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., TORRA COLELL, G. 1991. Grabados paleolíticos en la Cueva del tajo de las Figuras (Benalup, Cádiz). *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I: Prehistoria y Arqueología*, 4:111-126. UNED. Madrid.
- RIPOLL, S., MUNICIO, L. 1992. Las representaciones de estilo paleolítico en el conjunto de Domingo García (Segovia). *Espacio, Tiempo y Forma (UNED), Serie I, Prehistoria y Arqueología*, t. V. pp. 107-138.
- 1999. Dirs. *Domingo García. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la meseta castellana*. Monografías de la Junta de Castilla y León, n° 8.
- RIPOLL, S., MUNICIO L., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., LÓPEZ, J. R. 1994. Un conjunto excepcional de Arte Paleolítico: El Cerro de San Isidro en Domingo García (Segovia). *Nuevos descubrimientos. Rev. De Arqueología*, n° 157, mayo 1994. Madrid. pp. 12-21.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J. 2003. El arte mueble del yacimiento de la Peña de Estebanvela. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. 2003. pp. 263-278.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., MUÑIZ, M., CALLEJA, F., MARTOS, J. A., LÓPEZ, R. y AMAYA, C. 1994. Arte rupestre paleolítico en el yacimiento solutrense de la Cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería). *Trabajos de Prehistoria*, 51, 2. pp. 21-39.
- RIPOLL LÓPEZ, S., RIPOLL PERELLÓ, E., COLLADO GIRALDO, H. 1997. Avance al estudio de la Cueva de Maltravieso (Cáceres). El arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 95-117.
- 1999. *Maltravieso, el santuario extremeño de las manos*. Memorias 1, Museo de Cáceres, 168 págs.
- ROCHETTE CORDEIRO, A. M., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do Vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cadernos de Geografia*, n° 15, 1996, Coimbra F.L.U.C., pp. 11-33.
- RODRIGUES, J. D. 1999. *Conservação da Arte Rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Relatório 241/99 – Gero, LNEC. Trabalho realizado para o Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, R. M. y SÁNCHEZ SÁNCHEZ, X. M. 2000. Los grabados rupestres de época medieval. Una aproximación teórica, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo.
- ROMERO CARNICERO, F. 1991. *Los Castros de la Edad del Hierro en el Norte de la provincia de Soria*, Studia Archaeologica, 80, Valladolid.
- ROSSELLÓ, V. M. 1995. *Geografia del País Valencià*. Edicions Alfons el Magnànim. Institució Valenciana d'Estudis i Investigació. Generalitat Valenciana. Diputació de València. València.
- ROUSSOT, A. 1990. Art mobilier et parietal du Périgord et de la Gironde. Comparaisons stylistiques., *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international d'art mobilier paléolithique*, Paris, t. 1:189-205.
- ROYO GUILLÉN, J. I. 1986-1987. El abrigo con grabados rupestres de Val Mayor, Mequinenza (Zaragoza), *Bajo Aragón. Prehistoria*, VII-VIII, pp. 179-190.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- 1999. Las manifestaciones ibéricas del arte rupestre en Aragón y su contexto arqueológico: una propuesta metodológica. *Bolskan*, nº 16, pp. 193-230.
- 2004. *Arte rupestre de época ibérica. Grabados con representaciones ecuestres*. Serie de Prehistòria i Arqueologia. Servei d'Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques. Diputació de Castelló, 176 págs.
- ROUSSOT, A. 1984. Abri du Poisson. En *“L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises”*. Ministère de la Culture. París. pp. 154-156.
- 1990. Art mobilier et art pariétal du Périgord et de la Gironde: comparaison stylistique. In: Actes des colloques de la Direction du Patrimoine, *L'art des objets au Paléolithique*, Tome 1: L'art mobilier et son contexte, Foix – Le Mas d'Azil, novembre 1987, pp. 189-205.
- RUBIO ANDRADA, M. 1991. *La pintura rupestre en el parque natural de Monfragüe (Cáceres)*. Trujillo, 105 págs., 76 figs. y 1 mapa.
- RUBIO, M., PASTOR, V. 1999. El grabado del Cándalo, Garciaz (Cáceres). *Zephyrus*, vol. LII, pp. 303-318.
- RUST, A. 1943. *Die alt und mittelsteinzeitlichen Funde von Stellmoor*. Neumünster. Karl Wachholtz.
- SACCHI, D. 1984. *L'art paléolithique de la France méditerranéenne*. Musée des Beaux-Arts de Carcassonne: 52 p., 84 fig. (préface de A. Leroi-Gourhan).
- 1987. L'art paléolithique des Pyrénées roussillonnaises. En J. Abelanet et Alii. Eds. *Etudes roussillonnaises offertes à Pierre Ponsich*. Perpignan. pp. 47-52.
- 1988a. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées-Orientales, France. Etude préliminaire, *actes du 1er congrès international d'art rupestre*, 1985, *Bajo Aragon Prehistorica VII-VIII*, 1986-1987: 279-293.
- 1988b. Un témoin de l'art paléolithique de plein air en Roussillon : le rocher gravé de Fornols-Haut, *actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986: 37-42.
- 1993a. Les critères d'authenticité et de datation de l'art pariétal paléolithique. En *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 311-314.
- 1993b. Les suidés. En: *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 161-163.
- 1993c. Les Caprinés, Antilopinés, Rupicaprinés. En: *L'art pariétal paléolithique. Techniques et méthodes d'études*. CTHS, pp. 123-136.
- 1995. Brèves remarques à propos du site d'art rupestre de Foz Côa (Portugal), de son importance et de son devenir. En V. O. JORGE Ed. *Dossier Côa*. pp. 519-522.
- 2002a. Propos liminaire. In: *Actes du Colloque L'art Paléolithique à l'air libre: le Paysage modifié par l'image*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 7-11.
- 2002 b. *L'art Paléolithique à l'air libre : le Paysage modifié par l'image*. Actes du Colloque de Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999, Gaep & Geopre, Carcassonne. 245 pp.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L. 1987. Le rocher gravé de Fornols-Haut. *Archéologia* 225. pp. 52-57.
- 1988. Un témoin d'art paléolithique de plein air en Roussillon: le rocher gravé de Fornols-Haut. *Actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986, pp. 37-42.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L., MASSIAC, Y, RUBIELLA, C. VILETTE, P. 1988. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées Orientales, France. Etude préliminaire. *I Congreso Internacional de Arte Rupestre. Bajo Aragón Prehistoria VII/VIII (1986/87)*. pp. 279-293.
- 1988b. Les gravures rupestres de Fornols-Haut, Pyrénées-Orientales. *Rev. L'Anthropologie*. T. 92, 1. París. p. 100.
- SAINT-MATHURIN, S. 1984. L'Abri du Roc-aux-Sorciers. En: *L'Art des cavernes. Atlas des grottes ornées françaises*. Ministère de la Culture, pp. 583-587.
- SAINT-PERIER, R. 1936. *La grotte d'Isturitz, II. Le Magdalénien de la Grande Salle*. Archives de l'IPH, 17. Masson, Paris, 139 pp.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J. 1996. El Arte Rupestre Paleolítico. En J. Lomba, M. Martínez, R. MONTÉS & J. SALMERÓN: *Historia de Cieza*, Vol. I. Cieza Prehistórica. De la depredación al mundo urbano: 71-89.
- SALMERÓN, J., LOMBA MAURANDI, J., CANO GOMARIZ, M. 1999 a. El arte rupestre paleolítico de Cieza. Primeros hallazgos en la región de Murcia. Resultados de la 1ª Campaña de prospecciones Losares-Almadenes 93. *Memorias de Arqueología* 1993, 8, pp. 94-111.
- 1999b. Las pinturas rupestres de El Paso, Los Rumíes y El Laberinto (Cieza, Murcia). *Actas del*

- XXIV Congreso Nacional de Arqueología, Cartagena 1997, vol. I, pp. 197-208.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J., CANO, M., GRUPO LOS ALMADENES. 1997. Avance al estudio del arte rupestre paleolítico en Murcia: Las Cuevas de Jorge, Las Cabras y el Arco (Cieza, Murcia). XXIII Congreso Nacional de Arqueología. 201-216. Elche, 1995. Zaragoza.
- SAN ROMÁN FERNÁNDEZ, F. 2006. Librán y San Pedro Mallo: Nuevas estaciones de Arte Rupestre Esquemático en la provincia de León”, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de los Vélez*, Almería, 5-7 de mayo de 2004.
- SANCHES, M. J. 1996 a. *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*, série Monografias y Estudios, Fundación Rey Afonso Henriques, Zamora
- 1996b. Passos/Santa Comba Mountain in the context of the late prehistory of northern Portugal, *World Archaeology*, vol. 28(2), pp. 220-230
- 1997. *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols., SPAE, Porto
- 2001. Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in Late Prehistory, *Archeos*, 12, IPT, Tomar, pp. 65-105.
- SANCHES, M. J., MOTA SANTOS, P., BRADLEY, R., FÁBREGAS VALCARCE, R. 1998. Land marks – a new approach to the rock art of Trás-os-Montes, northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 0, Porto, pp. 85-104.
- SÁNCHEZ MORENO, E. 2005. La guerra como estrategia de interacción social en la Hispania prerromana: Viriato, jefe redistributivo [Em linha]. In *Universidad Autónoma de Madrid: Área de Historia Antigua*. [citado em 26 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/antigua/piberica/viriato/viriato1.htm>>.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L. 1981. *Cueva Navarro (Cala del Moral, Málaga)*. Corpus Artis Rupestris, I. Paleolithica. Vol. I. Salamanca.
- 1982. La cueva del Morrón (Jimena, Jaén). *Zephyrus*, XXXIV-XXXV: 5-12. Salamanca.
- 1984-85. Algunas bases para el estudio de los actos funerarios eneolíticos: Sima de Curra (Carratraca, Málaga), *Zephyrus*, XXXVII-XXXVIII, Salamanca, pp. 227-248.
- 1986. Arte prehistórico en la cueva de Nerja. En *Trabajos sobre la cueva de Nerja, I. La Prehistoria de la Cueva de Nerja (Málaga)*. 283-330. Málaga.
- 1987. Arte rupestre en Andalucía. En *Arte Rupestre en España. Revista de Arqueología* (Monografía) 96-105. Madrid.
- 1997. Propuesta de la secuencia figurativa en la Cueva de la Pileta. *El món mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)* (Fullola, J. M. et Soler, N. eds.). Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, Serie Monogràfica, 17: 411-433.
- 2000. Panorama Actual del Arte Paleolítico en Andalucía, *Paleolítico da Península Ibérica*, Porto, ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. II], pp. 541-554.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L., MAS CORNELLÁ, M. 1993. Discusiones en torno al considerado arte paleolítico del Campo de Gibraltar (Cádiz) . *II Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar*. Ceuta, Noviembre de 1990. UNED. Madrid.
- SANTIAGO VILCHES, J. M. 1982. La cueva de las Palomas en el arte paleolítico del sur de España. *Boletín del Museo de Cádiz* II: 5-11, 1979-1980. Diputación Provincial de Cádiz. Cádiz.
- SANTOS, A. T. 2003. *Uma Abordagem Hermenêutica – Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta. O caso do Fial (Tondela, Viseu)* [Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Porto.
- En prensa. A Fenomenologia da Pré-história e a Arte Rupestre ou “Como o martelo só se revela no acto de martelar, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*.
- SANTOS ESTÉVEZ, M. 1998. Los espacios del arte: el diseño del panel y la articulación del paisaje en el arte rupestre gallego, *Trabajos de Prehistoria*, 55, nº2, Madrid, pp. 73-88.
- 2005. Sobre a cronologia del arte rupestre atlântico en Galicia, *Archaeoweb*, 7 (2) Setembro/Dezembro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>
- 2006. Respuesta a la réplica firmada por F. J. Costas Goberna, R. Fábregas Valcarce, J. Guitián Castromil, X. Guitián Rivera y A. de la Peña Santos aparecida en el foro con fecha 23/01/2006, *Archaeoweb*, 8(1) Abril, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>

BIBLIOGRAFIA GENERAL

- SANTOS ESTÉVEZ, M., GARCÍA QUINTELA, M. V., PARCERO UBIÑA, C. 2007. Un programa de investigación para el arte rupestre en Galicia, *Archaeoweb*, 8 (2), Janeiro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/arqueoweb>
- SANTOS JÚNIOR, J. R. 1933. O abrigo pré-histórico da «Pala Pinta», *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (1), Porto, pp. 33-43.
- 1934. As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (3), Porto, pp. 185-222.
- 1940. Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, pp. 327-376.
- SANZ PÉREZ, E. 2001. *Las montañas de Urbión, Cebollera y Cabrejas. Geomorfología y patrimonio geológico*, Excm. Diputación Provincial de Soria, Col. “Temas Sorianos”, núm. 43, Soria, 244 págs.
- SAUVET, G. 1988. La Communication Graphique Paléolithique (De l’analyse quantitative d’un corpus de données à son interprétation sémiologique), *L’Anthropologie (Paris)*, 92 (1), Paris, pp. 3-16.
- SARMENTO, M. 1933 [1878]. Sinaes gravados em rochas. *Dispersos*, pp. 161-162.
- SAUVET, G., SAUVET, S. 1979. Fonction sémiologique de l’art pariétal animalier franco-cantabrique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 76 (10-12), Paris, pp. 340-354.
- 1983. *Los Grabados Rupestres Prehistoricos de la Cueva de La Griega (Pedraza, Segovia)*, Salamanca, Departamento de Prehistoria y Arqueologia da Universidad de Salamanca [*Corpus Artis Rupestris I. Palaeolithica Ars*, 2].
- SAUVET, G., SAUVET, S., WLODARCZYK, A. 1977. Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l’homme), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74 (2), Paris, pp. 545-558.
- SAUVET, G., WLODARCZYK, A. 1995. Éléments d’une Grammaire Formelle de l’Art Pariétal Paléolithique, *L’Anthropologie (Paris)*, 99 (2-3), Paris, pp. 193-211.
- SCARRE, C. 2002. Contexts of monumentalism: regional diversity at the Neolithic transition in north-west France, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 21, n° 1, Oxford, pp. 23-61.
- SEGURA, F. S. 1990. *Las ramblas valencianas. Algunos aspectos de hidrología, geomorfología y sedimentología*. Universitat de València.
- SELLAMI, F., N. TEYSSANDIERT & M. TAHA. 2001. Dynamique du sol et fossilisation des ensembles archéologiques sur les sites de plein air. Données expérimentales sur l’organisation des micro-artefacts et les traits pédo-sédimentaires, in L. BOURGUIGNON, I. ORTEGA and M.-C. FRÈRE-SAUTOT (eds.), *Préhistoire et approche expérimentale*: 313-324. Montagnac: Editions M. Mergoil.
- SEVILLANO, M. C. 1976a. Grabados rupestre de carros y ruedas en Vegas de Coria (Cáceres). *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 258-267.
- 1976b. Un petroglifo con inscripción en la comarca de las Hurdes, Cáceres. *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 268-291.
- 1979. Noticia de un grabado en las Erias (Cáceres). *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 229-233.
- 1983. Analogías y diferencias entre el arte rupestre de Las Hurdes y el del valle del Tajo. *Zephyrus*, XXXVI, pp. 259-265.
- 1991. *Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes (Cáceres)*. Acta Salmantica, n° 77, Salamanca, 216 págs.
- SEVILLANO, M. C., BÉCARES, J. 1997. Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes. *Extremadura Arqueológica VII*, pp. 75-94.
- SHEE, E. 1974. Painted megalithic art in western Iberia, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, Porto, pp. 105-123.
- 1981a. *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford.
- 1981b. A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, 3, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, pp. 49- 55.
- SEIVEKING, A. 1987. *A Catalogue of Palaeolithic Art in the British Museum*. British Museum Publications, Londres, 115 pp.
- SILVA, E. J. L. 2000. Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, in V. S. GONÇALVES (ed.), *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos*, *Trabalhos de Arqueologia*, vol. 25, Lisboa, pp. 269-280.
- SILVA, E. J. L., CUNHA, A. L. 1986. As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença), *Livro de Homenagem a Jean Roche*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, pp. 490-505.
- SILVA, A. F., RIBEIRO, M. L. 1991. *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 15-A Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

- SIMMONET, G., L., R. 1984. Quelques beaux objets d'art venant de nos recherches dans la grotte ornée de Labastide (Haute-Pyrénées). Approche naturaliste. *Bull. de la Soc. de Spéléologie et Préhistoire*, XXIV, pp. 25-36.
- SOBRINO BUHIGAS, R. 2000 [1935]. *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*. Seminario de Estudos Galegos, Edición do Castro, A Coruña, edición facsimilae.
- SOÑEÑA, G. 2005. Celtiberian Ideologies and Religion. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 347-410. [Disponível em <http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6>].
- SORIA LERMA, M., LÓPEZ PAYER, M. G. 1999. Arte esquemático en la Cuenca Alta del Segura. Nuevas aportaciones. *Boletín del Instituto de Estudios Gienenses*, nº 176, tomo II (Julio/Diciembre), pp. 909-943.
- SOUSA, O. 1988. As pinturas rupestres da mamoa 3 de Chã de Parada – Baião. Notícia preliminar. *Arqueologia*, nº 17, Porto, pp. 119-120.
- SOUSA, A. C., SOARES, A. M., MIRANDA, M., QUEIROZ, P. F., LEEUWAARDEN, W. V. 2004. *São Julião. Nucleo C do concheiro pré-histórico*. Cadernos de Arqueologia de Mafra, 2. Mafra.
- SOUTO, A. 1932. Arte Rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga). As insculpturas da Serra de Cambra e de Sever e a expansão das combinações circulares e espiraladas no noroeste peninsular, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. V (IV), Porto, pp. 285-300.
- STUIVER, M., REIMER, P. J., BARD, E., BECK, J. W., BURR, G. S., HUGHEN, K. A., KROMER, B., MCCORMAC, F. J., van der PLICHT, J., SPURK, M. 1998. INTCAL98 Radiocarbon age calibration 24,000 – 0 cal BP, *Radiocarbon*, 40, pp. 1041-1083.
- TAÇON, P. 1993. Introduction: Expressing relationships to the land by marking special places, in P. FAULSTICH and P. S. C. Taçon (eds) *Spatial considerations in rock art. Time and Space AURA* 8, pp. 81-83.
- 1999. Identifying sacred landscapes in Australia: from physical to social, in W. ASHMORE and A. B. KNAPP (eds), *Archaeologies of Landscape. Contemporary perspectives*. Blackwell, Oxford, pp. 33-57.
- TERÉS NAVARRO, E. 1987. Pinturas rupestres en El Raso de Candeleda, *Revista de Arqueología*, 73, pp. 60-61, Madrid.
- THOMAS, J. 1996. *Time, Culture and Identity - An interpretive archaeology*, London/New York, Routledge.
- 1993. The Politics of Vision and the Archaeologies of the Landscape, in B. Bender (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 19-46.
- TILLEY, C. 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Pats and Monuments*. Oxford: Berg.
- 2004. *The materiality of stone. Explorations in landscape phenomenology*, Oxford/New York, Berg.
- TOPPER, U. 1975. Felsbilder an der Südspitze Spaniens. *Madrid Mitteilungen* 16: 25-55. Instituto Arqueológico Alemán. Madrid.
- TOPPER, U. y W. 1988. *Arte Rupestre en la provincia de Cádiz*. Ed. Diputación Provincia de Cádiz. Cádiz.
- TOUS LES ANIMAUX DU MONDE. T. III. Larousse, 1971.
- UCKO, P., ROSENFELD, A. 1967. *Arte Paleolítico*. Ed. Guadarrama. Madrid.
- UCKO P. J., LAYTON, R. 1999. *The Archaeology and Anthropology of Landscape. Shaping your Landscape*, Routledge, London/New York.
- UNTERMANN, J. 1972. Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72: 1-2, pp. 5-41.
- UTRILLA, P., BLASCO, F. 2000. Dos asentamientos magdalenenses en Deza, Soria. *BSAA, Valladolid*, 2000. pp. 9-63.
- UTRILLA, P., BLASCO, F., RODANÉS, J. M.^a. 2006. Entre el Ebro y la Meseta: el Magdaleniense de la cuenca del Jalón y la placa de Villalba. En G. DELIBES y F. DIEZ (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española. Studia Archaeologica*. nº 54, pp. 173-213.
- UTRILLA, P., CALVO, M. J. 1999. Cultura material y arte rupestre levantino: la aportación de los yacimientos aragoneses a la cuestión cronológica. Una revisión del tema en el año 2000. *Bolskan*, 16, pp. 39-70.
- UTRILLA, P., RODANÉS, J. M. 2003. *Un asentamiento Epipaleolítico en el valle del río Martín. El Abrigo de los Baños (Ariño, Teruel)*. UniVersidad de Zaragoza, Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Área de Prehistoria. Zaragoza.
- UTRILLA, P., VILLAYERDE, V. 2004. *Los grabados levantinos del Barranco Hondo. Castellote (Teruel)*. Gobierno de Aragón. Departamento de Educación, Cultura y Deporte, 158 págs.
- UTRILLA MIRANDA, P., VILLAYERDE BONILLA, V., MARTÍNEZ VALLE, R. 2001. Les gravures rupestres de Roca

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- Hernando (Cabra de Mora, Teruel) . Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique. *Actas du Colloque de la Commission VIII de L'Uispp*: 161-174. Lisboa.
- VALLADAS H., MERCIER, N., FROGET, L., JORONS J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. TL Dating of Upper Paleolithic Sites in the Côa Valley (Portugal), *Quaternary Science Reviews*, vol. 20, nos. 5-9, pp. 939-943.
- VAN DEN BRINK, F. H., BARRUEL, P. 1971. *Guide des Mammifères sauvages de l'Europe occidentale*. Delachaux et Niestlé, 263. pp.
- VASCONCELLOS, L. DE. 1897. *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa.
- VIALOU, D. 1983. Art Pariétal Paléolithique ariégeois. *Rev. L'Anthropologie*. t. 87, 1. París. pp. 83-97.
- 1986. *L'art des grottes en Ariège magdalénienne*. XXVI Supl. de Gallia Préhistoire. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.
- VIANA, A. 1929. As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portucale*, nos. 10 e 11, Porto.
- 1960. Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço-Viana do Castelo, Portugal), *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Ourense*, tomo XX (I-IV), Ourense, pp. 209-231.
- VILAÇA, R. 2005. Entre o Douro e o Tejo, por terras do interior: O I milénio a. C. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 13-32.
- VILASECA, S. 1934. L'Estació-taller de sílex de Sant Gregory. *Memoria de la Academia de Ciencias y Arte de Barcelona*, XXIII: 415-439.
- VILLAVERDE, V. 1985. Hueso con grabados paleolíticos de la Cova de les Cendres (Teulada, Alicante). *Lucentum*, IV: 7-14.
- 1994. *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló*. Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación de Valencia, 2 vols., Valencia. 404, [482], págs.
- 2001. El Arte de los cazadores y recolectores del Paleolítico superior. En V. Villaverde (ed.) *De neandertales a cromañones. Los inicios del poblamiento humano en las tierras valencianas*. Universidad de València: 331-366.
- 2002. Contribution de la séquence du Parpalló (Espagne) à la sériation chronostylistique de l'art rupestre paléolithique de la Péninsule Ibérique". En D. Sacchi (dir.) *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image*. Gaep & Géopré: 41-58.
- 2005. Arte Paleolítico de la región mediterránea de la Península Ibérica: de la Cueva de la Pileta a la Cova de les Marevelles. En *Actas del Congreso Arte Rupestre en la España Mediterránea (Alicante, 2004)*. Ed. M. Hernández y J. Soler. 17-45. Alicante.
- VILLAVERDE, V., LÓPEZ MONTALVO, E., DOMINGO SANZ, I., LÓPEZ VALLE, R. M. 2002. Estudio de la composición y el estilo. MARTÍNEZ VALLE, R. y VILLAVERDE BONILLA, V (coord.); (con la colaboración de Guillem Calatayud, P. M. et al.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre, 1: 135-189.
- VILLOCH VÁZQUEZ, M. V. 1995. Monumentos y petroglifos: la construcción del espacio en las sociedades constructoras de túmulos del Noroeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 52. n° 1; pp. 39-55.
- VIÑAS, R., SARRIÁ, E., ALONSO, A. 1983. *La pintura rupestre en Catalunya*, Barcelona.
- WALDERHAUG, O., WALDERHAUG, E. M. 1998. Weathering of Norwegian Rock Art – a critical review. *Norwegian Archaeological Review*. Trondheim. 31:2, pp. 119-1.
- WATCHMAN, A. 1995a. Executive Summary. *Summary of report to Electricidade de Portugal*.
- 1995b. Dating the Foz Côa engravings, Portugal. En D. Seglie Ed. *News 95-International Rock Art Congress*. Turin. p. 98.
- 1995c. Recent petroglyphs, Foz Côa, Portugal. *Rock Art Research* 12 (2), pp. 104-108.
- 1996. A review of the theory and assumptions in the AMS dating of the Foz Côa petroglyphs, Portugal, *Rock Art Research*. 13 (1), pp. 21-30.
- WHITLEY, D. S. 1998. Finding rain in the desert: landscape, gender and far western North American rock art, in C. CHIPPINDALE, P. S. Ç. TAÇON (eds), *The Archaeology of Rock-Art*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 11-29.
- WHITLEY, A. 2000. Very like a whale: menhirs, motifs and myths in the Mesolithic-Neolithic transition in northwest Europe. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 10, n° 2, pp. 243-259.
- ZILHÃO, J. 1992. *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Trabalhos de Arqueologia, 6. Lisboa.
- 1995a. The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the palaeolithic